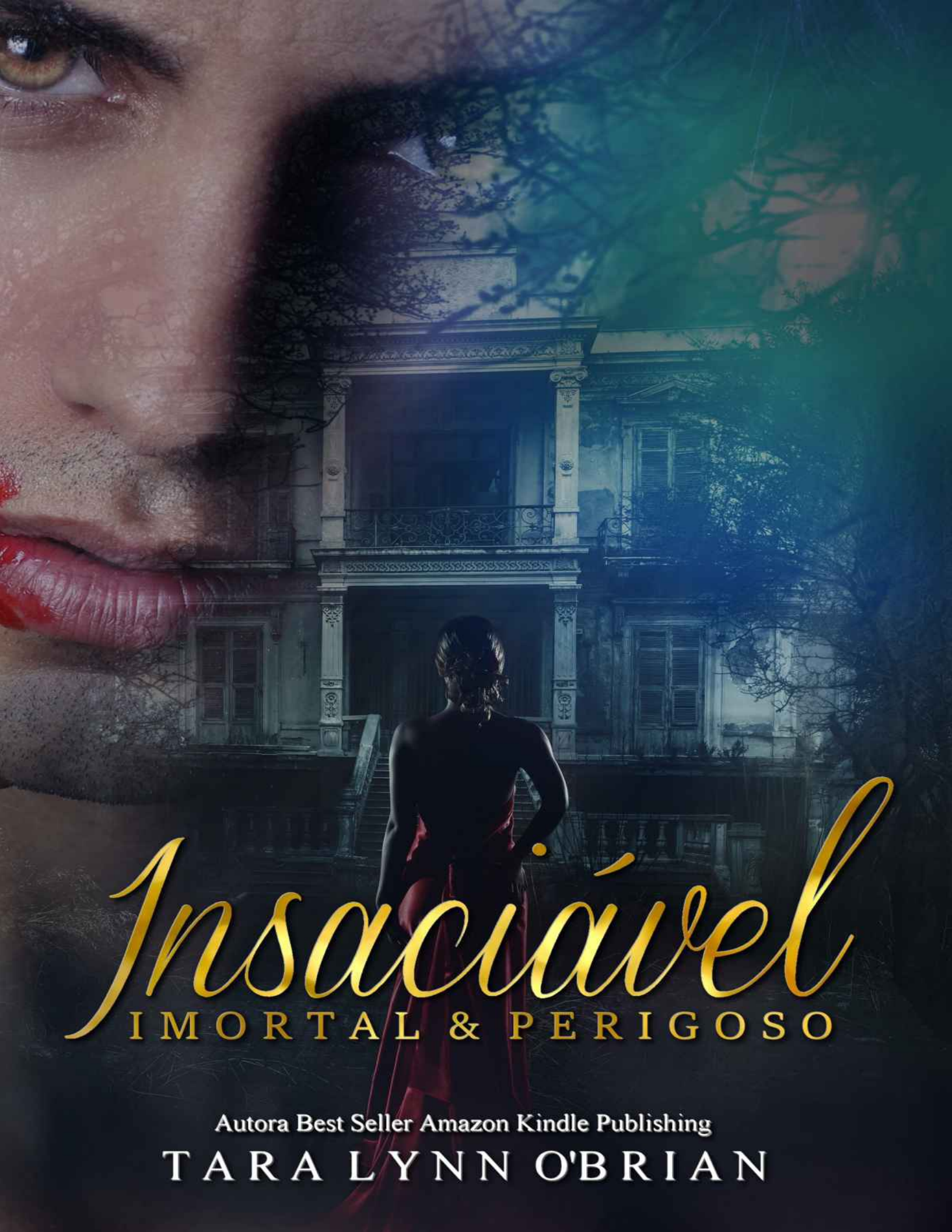




Insaciável

IMORTAL & PERIGOSO

Autora Best Seller Amazon Kindle Publishing

TARA LYNN O'BRIAN



INSACIÁVEL IMORTAL E PERIGOSO

TARA LYNN O'BRIAN

1ª Edição 2016

Selo Editorial – Eu Independente

Copyright © 2016 Selo Editorial Eu Independente
Todos os direitos reservados.
Criado no Brasil.

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas.
Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.
Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento por escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n.º 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Imagens de Capa: Deposit Photos
Arte da Capa: Equipe Editorial – Eu Independente
Revisão: Equipe Editorial – Eu Independente
Diagramação Digital: Equipe Editorial – Eu Independente

INSACIÁVEL, IMORTAL E PERIGOSO

Viktória Mészáros descobriu-se herdeira de uma antiga mansão abandonada, em uma cidadela medieval na Romênia. Decidida a conhecer a história de seus ancestrais, ela viaja para a Transilvânia e decide passar alguns dias na assustadora Mansão Zsigmond.

Ao caminhar pela imponente propriedade, Viktória é seduzida pela imagem de um belo homem retratado em uma pintura, na belíssima sala vermelha. Mas quando o homem do quadro invade seus sonhos noturnos, despertando-lhe a libido, e realizando suas fantasias mais secretas, Viktória se assusta com a intensidade do seu desejo pelo desconhecido.

O que ela não sabe é que seus sonhos tórridos estão cada vez mais perto de se tornarem reais. O homem que ela imaginava ser alguém do passado surge no presente e é ainda mais irresistível que a pintura pendurada na parede. E ele a quer para si.

Insaciável, imortal e perigoso, o Conde Drácula desperta novamente. Desta vez, no século XXI.

— *Você não pode fugir de mim, porque o seu destino está em minhas mãos. Você é minha e eu faço com você o que me der vontade.*

— *Quem você pensa que é para falar assim comigo?*

— *Eu sou Vlad Drakulya, o filho do dragão. O último Drácula.*

ÍNDICE

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[EPÍLOGO](#)

****VLAD****

Você, em algum momento da vida, já ouviu falar de mim. Isso não significa que as histórias sejam verdadeiras, mas ao menos meu nome não caiu no esquecimento. Alguém como eu não merece ser esquecido, pois minha vida é longa demais para simplesmente ser apagada da história.

Para muitos eu fui um monstro, para outros, um vilão incompreendido, talvez o filho do demônio, mas nunca um simples homem. Eu travei batalhas, vivenciei guerras, testemunhei mortes e fui o responsável pelo fim da vida de muitos. Não sou um santo, nem um mártir, nem um herói.

Eu recebi um dom muito tempo atrás. Sou imortal, mas preciso de vida para me manter de pé. A vida é simbolizada com o sangue e é dele que tiro minha fonte de juventude e eternidade.

Mas tudo tem um fim, e eu não quero viver para sempre.

Um dia eu pretendo envelhecer e morrer, mas este dia não é hoje.

Eu me chamo Vlad e sou um vampiro. Talvez não me conheça por este nome, mas tenho certeza que já ouviu falar de mim.

Muito prazer, eu sou Drácula.

****VIKTÓRIA****

Não sei quem sou realmente, mas sei quem quero ser: uma mulher independente, que não precisa de caridade para sobreviver. Alguém que luta pelo que quer, que supera os obstáculos e persevera pelos ideais que almeja alcançar. E eu vou conseguir, pode levar um tempo, mas não desistirei tão facilmente.

Meu nome é Viktória Mészáros e eu tenho vinte e três anos. Fui criada em um orfanato desde que era um bebê. Nunca fui adotada, era como se algo em mim repelisse qualquer casal de me querer em sua família. Então cresci sozinha, testemunhando outras crianças encontrarem um lar e irem embora sem dizer adeus. Aprendi que não devia me apegar a uma pessoa ao ponto de precisar de sua constante companhia, assim eu evitaria a dor do abandono e a tristeza causada pela saudade. Com exceção de uma única pessoa: Senhora Constanta, a zeladora do orfanato que se intitulou minha madrinha. Foi ela quem me criou, então nunca tive escolha a não ser amá-la e ser amada por ela.

Dona Constanta estava sempre por perto. Cuidava de meu bem-estar, ajudava-me com as lições de casa e até mesmo me ensinou a falar romeno, sua língua nativa. Já na adolescência, fluente, lhe questionei sobre o porquê de fazer tanta questão que eu aprendesse o idioma, mas ela sempre foi uma senhora muito fechada, dizia que futuramente ser bilíngue me ajudaria a me virar sozinha no mundo. Pois bem, não me ajudou em nada.

Quando completei dezoito anos, tive que sair do lar adotivo. Recebi auxílio financeiro de minha madrinha e consegui uma quitinete barata para viver por algum tempo, até encontrar um emprego. Não foi nada fácil e somente por um milagre eu não passei fome. Foram tempos difíceis, perdi minha madrinha dois anos depois. Vinte anos, desempregada, desabrigada, passei meus dias em trabalhos temporários que pagavam por hora, no fim do expediente eu tinha o suficiente para um pernoite em um motel xexelento e um hambúrguer com fritas de alguma lanchonete barata, no jantar.

Quem empregaria uma pessoa sem referências, comprovante de residência e nenhuma experiência profissional?

Até que um dia, finalmente, minha vida mudou para melhor. Conheci Margarida Flores. É, eu sei que o nome soa engraçado, mas Margarida é uma senhora muito amável e tem o coração mais puro que um ser humano poderia ter. Eu que ainda tinha aquela mentalidade de não me apegar a alguém, me deixei ser amparada pela mulher de pele negra e cabelos encaracolados com o sorriso acolhedor e sincero. A quitandeira querida por todos os moradores da vila me adotou como filha, e eu aprendi, depois de adulta, a confiar e desejar a companhia constante de alguém. Mas somente ela me cativou a este ponto, eu não sou o tipo de pessoa que faz amizade com facilidade.

Com os ensinamentos de mãe Margarida, tornei-me uma doceira de mão cheia. Aprendi a fazer bolos, caldas, recheios e coberturas deliciosas. Geleias de frutas, tortas, doces simples para coquetéis e finos para eventos requintados. Nos últimos três anos, essa tem sido minha vida: vender

minhas delícias na quitanda de mãe Margarida e ajudá-la a tocar seu negócio. Além disso, também aceito encomendas e isso me rende um bom dinheiro. Estou economizando para montar meu próprio negócio e finalmente proporcionar à minha mãe adotiva uma aposentadoria tranquila. É o mínimo que posso fazer por ela, depois de tudo o que ela fez por mim.

— Vik, tem um moço aqui querendo falar com você.

Estou na cozinha, preparando uma panela de brigadeiro. Mãe Margarida surge na porta e a reparo, de soslaio, me observando com os braços cruzados.

— Que moço?

Ela deve estar achando que eu estou de namorico com algum rapaz da vila.

— É um doutor, ele fala esquisito. Acho que não é brasileiro.

Continuo concentrada na massa de brigadeiro que borbulha na panela de ferro, está quase desgrudando do fundo e isso significa que vai dar ponto logo, se eu der bobeira, vai endurecer demais.

Não conheci nenhum homem recentemente, muito menos alguém que pudesse ser de fora do país. Ultimamente eu tenho desviado de todos os convites para encontros, não estou aberta a relacionamentos. Tive alguns namoricos com turistas que passavam curtas temporadas na vila litorânea. Os rapazes daqui já estão acostumados a levar fora, raramente um deles tenta assuntar comigo, pois sabem que eu não dou espaço para flertes. Casos com turistas têm prazo de validade, o que significa um coração livre de sofrimento amoroso.

— Um médico gringo? — Olho para ela com a testa franzida.

O brigadeiro está no ponto e apago o fogo. Despejo a massa quente em uma travessa de vidro untada com margarina, em seguida, coloco a panela na cuba da pia e só então viro-me para prestar atenção em mãe Margarida.

— Ele disse que é advogado e que tem um assunto muito importante para falar com você.

Seu olhar inquisidor me afeta. É como se ela tentasse me decifrar. Sempre fomos francas uma com a outra, jamais lhe escondi nada, então é perfeitamente compreensível que esteja me olhando de forma especulativa.

— Não conheço nenhum advogado, também não fiz nada de errado para alguém querer me processar — justifico, antes que ela possa imaginar mais besteiras. — Onde está o fulaninho?

— Na varanda. Eu é que não ia deixar um homem estranho entrar na nossa casinha.

— Fez bem. Eu vou até lá ver o que esse senhor deseja.

Mãe Margarida sorriu daquele jeito, igualzinho como faz quando tem homem bonito na quitanda.

— Ele não é exatamente um senhor, senhor. É um jovem muito bem-apessoado, eu diria.

Limpo minhas mãos na toalha de louça e tiro a touca de tecido da minha cabeça.

— Ajeita esse coque, seu cabelo está arrepiado. Parece o solzinho do *Teletubbies*.

— Você é hilária! — Passo as mãos no cabelo, tentando baixar o volume dos fios. — Melhorou?

— Mais ou menos.

Sem insistir em melhorar minha aparência, saio da cozinha e vou até a varanda de nossa casa. Ao passar pela porta, avisto um homem esguio, de cabelo loiro e pele clara, olhos azuis e sorriso simpático. Ele está me olhando fixamente, mas não como geralmente os homens costumam me olhar. Simplesmente parece feliz em me ver. Estou intrigada, pois meu sexto sentido diz que esse cara me conhece. Mas de onde?

— *Buna ziua domnisoara Mészáros, este o mare plăcere să te cunosc, în sfârșit.*

Fico em alerta assim que ouço suas palavras. O homem de terno de corte perfeito e sapatos brilhantes acaba de me cumprimentar no idioma romeno.

Basicamente, ele disse: “Olá, senhorita Mészáros, é um grande prazer conhecê-la, finalmente”.

O que isso significa?

****CAPÍTULO 1****

— Por favor, fale meu idioma — a jovem pediu, educadamente.

Viktória era fluente no dialeto romeno, mesmo que não praticasse com frequência. Volta e meia se pegava pensando, sonhando e cantando canções antigas no idioma que sua madrinha lhe ensinara quando criança. Mas não conhecia o homem à sua frente, não entendia o porquê de ele abordá-la em uma língua estrangeira. A não ser que soubesse mais sobre ela do que ela mesma.

— Eu falei. Você me entendeu perfeitamente, não foi? — questionou o advogado, em um português com sotaque carregado.

Viktória pestanejou, seu corpo ficando em alerta. Engoliu em seco e semicerrou os olhos.

— Quem é você?

O sorriso simpático não abandonou as feições do homem. Com as mãos no bolso da calça, ele adotou uma postura despreocupada. Fitando-a com admiração, pensava em uma maneira de abordar o assunto que lhe trouxera ao Brasil, especificamente naquela cabana humilde em um vilarejo no litoral sul do país.

— Sou Petru Moldoveanu, advogado. — Estendeu-lhe a mão direita para cumprimentá-la com formalidade.

Viktória o cumprimentou, ainda ressabiada.

— O que te trouxe aqui, senhor Petru?

O sorriso daquele homem a estava deixando nervosa.

— Você, senhorita Mészáros. Estou aqui por sua causa.

— Sem mais delongas, poderia ir direto ao assunto? — Acenou para uma das cadeiras de balanço, no canto da varanda. — Sente-se, por favor. Gostaria de algo para beber?

O homem anuiu e logo se acomodou em uma das cadeiras. Viktória se aproximou e sentou-se à frente dele.

— Um copo d'água, por favor.

— Mãe, a senhora poderia trazer um copo d'água para o senhor Petru? — pediu a jovem, sabendo que mãe Margarida estava ouvindo a conversa da sala de estar.

— Sim, filha. Eu já levo.

Margarida não estava sendo enxerida, era apenas precaução, a filha não conhecia o sujeito e, mesmo que fosse bem-apessoado, ainda era um estranho. Não a deixaria sozinha em hipótese alguma.

— Você pode começar a falar enquanto ela providencia sua água — instruiu Viktória.

O homem ficou sério, mas ainda tranquilo.

— Vou direto ao assunto, depois lhe apresento a documentação. Sou representante legal da família Mészáros, na Romênia. Você é a única descendente viva, portanto, única herdeira. Sua bisavó paterna, Mirela, faleceu recentemente aos cento e dois anos de idade. Fui incumbido de descobrir o paradeiro de Constanta Mészáros, filha de Mirela, que havia fugido do país de origem há mais de vinte anos. Tamanha foi minha surpresa ao descobrir que ela faleceu. Então soube que seu irmão gêmeo, Ciprian, teve um filho: Valeriu Mészáros, seu pai. Levei seis meses para descobrir o paradeiro dele, aparentemente, sua família tem o estranho hábito de se exilar. Depois de muita investigação, encontrei o senhor Mészáros em um vilarejo na Itália. Como único herdeiro vivo, ele voltou ao país de origem para os trâmites legais, exigidos no testamento. Mas adoeceu e, em seu leito de morte, confessou-me que teve uma filha e a entregou aos cuidados de sua tia Constanta, quando ainda era bebê. Ele nunca mais a viu, mas revelou-me o seu nome, Viktória.

O barulho do vidro se espatifando no chão fez Petru e Viktória pularem em seus assentos, assustados. A jovem estava estupefata diante de tantas descobertas. O advogado despejou uma sequência de informações, das quais ela nunca teve conhecimento, e, a cada palavra pronunciada, sua mente tentava processar os dados e compreender o sentido geral de tudo o que estava ouvindo.

O copo d'água havia escorregado da mão de mãe Margarida assim que ela chegou à varanda e ouviu o que Petru dissera sobre Viktória ter tido uma família e agora ser a única descendente viva. O português enrolado do homem não a impediu de compreender cada palavra. Abaixou-se para juntar os cacos de vidro, mas suas mãos estavam trêmulas.

— Perdoem-me, eu trarei outro copo! — Sua voz chorosa preocupou Viktória.

— Mãe, por favor, não mexa nisso com as mãos! Vai se cortar. — Levantou-se da cadeira e foi até mãe Margarida, fazendo-a se levantar. — Está tudo bem. A senhora pode me deixar alguns minutos a sós com o senhor Petru? Eu mesma recolherei os cacos de vidro e mais tarde conto tudo para a senhora.

Mãe e filha se olhavam com carinho, uma compreendendo a aflição da outra.

— Tudo bem, querida. Vou até a quitanda, está na hora de abrir. — Beijou a testa de sua filha. — Encontre-me lá, depois?

— Sim, eu irei.

Despediram-se e mãe Margarida se retirou, saindo rumo à sua quitanda no centrinho do vilarejo.

Petru observou as duas mulheres em silêncio, reparando em cada movimento e expressão de Viktória. A moça era exuberante e, certamente, muito parecida com sua bisavó. Ele não conseguia

parar de sorrir ao perceber as semelhanças, era incrível. Como alguém poderia ser a cópia fiel de sua ancestral? Mirela, se estivesse viva, se chocaria ao ver a bisneta. Seria como estar em frente a um espelho que refletisse sua aparência na juventude. Impressionante.

Viktória retornou ao seu assento, engolindo em seco. Tentou se manter calma, mas a ansiedade a estava deixando inquieta.

— Senhor Petru, a história que me contou agora há pouco não faz sentido algum para mim. Eu fui criada em um orfanato, Dona Constanta era a zeladora, e eu, uma órfã, como todas as crianças da instituição.

O homem pestanejou.

— Perdão, senhorita, mas o que digo é verdade. Pensei que soubesse de seu parentesco com Constanta Mészáros. Ela era sua tia-avó.

— Meu Deus... Eu não sabia. — Balançou a cabeça, em um gesto involuntário. — Cresci sem saber nada sobre minha família, Constanta adotou-me como sua afilhada, foi ela quem me ensinou a falar romeno. Quando morreu, fui comunicada pela administração do orfanato, que providenciou velório e enterro. Sua vida toda passou naquele orfanato, cuidando daquelas crianças. O pouco que ganhava, ajudava-me como podia...

“Então foi por isso que ela cuidou tanto de mim...”, pensou Viktória, deixando as lágrimas caírem.

Petru levantou-se e foi até a jovem, ajoelhou-se diante dela e a puxou para um abraço. Não soube dizer o porquê, mas sentiu vontade de confortá-la. Vulnerável, Viktória deixou-se ser amparada, chorou ainda mais, lembrando-se, em *flashbacks*, de todas as dificuldades que passara na vida e do momento doloroso que foi despedir-se de dona Constanta, sua madrinha, que acabara de descobrir ser sua tia-avó. Não esteve totalmente sozinha no mundo, afinal.

Mas por que o segredo? Por que Constanta não lhe contara que eram parentes?

Afastou-se do homem, sentindo-se envergonhada por ter chorado em seus braços. Ele era um estranho.

— Desculpe-me, senhor Petru. — Secou as lágrimas com as mãos, em um gesto brusco, nada delicado para uma dama.

— Tudo bem, senhorita Mészáros. — Levantou-se e tornou a sentar-se na cadeira de balanço. — É perfeitamente compreensível, dadas as circunstâncias.

A jovem respirou fundo, sentindo-se melhor.

— Eu gostaria de continuar, se não se importa. — Ele anuiu em silêncio. — Valeriu, meu pai. Você disse que ele adoeceu.

— Sim, ele teve uma forte pneumonia. Infelizmente, não resistiu.

— E minha mãe? Ele disse algo sobre ela?

Petru Moldoveanu hesitou por alguns instantes, antes de lhe responder.

— Sua mãe faleceu no parto. Por isso ele lhe entregou para Constanta, disse que ela a protegeria da maldição.

Viktória franziu a testa, mas não conseguiu esconder o sorriso de deboche.

— Maldição? Sério? — Revirou os olhos. — Ele não quis assumir a responsabilidade de cuidar de mim e então inventou essa besteira de maldição, só pode! Como se eu fosse acreditar em uma loucura dessas.

— Ele estava bastante febril quando me fez essa revelação, portanto eu não considereei essa parte — complementou o advogado. — Como tinha a localização de Constanta Mészáros, no Brasil, retomei minha investigação, desta vez, à procura de uma Viktória. Os detetives que contratei tiveram um pouco de trabalho, mas conseguiram encontrá-la.

— Por que é tão importante assim, me encontrar? — questionou a jovem. — Não há mais ninguém, sou a última Mészáros, ao que tudo indica. Está aqui para cobrar seus honorários, é isso? Quer que eu pague em nome de toda essa gente que nunca se interessou por mim, mas que morreu e ficou te devendo?

Petru começou a rir, foi inevitável. A indignação de Viktória era hilariante.

— Não, claro que não! — conseguiu dizer, depois de controlar o acesso de risos. — Estou aqui por causa de sua herança. Você é a única herdeira de Mirela Mészáros, agora que seu pai faleceu.

— E o que eu herdei, exatamente?

— Além da Mansão Zsigmond e outras propriedades menores, há uma conta bancária com aproximadamente vinte milhões de dólares e mais de cinquenta milhões aplicados em fundos de investimentos.

— Que porra de brincadeira é essa? — Levantou-se, sentindo os batimentos cardíacos acelerarem. — Acha mesmo que eu vou cair nessa? Eu nem te conheço. Como pode bater à minha porta e “tirar onda com a minha cara” desse jeito? É algum tipo de golpe, não é? Já estou vendo tudo! Quanto dinheiro terei que desembolsar para receber essa herança?

Petru levou tempo para assimilar tudo o que Viktória estava lhe dizendo. Era fluente em cinco idiomas, mas o português não foi um dos mais fáceis de aprender. A jovem usou algumas expressões que ele desconhecia, mas basicamente compreendeu o motivo de ela ter se revoltado. Viktória acreditava que estava sendo vítima de um golpe. Levantou-se e tentou se aproximar dela, visando acalmá-la, mas ela recuou alguns passos e ele entendeu que a estava assustando.

— Por favor, senhorita. Se acalme — pediu, atrapalhando-se com as palavras. — Se aguardar alguns minutos, vou até meu carro buscar os documentos que comprovam que digo a

verdade. Tive a iniciativa de preparar uma cópia, em português, caso queira pedir que um advogado brasileiro analise os papéis e confirme a autenticidade.

Será que ele diz a verdade? Eu, Viktória, herdeira de uma fortuna?

— Vá buscar os papéis, senhor Petru. Eu vou ligar para minha advogada. — Não tinha uma advogada.

O homem anuiu, com um gesto de cabeça, e encaminhou-se para o portão da propriedade.

— Ei, Petru! Espere. — Ele parou abruptamente e virou-se para fitá-la novamente. — De que lugar da Romênia é minha família?

— Transilvânia — respondeu, virando-se de costas para ela, caminhando em direção ao carro alugado.

Viktória riu, ainda sem acreditar que aquilo era verdade.

Tá legal, só falta me dizer que eu sou prima do Conde Drácula.

**_ ♡ *_*_

Viktória Mészáros era realmente a única herdeira de Mirela Mészáros. Após confirmar a autenticidade de todos os documentos apresentados pelo advogado, foi a vez de a jovem órfã provar sua identidade. Um exame de DNA comprovou o parentesco de Viktória com a família Mészáros, o que foi um grande alívio e surpresa para ela. Descobrir, depois de vinte e três anos, sua verdadeira origem, tirou-lhe um peso das costas, mas lhe trouxe aflições com as quais não conseguia lidar.

Por que seu pai a entregou à sua tia?

Por que sua tia nunca lhe contou que eram parentes?

Por que sair da Romênia e se exilar no Brasil?

Constanta fugia de quê? De quem?

O que seu pai quis dizer quando mencionou uma maldição?

Perguntas que não teriam respostas, visto que todos os seus familiares estavam mortos. Quanta tragédia em uma única família. Mirela, a bisavó, foi a que resistiu por mais tempo. Cento e dois anos? Era uma dádiva ter uma vida tão longínqua.

Segundo Petru, a bisavó de Viktória viveu confortavelmente em uma casa de repouso no condado de Braşov, até sua morte. Tivera dois filhos, gêmeos, Ciprian e Constanta. Ambos viveram na mansão Zsigmond, quando adultos, por décadas. Ela nunca se casou nem gerou descendentes. Ele tivera um filho, Valeriu, mas não chegou a se casar. A mãe da criança morreu após dar à luz. Ciprian morreu aos cinquenta e cinco anos, quando Valeriu tinha vinte. Após a morte do irmão, Constanta foi embora da mansão, mas permaneceu na província da Valáquia para ficar perto de

sua mãe, que optou por se internar em uma casa de repouso. Valeriu também foi embora. Meses depois, Constanta desapareceu misteriosamente e Mirela não teve mais notícias da filha e do neto. Ninguém soube dizer quando foi a última vez que viram os Mészáros.

— Após o falecimento de Mirela, iniciei minha busca por Constanta e Valeriu — revelou Petru, em uma das conversas que tiveram. — Eu estive com ele por alguns dias, o acompanhei durante sua visita à mansão Zsigmond. Era muito solitário, o seu pai.

— Talvez por escolha própria, já que teve uma filha e a abandonou. — Viktória transpareceu a mágoa que sentia, era algo que não conseguia disfarçar.

— Ele só me contou sobre você quando se deu conta que não tinha muito tempo de vida. Pediu-me que te encontrasse e protegesse.

— Não compreendo...

— Talvez ele quisesse que você recebesse a herança à qual tem direito e fosse orientada sobre como zelar seu patrimônio. Trata-se de uma fortuna, Viktória.

— Eu sei.

— Valeriu era um homem muito fechado, não tinha amigos e ninguém com quem quisesse estar em seus últimos dias. Minha família estimava muito sua bisavó. Meu bisavô, meu avô e meu pai foram grandes amigos dos Mészáros. Eu sou a quarta geração Moldoveanu a optar por Direito, quando meu pai se aposentou, o Legado ficou para mim, juntamente com a responsabilidade de administrar os bens da sua bisavó. Se eu não encontrasse nenhum herdeiro, a mansão Zsigmond se tornaria um museu e o dinheiro doado. Prometi a Valeriu que te encontraria.

Com aquela revelação, o nível de confiança que Viktória tinha pelo advogado, cresceu consideravelmente. Petru era gentil e bastante prestativo. Sanou suas dúvidas e se dispôs a esperá-la para ir à Transilvânia, conhecer a mansão que foi o lar de sua família e agora lhe pertencia. Ele não precisava ter se esforçado tanto para localizar uma bisneta perdida, poderia ter dado a família como extinta e providenciado a doação de toda a fortuna, ou dado um jeito de ficar com parte dela. Mas ali estava ele, após meses de investigação, trazendo parte de uma história que jamais pensou em resgatar. Não se tratava apenas do dinheiro, mas de sua origem. Havia algo misterioso por trás da família Mészáros, Viktória não sabia por que acreditava naquilo, mas era quase instintivo. Petru Moldoveanu era o único que poderia guiá-la naquela jornada. Inicialmente, desconfiara das intenções do jovem de sorriso fácil e simpatia espontânea, mas aos poucos ele conquistou o benefício da dúvida.

— Qual era o nome da minha mãe?

— O nome dela era Ekatherina.— E a tal maldição? — perguntou, com um sorriso debochado. — Não posso ter um filho? Vou morrer no parto também? Ciprian não se casou com minha avó, mas Valeriu se casou com Ekatherina?

— Não, eles não eram casados.

— Se a sua família é tão amiga da minha, sabiam sobre o filho de Ciprian. Não foi um detetive que descobriu isso para você, não é?

Ele não conseguia fitá-la. Viktória era esperta. Gostou muito da forma como ela ligava as peças daquele quebra-cabeça, mas não podia falar mais. Não podia assustá-la, ela teria que ver com seus próprios olhos e descobrir por si só. Havia um limite que ele não podia ultrapassar, para o seu próprio bem e o dela.

— Perdão, Viktória. Não mencionei sua mãe antes para que não me perguntasse sobre a família dela. Há tanta morte no seu histórico familiar, sinto muito, realmente não há mais ninguém. Sobre o seu pai, poucos sabiam que Ciprian teve um filho, ele não revelava seu parentesco com os Mészáros. Provavelmente sua mãe nem sabia o sobrenome dele.

Ela balançou a cabeça, inquieta.

— Tantos segredos e omissões... — murmurou, pensativa. — Deve haver algo muito ruim por trás disso tudo, não é?

Ele não soube lhe responder, o que fez a garota desconfiar do advogado e optar por não confiar nele cegamente.

**_ ♥ _*_*_

Levou pouco mais de um mês para que Viktória estivesse pronta para ir à Romênia. Não tinha passaporte, pois nunca lhe passou pela cabeça fazer uma viagem internacional. Petru lhe auxiliou em tudo o que foi preciso, toda a despesa paga por ele, ou melhor, por ela, pois Petru era seu tutor até que toda a burocracia fosse resolvida.

O mais difícil foi convencer Margarida. A senhora temia pelo bem-estar de Viktória, fosse uma tragédia durante o voo ou tráfico de mulheres. Todo tipo de teoria percorreu seus pensamentos por semanas. Margarida não confiava em Petru, achava muito estranho que a menina que encontrara desamparada na rua tornou-se uma mulher milionária da noite para o dia, e o advogado queria apenas lhe entregar todo aquele dinheiro, por lealdade à uma família que Viktória nunca chegou a conhecer ou pertenceu realmente.

— Não estou indo pra ficar, mãe.

— Você não precisa desse dinheiro todo, filha. Eu sei que passou por momentos ruins, mas agora você tem a mim. Nossa quitanda traz o sustento para dentro de casa, a gente vive bem, meu amor.

— Não é só pelo dinheiro, mãe. Eu estaria mentindo se dissesse que não me interessa. Vai mudar a nossa vida. Poderei ter minha loja de tortas, comprar uma casa maior para nós, é dinheiro que não acaba mais. Nem sei o que fazer com tanto, mas não é a herança que me motiva a ir tão longe. Quero saber mais sobre essa família que devia ser a minha. Não sei explicar, é como um chamado dentro de mim, me atraindo pra lá.

Margarida abraçou a filha e, ao se afastar, fez o sinal da cruz.

— Isso é coisa ruim, minha pequena. Eu não confio nele, sorri demais.

Viktória riu.

— Petru é uma boa pessoa, a senhora está com ciúmes.

— Não é ciúmes, é sexto sentido de mãe. Nunca falha, escute o que estou dizendo.

— A senhora confia em mim?

— Claro que sim! — Sentiu-se ofendida. — Eu não confio é naquele namoradinho de *Barbie* com sotaque esquisito.

— Não fale assim do Petru, ele não parece o *Ken*. A senhora está sendo implicante com ele.

— Meu coração está apertado, filha. — Sua voz trêmula denunciava o choro que estava engolindo.

— Uma semana, mãe. É o máximo de tempo que ficarei. Ligarei todos os dias, não me importa se for caro. Eu sou milionária, agora. Não sou? Se eu não der notícias, a senhora pode acionar a polícia, fazer o fuzuê que quiser até me encontrar.

— Você sabe que eu faço!

— Eu sei, mãe.

— Vá com Deus, minha menina.

**_ ♥ _*_*_

Foram quase onze horas de voo até Barcelona, na Espanha. De lá, mais três horas de voo para Bucareste, capital da Romênia. Para Viktória, tudo era muito novo e sentiu-se nervosa por estar voando pela primeira vez, mas Petru a tranquilizou e, por sorte, ela não era o tipo de pessoa que enjoava. Estava mais apreensiva de cometer alguma gafe durante a viagem, do que com medo de alguma catástrofe. Para passar o tempo, levava consigo um bom livro. Viciada em romances sobrenaturais, Viktória estava no oitavo livro da série *Irmandade da Adaga Negra*, da autora *J.R.Ward*, *Amante Libertada*.

— Sobre o que é este livro? — perguntou Petru, ao acordar e ver que Viktória continuava vidrada em sua leitura.

— Vampiros.

— Que irônico...

Ela pestanejou.

— Por que seria?

O sorriso de Petru foi diferente de todos os que ela já recebera.

— Estamos indo para a Transilvânia. — Deu-lhe uma piscadela.

— Oh, sim! — Riu. — Mas estes vampiros são de Idaho. O cenário da trama é Caldwell.

Ao desembarcarem em Bucareste, Viktória não quis parar para descansar em nenhum hotel, preferiu seguir viagem. Dormira o suficiente durante o voo e estava ansiosa para chegar logo à mansão Zsigmond. Havia um carro esperando por eles, no aeroporto, mas o caos no trânsito de Bucareste transformou o trajeto em um pequeno tormento, até a estação de trem. A temperatura beirava os vinte e sete graus, em meados de agosto, o que não foi surpresa para Viktória, que estava acostumada ao calor. Ao desembarcarem em Brasov, havia outro carro aguardando por eles. Exausta, a jovem não via a hora de finalmente chegar ao seu destino final.

— Você é bastante teimosa, Viktória — observou Petru, durante o trajeto até Bran. — Poderíamos ter ficado em um hotel e seguir viagem amanhã.

Ela sabia que ele tinha razão, mas não quis dar o braço a torcer.

— Prefiro assim — retrucou. — Conseguirei dormir tão logo estiver acomodada. Tenho dificuldades de me adaptar a ambientes não familiares, então quanto mais cansada estiver, melhor.

Era um dos traumas que adquirira após sair do orfanato. Já pernoitara em tantos lugares, que lhe custou muito dormir sem se deixar levar pelo medo. Os pesadelos a dominaram por tanto tempo, que precisou de terapia para finalmente se libertar das lembranças que lhe tiravam o sono. Mas aquela era uma exceção, estava a caminho de uma mansão em uma cidadela medieval, na Transilvânia. Seria mentira se dissesse que não estava apreensiva. Já lera livros sobrenaturais o bastante para alimentar sua imaginação ao ponto de recriar cenas em seu subconsciente. Cenas bastante desagradáveis.

— Estamos chegando, veja. — Apontou para o alto de uma colina, enquanto o carro transitava por uma estradinha muito estreita.

— Uau!

O céu cinza-apocalipse e as nuvens baixas, combinados ao fraco pôr do sol, transformaram a vista em algo pitoresco e deslumbrante.

Linda e sombria nas mesmas proporções...

Não podia ser verdade que ela era a dona de tudo aquilo.

— É isso que você chama de mansão? Puta merda, Petru! Isso é um castelo!

****VLAD****

Ela chegou!

Posso sentir sua presença, sua essência. Tão perto e tão viva. Tão minha.

Preciso vê-la e eliminar minhas dúvidas, mas ao que tudo indica, Viktória é mesmo uma Mészáros.

Portanto, me pertence.

Uma legítima Mészáros, como minha amada Mirela e sua filha Constanta, por quem tive imenso apreço.

Mas ainda não posso me fazer presente, ou ela se assustará. Preciso agir com cautela.

Ela é a última de sua linhagem, uma joia preciosa e rara.

Eu sou o único de minha espécie, letal e imortal.

Preciso dela tanto quanto ela precisa de mim.

No momento oportuno, eu me revelarei.

****VIKTÓRIA****

Desço do carro e olho em volta, encantada. O jardim é imenso e cheio de esculturas espalhadas, as fontes de água são muito bem-cuidadas e a floresta de pinheiros em volta da propriedade forma uma linda moldura a esse maravilhoso palácio. Petru foi humilde em dizer que eu herdara uma mansão. Zsigmond poderia ser o lar de um rei.

— Não é um castelo — diz Petru, seguindo-me. — Há eletricidade, sistema de calefação e até Wi-Fi. Foi construído no final do século XIX, mas reformado algumas vezes, incrementado com algumas mordomias.

— Não tem aparência medieval...

— De fato, a arquitetura segue o estilo renascentista germânico. Venha, vamos entrar.

Somente quando ouço Petru dar orientações ao motorista para levar nossas malas para dentro da mansão é que me dou conta que esse tempo todo eu tenho falado com ele no dialeto romeno. Ele tira do bolso um chaveiro e toma a frente, subindo os degraus de entrada.

— Esse lugar deve ser rodeado por turistas o tempo todo, não? — pergunto, ainda tentando assimilar a exuberância da mansão Zsigmond. — Quero dizer, ninguém mora aqui há quanto tempo?

Petru me encara e sorri. Em seguida, ao chegar à imensa porta de entrada, ele pressiona um discreto botão dourado, tendo acesso a um painel digital, com teclas numeradas de zero a nove.

— O sistema de alarme é de última geração, há câmeras de vigilância por toda a propriedade — revela, enquanto digita uma sequência numérica. — Os cidadãos locais sabem que esta é uma propriedade privada, e o fato dos Mészáros estarem desaparecidos causa burburinho entre os moradores. Há algumas lendas urbanas em torno da mansão Zsigmond, o que serve como repelente contra invasores. Mas há sim uma segurança rigorosa em torno da propriedade. Existe uma equipe responsável em zelar pelo patrimônio da sua família, eu mesmo me certifiquei de selecionar a melhor empresa do ramo.

A porta se abre e Petru entra, ainda estou absorta em sua explicação. Lendas urbanas em torno da mansão Zsigmond? Cada vez mais essa história fica estranha. Entro a passos lentos e minha boca se abre na medida em que meus olhos detectam a riqueza do lugar.

— Cacete, isso aqui é muito chique... — Eu não estou falando romeno agora.

Nem que eu quisesse, poderia descrever tanta beleza. A decoração alterna entre o clássico e contemporâneo, uma mistura de passado, presente e futuro, tudo em um lugar só. Com certeza foi gasta uma pequena fortuna para mobiliar e transformar essa “casa” em algo surreal.

— Estou me sentindo Alice no País das Maravilhas...

— Esse é apenas o hall de entrada, Viktória. São mais de sessenta cômodos no total, todos

decorados com estilos mundiais variados. Do florentino ao turco, passando pelo austríaco. Seus antepassados se dedicaram muito para transformar a mansão Zsigmond no que ela é hoje. É uma pena que esteja fechada por tanto tempo. Falta vida, nesta propriedade. Talvez você mude isso.

— Eu tenho pena da pessoa que limpa tudo isso. Deve dar um trabalhão! — Olho em volta.
— Tem certeza que isso tudo é meu mesmo?

— Absoluta.

Balanço minha cabeça, em um gesto de negação.

— Eu não pretendo ficar nessa casa enorme — revelo.

Petru arregala os olhos, como se não esperasse que eu dissesse o que disse.

— Posso colocar à venda?

A risada dele é estrondosa e ecoa por todo o ambiente.

— Tem noção de quanto vale essa propriedade? Não é como se você fosse colocar uma placa de “vende-se” no portão e chovesse compradores.

Dou de ombros.

— Por que não? É linda, maravilhosa. Venderia muito rápido.

— A mansão Zsigmond está avaliada em quatrocentos milhões de dólares, Viktória.

Quase engasguei.

— Isso é muita grana. Como conseguirei mantê-la? Tudo o que eu sei fazer na vida são tortas e cupcakes.

Ele sorri, discretamente, e me encara como se eu fosse uma criança mendigando atenção.

— Você tem muito o que aprender ainda, senhorita Mészáros. Mas em breve estará ciente de tudo acerca da mansão Zsigmond. Dê tempo ao tempo.

O motorista aparece de repente, deixando as malas na entrada.

— Obrigado, Claudiu. Você pode ir agora — Petru dispensa-o. — Nos vemos amanhã pela manhã.

— Certamente, senhor Moldoveanu. Até amanhã. Com licença, senhorita Mészáros.

— Até amanhã, Claudiu.

Ele se retira e fecha a porta atrás de si.

— Deixe-me mostrar o seu quarto, você deve estar exausta, Viktória.

— Espere, eu não vou dormir nesse castelo sozinha. Vou? — Deixei transparecer todo o

pavor que a possibilidade me causava.

Petru se aproxima e segura-me pelos ombros.

— Não se preocupe, eu permanecerei nesta casa durante sua estadia aqui. E amanhã você conhecerá Ioana, a governanta. É uma senhora adorável.

— Certo — concordo, exausta demais por fazer perguntas.

Minha cabeça está doendo, meu corpo está dolorido, quero tomar um banho e me jogar em uma cama bem macia. Se bem que, do jeito que estou cansada, até um tapete desses “chiquetosos” serviria.

Amanhã eu vou bombardear esse homem com perguntas, pode apostar que sim.

Sigo Petru para outro cômodo da “casa” — difícil chamá-la assim —, sempre atenta ao máximo de detalhes que consigo assimilar. Passamos por uma sala de estar, onde poltronas verdes estão espalhadas sobre um imenso tapete em tons de verde e vermelho. Reparo em um dos quadros pendurados na parede e a imagem do homem ali retratado me prende, hipnotizando-me.

— Esqueci de perguntar, você está com fome? Há suprimentos na cozinha.

Desprendo minha atenção do quadro e encaro Petru, com a testa franzida.

Suprimentos, é sério? Estamos em alguma missão do exército ou algo assim? Esse homem fala de maneira tão formal que chega a ser irritante. Guardo o pensamento para mim.

— Não, eu só preciso tomar um bom banho e dormir.

— Tudo bem, vamos lá.

Ele caminha em direção às escadas que levam ao segundo andar, mas eu não consigo segui-lo. Estranhamente, algo me prende e fixo meu olhar no quadro, mais uma vez.

— Quem é ele, Petru? — pergunto, não conseguindo esconder minha curiosidade.

O homem de pele claríssima e cabelos negros tem um olhar penetrante. Os olhos castanhos me prendem a atenção. A pintura é quase uma fotografia.

— Este foi o grande amor de sua bisavó, Mirela. Você irá encontrar outros quadros pelos cômodos de Zsigmond. Ela era uma exímia artista. Todos os quadros expostos na mansão são de autoria dela.

— Incrível. Então, esse é meu bisavô?

— Não. Eles não se casaram.

— O que meu bisavô achava de ter quadros de outro homem espalhados pela mansão?

— Seu bisavô não viveu nesta casa, ele morreu muito jovem. Mirela ainda estava grávida.

Um arrepio percorreu minha espinha.

— Cruzes! Mas todo mundo morre nessa família, sai pra lá, saravá! — Faço o sinal da cruz, em um gesto supersticioso.

— Há muita história para ser contada, Viktória. Eu apenas não sei por onde começar ou se devo lhe contar tudo. Talvez não seja a pessoa indicada para lhe revelar tantos mistérios.

— Ah, queridinho, aí é que você se engana. Porque amanhã, o senhor Petru vai abrir essa matraca e me contar tudo o que eu quiser saber. Deu para entender ou quer que eu desenhe?

Segurei a risada ao ver sua expressão de espanto.

Estou sendo legal desde que esse homem apareceu em minha casa, colocando minha vida de pernas para o ar. Mas não vou simplesmente aceitar tudo de mão beijada, sem saber o que realmente me interessa. E tudo sobre os Mészáros me interessa.

— Eu...

— Estou cansada, Petru — interrompo. — Mostre-me o meu quarto, por favor. Amanhã conversamos.

— Certamente, senhorita. Acompanhe-me.

O trajeto é feito em silêncio. Subimos as escadas e logo me vejo em um imenso corredor. São inúmeras portas e estou quase certa sobre ter que espalhar migalhas de pão para não me perder pelo caminho. Petru para e aponta para uma porta.

— Aqui, este é o seu quarto. Escolhi por ser um dos mais bonitos da mansão e por não ficar tão longe do acesso ao andar de baixo. — Abre a porta e acena para que eu entre.

Não quero parecer uma pobre deslumbrada a cada vez que entro em algum cômodo da mansão Zsigmond, mas, cacete! A decoração em branco e dourado me deixa de queixo caído. Não é nada como imaginei.

— Confesso, esperava algo bem antigo — murmuro.

— Entendo, mas como disse antes, a mansão foi reformada. Há toalhas limpas, no armário. Pedi que loana preparasse tudo para recebê-la. Vou deixá-la para que descanse.

— Obrigada, até amanhã, Petru.

Ele me encara em silêncio e sinto-me desconfortável. É como se Petru estivesse hesitando para sair do quarto.

Nem vem que não tem, loirinho!

— Certo. Boa noite — despede-se, saindo em seguida.

Quando a porta se fecha, respiro, sentindo-me aliviada. Finalmente estou sozinha, depois de

longas horas de viagem. De repente, nada mais é importante além de água morna caindo sobre meu corpo exausto. Entro no toalete e sorrio ao ver a banheira, parece como as dos filmes que vejo e invejo. Abro a torneira e ajusto a temperatura, jogo alguns sais na água e tiro minha roupa, entrando em seguida, submergindo no pouco de água que tem. Recosto minha cabeça na borda e fecho meus olhos, tentando relaxar um pouco.

**_ ♡ *_*_

— Bem-vinda ao lar, Viktória.

A voz masculina é desconhecida aos meus ouvidos, mas a sensação que tenho é de que esperava ouvi-la há muito tempo. E por mais incrível que possa parecer, eu sei a quem ela pertence. Abro meus olhos e encaro o homem que não saiu de meus pensamentos desde que o vi, retratado na mais bela pintura.

— Obrigada — respondo enquanto analiso-o.

— Eu esperei por você, ansiosamente.

Estou deitada na banheira, escondida em meio à espuma. Mas apesar de não o conhecer, não me sinto constrangida por estar nua em sua presença.

— Você é real? — pergunto.

— Tão real quanto você. Por que a pergunta?

Franzo a testa.

— Porque te vi em um quadro.

Ele sorri e se aproxima, sentando-se na borda da banheira, onde meus pés repousam.

— Há muitos quadros nesta propriedade, com a minha imagem. Isso te amedronta?

Nego, com um gesto de cabeça.

— Na verdade, me intriga.

— Eu sei que sim. — Ele segura um de meus pés e o leva até seus lábios, depositando um beijo suave. Minha respiração acelera e minha pele se arrepia. Muito me agrada o toque de suas mãos em minha pele. — Você é tão bonita, Viktória...

— Qual seu nome?

Seus olhos castanhos se prendem aos meus, ele me fita com demasiada intensidade.

— Ainda não posso dizer — responde-me.

— Por quê?

— Não é o momento, mas em breve você saberá de tudo. — Solta meu pé, apoiando-o

novamente na borda da banheira, em seguida, fica de pé, ainda me observando.

— Quero saber de tudo, agora — exijo, levantando-me da banheira, sem pudor algum.

Seu olhar percorre o meu corpo e o sorriso de cobiça me garante que ele gosta do que vê.

Ele dá um passo à frente, e mais um. Não estou com medo.

— Tudo o que precisa saber agora, doce Viktória, é que você é minha...

Suas mãos tocam minha cintura desnuda e ele me puxa para perto de seu corpo. Veste jeans e camiseta, ambos pretos. Os pés descalços... Minha respiração falha, mas não tiro os olhos dele. Toco seus ombros, me mantendo junto ao seu corpo. Deslizo uma de minhas mãos por seu braço e sinto sua pele fria. Sua mão desliza sobre meu quadril e ele para ao chegar em meu traseiro.

— Não há nenhuma dúvida quanto a essa verdade, Viktória.

— Não entendo...

— Apenas sinto.

Seus lábios se aproximam dos meus e o beijo está cada vez mais perto de acontecer.

Mas tudo escurece e sinto seu corpo se afastar do meu.

*_*_*_ ♡ *_*_*

Abro meus olhos, assustada. Olho em volta e não vejo ninguém. A água da banheira esfriando e a torneira está fechada. Não me recordo de tê-la fechado.

— Dormir no meio do banho, Viktória? — pergunto a mim mesma. — Sorte sua não ter se afogado.

Saio da banheira e alcanço a toalha felpuda. Seco-me e só então me recordo que minha mala ainda se encontra no hall da mansão.

— Droga!

Por sorte, há um roupão pendurado em um gancho atrás da porta do toalete. Visto-me e enrolo a toalha de banho na cabeça. Volto para o quarto e assusto-me ao encontrar minha mala em cima da cama. Meu coração congela por alguns segundos, fico apreensiva. Corro até a porta e viro a chave, trancando-me. Havia me esquecido de fechá-la, mas Petru entrar enquanto eu estava no banho, dormindo, não é algo que me deixa confortável.

— Mas o homem do quadro podia te ver pelada, né, safada? — digo em voz alta, para ver se entra algum juízo na minha cabeça.

****CAPÍTULO DOIS****

— Você é estúpido? — trovejou Petru, enfrentando Vlad. — Quer colocar tudo a perder no primeiro dia?

— Cuidado com as palavras, Moldoveanu. Eu posso fazê-lo engolir a própria língua.

Estavam no sótão na mansão Zsigmond, onde Vlad costumava passar grande parte do seu tempo entre livros e memórias antigas.

— Você precisa de mim — lembrou Petru, arqueando as sobrancelhas.

— Não, eu preciso dela. Você é substituível.

O advogado riu com desdém.

— Quer entregá-la a qualquer um? Sou seu único amigo, Vlad. O homem que vai assegurar sua eternidade.

Foi a vez de o vampiro gargalhar.

— Como se fosse um enorme sacrifício o que precisa fazer, para colaborar com isso. — Sentou-se na poltrona, atrás de sua escrivaninha. — Viktória é linda. A perfeição em forma de mulher.

Petru se sentou na poltrona livre, ficando de frente para Vlad.

— Sim, ela é. E idêntica a Mirela Mészáros quando jovem — acrescentou Petru.

Vlad desviou o olhar do amigo. Falar de Mirela o remetia a doces lembranças. Quando colocou os olhos em Viktória, deitada naquela banheira, foi como se o relógio andasse para trás, transportando-o para uma época onde não sentia a necessidade de se manter escondido, pois havia uma pessoa que o fazia querer estar sempre por perto.

— Somente em aparência, nunca em essência. Mirela era como um anjo na Terra. Viktória é como um demônio pronto para te levar à perdição.

Tentou resistir ao impulso de vê-la, mas não conseguiu. Quando a jovem descendente estava desfrutando de um banho quente, Vlad entrou sorrateiramente em seu quarto, depositou a mala da mulher em cima da cama e, por alguns segundos, quis contemplá-la em segredo. Aproximou-se com agilidade e admirou a mulher nua, esticada na banheira, coberta por espuma branca. Trancou a respiração e memorizou cada detalhe, Viktória estava de olhos fechados, deleitando-se com a água morna em seu corpo. Perdeu-se ali, naquele momento, apreciando tão bela perfeição humana diante de seus olhos, esquecendo-se completamente de que não estava na hora de se revelar. Mas não queria deixá-la sem ouvir sua voz. Precisava daquilo tanto quanto necessitava que ela vivesse por longos anos. Deu-lhe então as boas-vindas. Sabia que ela teria a sensação de ter sonhado, pois tinha influência o bastante para deixá-la com esta impressão, era um de seus dons. Mas

quando ela se levantou e ficou nua diante dele, Vlad sentiu o mundo girar à sua volta e a única pessoa em foco era Viktória. Em mais de cinco séculos de vida, era a primeira vez que seu coração batia tão descompassadamente perante uma presença feminina. O magnetismo foi tão grande que foi impossível se controlar. Caminhou até ela e correu as mãos por seu corpo, surpreendendo-se com o fato de que Viktória não o temia, quase cedeu ao impulso de tomá-la para si. Não contente em tê-la tão perto, afirmou uma inverdade: Que era sua. Mesmo sem ser. Pois Viktória era sua salvação. Mas não podia lhe pertencer da maneira que desejava, ou estaria cavando a própria sepultura.

— Não pode invadir o quarto dela, Vlad. — O tom de repreensão que Petru usara era destemido.

Não tinha medo do vampiro, o conhecia desde que era criança e tornaram-se amigos rapidamente. O advogado tinha liberdade para falar com Vlad sem censura. O vampiro era teimoso e deveras arrogante, mas sempre ouvia o que seu amigo humano lhe falava.

— Ela vai pensar que foi um sonho — justificou, impassível.

— E a mala dela? Foi parar lá em um passe de mágicas?

Vlad se levantou e caminhou até a janela, fitando a escuridão através da vidraça.

— Foi você quem a levou, Petru — sugeriu o vampiro. — Afinal, eu tinha que dar uma forcinha ao amigo. Você é um bunda mole, rapaz! Como pretende me ajudar se insiste em agir como um cavalheiro do século passado?

— Vá se foder, Vlad! — bradou. — Se eu tentasse qualquer aproximação, Viktória jamais aceitaria vir para Bran. Ela ainda está desconfiada de toda a história, mesmo que comprovadamente seja uma Mészáros. Amanhã irá me bombardear de perguntas, inclusive sobre você.

O vampiro sorriu. Era o que desejava inconscientemente, que Viktória não parasse de pensar nele. Assim como ele não conseguia tirá-la de seus pensamentos.

— Tudo bem, Petru. Relaxe. Você tem a chave mestra desta casa, pode dizer que não viu mal algum em levar a mala dela para seu quarto. Diga que bateu na porta, mas ela não ouviu. Improvise.

— E quanto às perguntas? Até onde posso contar a verdade?

— Somente o que combinamos. E, por favor, tente se aproximar dela, envolvê-la. Afinal, é para isso que está aqui, porra! Para seduzi-la.

Houve um breve período de silêncio.

— Você tem certeza, Vlad? — Petru sabia que seu amigo estava balançado com a presença de Viktória na mansão. — O que sentiu quando a viu diante de si?

Vlad olhou para trás, encarando seu amigo.

— Ela não é Mirela Mészáros. — Virou-se novamente para a janela. — A semelhança é impressionante, mas não se trata de uma reencarnação. Eu fiz uma escolha, há oitenta anos. Deixei Mirela livre para dar continuidade à sua linhagem, cumprindo minha promessa à Alexandra. Não será diferente desta vez.

Petru anuiu.

— Não posso lhe garantir que Viktória se interessará por mim, mas prometo tentar.

— Tudo bem, amigo. Eu tenho certeza que não medirá esforços.

— Fique longe dela, Vlad. Não estrague tudo.

— Já pode se retirar, Petru. Tenha uma boa noite.

Petru se levantou e caminhou até a porta.

— Vai sair esta noite? — perguntou ao vampiro. — Pretende caçar?

— Talvez. Não estou com muita sede, posso aguentar mais alguns dias.

— Não é prudente que fique faminto...

— Cale-se, Petru! Eu jamais machucaria Viktória ou você. Sabe disso perfeitamente.

— Tudo bem, desculpe. Boa noite, Vlad.

**_ ♥ _*_*_

Gostava de dormir sem roupa, mesmo que não fosse tão calor como no Brasil. A temperatura era agradável para Viktória. O lençol de seda enrolado ao seu corpo era como uma suave carícia. A jovem tentava dormir desde que saíra do banho e até conseguiu por um tempo, mas os pensamentos ininterruptos causaram-lhe insônia. A imagem do homem que vira em uma pintura e com quem sonhara durante o banho não lhe saía da mente, deixando-lhe inquieta. O olhar faminto percorrendo seu corpo, as mãos macias acariciando sua pele molhada, despertando um calor no meio das pernas. Viktória sentiu um desejo insano pelo homem do quadro. Só podia estar enlouquecendo, concluiu, revirando-se na cama.

— Maldito... — murmurou, colocando o travesseiro por cima de sua cabeça, para afundar-se ainda mais no breu que se encontrava o quarto.

Tratava-se de uma pessoa morta. O quanto aquilo era bizarro? Além de ser o retrato de uma pessoa que vivera em uma época na qual ela ainda não existia e ser o amor de sua bisavó Mirela. Que tipo de fetiche era aquele? Viktória Mészáros, a jovem que não se envolvia com ninguém, estava se deixando seduzir por um fantasma. Fechou os olhos com força e tentou contar carneirinhos, na esperança de adormecer, mas foi em vão. O calor que sentia por dentro estava consumindo-a.

Ainda com os olhos fechados, Viktória percorreu sua mão pela barriga, acariciando a

própria pele, lentamente. O formigamento no meio das pernas a estava enlouquecendo. A respiração ficou pesada, porém manteve o travesseiro cobrindo seu rosto. Estava de bruços, mas virou-se de barriga para cima. O lençol de seda deslizou para baixo, deixando os seios desnudos, ao léu. Jogou um dos braços por cima do travesseiro e sem conseguir conter seu desejo, segurou uma das mamas com a outra mão, apertando de leve.

— *Eu sei que você está pensando em mim...*

O sussurro do “homem do quadro” a fez paralisar imediatamente.

— *Shhh... Continue de olhos fechados, deixe-se levar pela sua imaginação, doce Viktória...*

Sim, era ele. Ao menos, a voz que imaginava ser dele quando dormiu no banheiro e sonhou com o “homem do quadro”. Estava delirando, sonhando acordada. Como uma imagem retratada em pintura podia mexer tanto com a sua libido? Viktória gostava de sexo, não o praticava com muita frequência, fazia muito tempo desde que estivera com alguém. Talvez aquele fosse o motivo para se pegar tão desejosa por uma fantasia exótica da Transilvânia. Uma antiga mansão, um homem misterioso, muitos segredos por trás de sua história. Eram “N” motivos que, juntos, despertaram a sua imaginação para um âmbito totalmente erótico. Estava fascinada pelo quadro, o sonho no banheiro a deixara ainda mais curiosa sobre o homem sem nome. Precisava descarregar suas frustrações recentes, transformá-las em algo que lhe desse alívio momentâneo.

Ela sabia exatamente do que precisava.

— *Toque-se, Viktória. Liberte o desejo que te consome, permita-se...*

Os sussurros em sua mente atiçavam ainda mais seus sentidos, deixando-a louca de tesão. Deslizou a mão que repousava sobre o travesseiro, passando pelas costelas, barriga e chegando finalmente aonde queria. Abriu suas pernas um pouco e deslizou os dois dedos por sua entrada já úmida, sentindo uma pequena onda de prazer invadi-la.

— Oh, sim... — gemeu, apertando os lábios com força, para não gemer alto.

Continuou com os movimentos de fricção, alcançando o clitóris e estimulando seu ponto sensível, a mente projetava imagens ilusórias onde o “homem do quadro” estava deitado sobre ela, fitando-a fixamente com seus olhos hipnotizantes, desejando desvendá-la por inteiro. Penetrou dois dedos, deleitando-se com a miríade de sensações causadas pelas cenas fictícias e suas carícias reais. Acelerou e aprofundou o toque, deixando-se levar e atingindo o orgasmo de que tanto precisava. Mordeu o travesseiro para não explorar seu gozo em voz alta. Seu corpo tremia e suas pernas amoleceram, a respiração foi se normalizando aos poucos e o cansaço da viagem começou a dar sinal de vida novamente.

— *Agora durma, doce Viktória. Amanhã é um novo dia.* — A voz do “homem do quadro” tornou a soar em seus pensamentos, mas, exausta, a jovem permitiu-se cair em sono profundo, finalmente.

Na manhã seguinte, Viktória acordou cedo e, após se vestir e fazer sua higiene matinal, saiu do quarto e percorreu o imenso corredor em busca da escada de acesso ao térreo da mansão. Andou às pressas, pois estar sozinha causava-lhe arrepios de pavor. O sonho que tivera naquela madrugada a deixou em alerta. Parecera tão real. Deixou-se sucumbir por um desejo insano e a recompensa foi um orgasmo solitário, mas esplendoroso. Aquilo a assustou.

Passando pela sala de estar já conhecida, foi inevitável fitar o quadro que tanto a balançara. Ali estava ele, o homem do passado que não saía de seus pensamentos.

— Por que você mexe tanto comigo? — murmurou aflita.

— Bom dia, senhorita Mészáros! Sou Ioana, a governanta da casa. — A presença da mulher tirou Viktória dos devaneios.

Após um curto diálogo de apresentação, Ioana encaminhou Viktória para uma imensa sala de jantar, onde o desjejum estava sobre a mesa quilométrica. A moça se surpreendeu com o requinte da louça fina e a quantidade variada de comida, reparou que havia dois lugares preparados e concluiu que Petru lhe faria companhia em breve.

— Onde está o senhor Moldoveanu? — perguntou a Ioana, que insistiu em lhe servir o café.

— O menino está lá fora, conversando com o piloto do helicóptero.

Viktória sorriu. Percebeu o carinho de Ioana ao chamar Petru de menino.

— A senhora o conhece há quanto tempo, Ioana?

— Desde que usava fraldas. Eu trabalho para a família há anos. O menino Petru já completou três décadas de vida e eu ainda o vejo como o bebê que peguei no colo.

A jovem sorriu.

— Por favor, Ioana, sente-se à mesa — convidou Viktória. — Então, você não trabalha aqui o tempo todo? — Aproveitou para sutilmente iniciar sua coleta de dados.

A senhora Ioana se sentou ao lado da jovem.

— Venho uma vez por semana para verificar os cômodos e providenciar a equipe de limpeza. O menino Petru tem muito zelo por esta propriedade, cuida como se fosse dele. É uma pena que ninguém resida aqui, tanto luxo para nada. A senhorita pretende ficar permanentemente?

— Não, voltarei ao Brasil na próxima semana — respondeu, após bebericar seu café. — Hoje iremos oficializar toda a papelada da herança, depois quero aproveitar para conhecer um pouco da Transilvânia. Nunca tive a oportunidade de conhecer outro país e há alguns lugares, que pesquisei na internet, que gostaria muito de visitar.

Ioana se levantou.

— Estará em ótima companhia. O menino Petru será um excelente guia.

— Estão falando de mim? — disse Petru, aproximando-se de Ioana e depositando um beijo singelo em sua testa.

— Um pouquinho, filho. A senhorita Viktória quer conhecer a Transilvânia.

O advogado fitou Viktória e lhe sorriu. A jovem parecia ainda mais bonita naquela manhã. Acenando para ela um cumprimento, tratou de se acomodar em seu lugar à mesa.

— Bom dia, Viktória. Perdão pelo atraso, estava verificando nosso roteiro para o dia de hoje. Você alguma vez já voou de helicóptero?

Ioana serviu o café ao gosto de Petru e em seguida, pediu licença para se retirar.

— Nunca. Minha primeira experiência aérea foi durante a viagem para cá. Por quê?

— Planejei um passeio para hoje, pelos Cárpatos Orientais Exteriores. Espero que goste.

Fizeram o desjejum em silêncio, embora ela estivesse morrendo de curiosidade sobre muitas coisas, preferiu não o pressionar tão cedo. Aproveitaria o passeio para indagá-lo, assim ele não teria para onde fugir.

— Passaremos o dia fora — comunicou Petru, ao se retirarem da sala de jantar. — Resolveremos a papelada pela manhã, almoçaremos em um restaurante em Sighisoara e faremos um passeio turístico. Tudo bem para você?

— Sim, eu só preciso pegar minha bolsa e ligar para minha mãe, ela deve estar na quitanda. São duas da tarde, no Brasil. Se eu não ligar é capaz de ela pensar besteira.

— Eu espero você lá fora.

Andar por aquele palácio sozinha, durante o dia, era menos horripilante. Não que a aparência da casa fosse assombrosa, o luxo e a decoração de bom gosto não davam margem para o grotesco, porém, saber que ninguém vivia naquela mansão há muito tempo deixava Viktória com receio. Não era de acreditar em fantasmas, mas desde que sonhara com o homem do quadro, acreditar em algo que seria inacreditável estava se tornando uma probabilidade.

Ao caminhar pelo corredor no segundo andar, em direção ao quarto, a impressão de estar sendo observada lhe corria o pensamento. Acelerou os passos e logo se viu segura, quando fechou a porta do seu aposento.

Mas não fora ali que tivera seus sonhos ou visões?

Era seguro o seu quarto?

— Pare com isso, Viktória. Serão apenas cinco dias, depois você volta para o mundo real...

Deixando de lado os pensamentos conspiratórios, ela procurou pelo celular e ligou para sua mãe. Margarida lhe fez mil e uma perguntas, sempre desconfiada, preocupada e um pouco

exagerada, mas a filha tratou de acalmá-la. Depois de quinze minutos, a ligação foi finalizada e a jovem se apressou em pegar sua bolsa e ir correndo para o lado externo da propriedade.

Avistou Petru próximo a uma fonte, conversando ao celular. Para não o interromper, ela olhou em volta e passeou pelo jardim, observando como tudo ficava ainda mais bonito quando o céu estava límpido e tão incrivelmente azul. Nada parecido com o dia anterior, o sol iluminava sem que a temperatura fosse quente demais.

— Viktória! Vamos?

Olhou para o homem que se aproximava e sorriu.

— Claro, estou pronta.

Não tinha medo de altura, por isso aproveitou o passeio ao máximo, apreciando a vista privilegiada do conjunto de montanhas, ouvindo atentamente a pequena aula de geografia que Petru lhe dera. Depois dos Alpes Escandinavos, os Cárpatos constituíam a segunda cadeia mais longa de montanhas da Europa, com mais de 1500 km de extensão, percorrendo as fronteiras entre República Checa, Eslováquia, Polônia, Romênia e Ucrânia.

O passeio durou pouco mais de uma hora, onde Viktória aproveitou para tirar algumas fotos com a câmera do celular, para mostrar à sua mãe quando retornasse ao Brasil. Estava maravilhada com a beleza do país onde nascera, por alguns momentos se pegou imaginando como teria sido se tivesse crescido ali.

Os trâmites legais para que pudesse receber sua herança estavam sob os cuidados de Petru, resolvera sua parte e tudo o que precisava fazer era aguardar os documentos ficarem prontos.

**_ ♥ _*_*_

— Não pense que esqueci as perguntas, Petru.

Almoçavam em um restaurante anexo a um hotel quatro estrelas. O chão acarpetado em tom de vermelho contrastava com o amadeirado escuro do ambiente, a decoração clássica ao estilo francês tinha vitrais coloridos no teto e um imenso lustre de cristal ao centro, a iluminação planejadamente precária. Elegante e aconchegante, não chegava a ser requintado em excesso, permitindo a todos sentirem-se à vontade. Além de uma vasta variedade em comida e a excelente apresentação dos pratos, o restaurante também possuía uma adega bem abastecida.

Viktória e Petru estavam em uma mesa próxima à janela, sendo possível avistar a silhueta da cidadela. O almoço ocorrera em silêncio e a jovem percebera que o advogado era um homem de poucas palavras. Mas ela tinha pouco tempo na Romênia e, quando fosse embora, não tornaria a vê-lo, ao menos não com tanta frequência. Precisava de algumas informações antes de voltar para o Brasil e prosseguir com sua vida.

Ele não sabia como agir diante dela, era necessário que se aproximasse e tentasse ultrapassar a barreira imposta por ambos. Petru estava ciente de que Viktória não se sentia atraída por ele, a última descendente viva do clã Mészáros era linda e tinha senso de humor, mas

ainda era uma estranha. Não conseguia enxergar uma maneira de tê-la interessada nele, pois se perguntasse demais, ela se fecharia em uma concha. Queria ajudar Vlad, mas temia falhar.

— Você pode começar, se quiser. — Bebericou sua taça de vinho, fitando-a com gentileza.

Talvez se lhe respondesse o que ela tanto queria saber, Viktória demonstrasse mais empatia e confiança por ele.

O garçom retirou os pratos da mesa, deixando apenas as taças e o vinho, assim que se retirou, Viktória pensou na maneira mais adequada de fazer um interrogatório sem que parecesse enxerida. Porém, era o passado da sua família que lhe dizia respeito, então poderia perguntar o que quisesse.

— Quero recapitular o que eu já sei — disse ela, ajeitando-se na cadeira. — Minha bisavó teve dois filhos, um menino e uma menina. Ambos cresceram na mansão Zsigmond, mas ela se internou em uma casa de repouso. Nenhum deles se casou, mas o rapaz teve um filho e esse filho era meu pai.

O advogado anuiu com um gesto de cabeça. Sabia que era confuso para ela entender cada detalhe daquela família confusa. As perguntas que se seguiram foram bastante esclarecedoras. Os Mészáros não eram exatamente uma família convencional. A jovem órfã perguntou sobre fotografias e o advogado relutou antes de lhe informar que o único álbum da família estava guardado na mansão, porém Mirela não se recordava de onde o tinha colocado. Viktória suspeitou que fosse mentira, mas não quis acusar o homem. Fez uma nota mental para que não se esquecesse de procurar em todos os cômodos que conseguisse conhecer, visto a imensidão da propriedade.

Durante o trajeto de volta à mansão Zsigmond, mais perguntas. Pouco se sabia sobre a mãe biológica da garota e sua avó, mãe de seu pai. Ambas, coincidentemente, morreram no parto. Até ali, Viktória já sabia, mas a estranheza nos acontecimentos lhe fizera questionar a veracidade das informações. Contudo, Petru não entrou em contradição em momento algum, exceto na pergunta sobre o álbum fotográfico.

— Por que o quadro daquele homem está na mansão, se ele não era meu avô? — iniciou o assunto o qual tanto queria abordar.

A expressão do advogado tornou-se fechada, era como se não gostasse de falar sobre aquilo.

— Mirela não se casou com o pai de seus filhos. — Isso ela já sabia.

Viktória pestanejou, mas não interrompeu o advogado, que continuou a falar:

— Ela era uma pintora muito talentosa e vivia reclusa na mansão. A amizade com minha família iniciou quando estava no início da gestação, nunca revelou quem era o pai de seus filhos, mas sempre demonstrou o quanto esperava ansiosa pela chegada de seus bebês. Claro, isso quem me contou foi minha avó, que soube pela minha bisavó. Eu era muito próximo de Mirela, ela amava

os filhos e se preocupava muito com o bem-estar deles.

O carro parou e Claudiu comunicou que haviam chegado. Petru respirou aliviado, suava frio ao perceber que Viktória estava interessada demais em Vlad. Ele não queria mentir para ela, mas nada que dizia respeito ao seu velho amigo podia ser revelado. Precisava estudar as palavras, tentar ao máximo para não falar nem omitir demais. O mais frustrante era não conseguir engrenar uma conversa de nível pessoal, para tentar se aproximar de Viktória e fazê-la se interessar por ele de forma romântica.

Desceram em silêncio e foram recebidos por Ioana, ao serem deixados novamente a sós, Viktória caminhou até onde estava a pintura que lhe atraía desde o primeiro instante. Petru a seguiu em silêncio, sentindo-se desconfortável, pois sabia que a partir daquele instante tudo o que conversassem seria ouvido por Vlad.

— Como ele se chamava? — perguntou ela, fitando o quadro.

— Vlad.

Viktória sorriu, pronunciando silenciosamente o nome daquele que tanto lhe atraía.

— Por que não ficaram juntos? — A curiosidade sempre falava mais alto.

Petru engoliu em seco antes de responder. Sabia que estava pisando em ovos.

— Ele não a amava tanto quanto ela o amava. — Optou por dizer a verdade que Vlad se recusava a admitir.

Viktória se voltou para ele, fitando-o com os olhos semicerrados.

— Por que tenho a impressão de que você sabe muito mais do que diz saber, Petru?

Garota astuta, pensou o advogado, dirigindo-lhe um sorriso complacente.

— Fui confidente de Mirela — revelou, sabendo que essa parte da verdade ele podia contar. — Sei de muitas coisas, mas nem por isso tenho autorização para dizê-las. Não são meus segredos, não posso simplesmente jogá-los ao vento, como se a confiança depositada em mim para guardá-los não tivesse valor algum. Sua bisavó amou Vlad até seu último suspiro, ela fez o que devia ser feito.

— Que era? — Arqueou as sobrancelhas.

— Deixá-lo viver.

— Você não está me ajudando em nada — resmungou, tornando a encarar o quadro. — Quer saber? Isso é maluquice. Ela passou grande parte da vida retratando a imagem do seu amor impossível, espalhando-os por sua casa como a lembrança daquilo que tanto desejava, mas não poderia ter. Desculpe-me por ser indelicada, mas minha bisavó não “batia bem” da cabeça.

— O coração tem razões que a própria razão desconhece. — A citação de Blaise Pascal

foi a resposta do advogado.

— Corta essa, homem. Esse Vlad foi um tremendo filho da puta. Aliás, o que houve com ele? Minha bisa andou se esfregando com outro e engravidou de gêmeos. Por onde andava o amor da vida dela, nesse tempo?

O sorriso melancólico de Petru intrigava Viktória.

— Já chega de perguntas, senhorita Mészáros. — O tom formal deixava claro que ele estava encerrando o interrogatório. — Ioana está preparando o jantar, pedi que nos servisse às oito. Nos veremos daqui a três horas.

— Está fugindo! — acusou ela.

— Estou sim. Até mais tarde. — Virou-lhe as costas e caminhou em direção à escadaria de acesso ao andar superior.

Frustrada ao ter sido ignorada por Petru, Viktória sentou-se em uma das poltronas e cruzou os braços. De “cara amarrada”, a jovem órfã recapitulou tudo o que havia conversado com o advogado durante a tarde, tentando encaixar as peças daquele quebra-cabeças complexo. Havia lacunas demais a serem preenchidas na história de seus antepassados, mas ela não desistiria tão facilmente. Se o advogado não estava disposto a lhe contar tudo, certamente encontraria algumas pistas ao explorar os cômodos da mansão Zsigmond.

Assim que Petru se retirasse para dormir, Viktória começaria sua busca por mais informações.

— Ele não a amava tanto quanto ela o amava? O que deu em você para dizer isso a Viktória?

Seguro Petru pela camiseta e o prendo contra a parede com demasiada força. Meu amigo arregala os olhos, surpreso com minha atitude, mas logo recupera-se e me fita desafiadoramente.

— Falei alguma mentira? — pergunta, arqueando as sobrancelhas e dirigindo-me um sorrisinho de escárnio.

Passei o dia ansioso por não ter ideia de como Petru estava lidando com Viktória. Apesar de o ter incentivado a conquistá-la, a hipótese de que isso venha a acontecer me perturba de uma forma que não consigo explicar. Existe um sentimento de posse incontrolável tomando conta de mim, desde que essa mulher colocou os pés em minha propriedade.

A raiva que eu sinto nada tem a ver com o que ele dissera sobre eu não amar Mirela o suficiente. O passado estava morto e enterrado, meus erros não podem ser perdoados e mesmo que eu pudesse voltar no tempo, não teria feito diferente. Mas agora, a cada minuto, luto uma batalha interna entre entregar Viktória a Petru ou abandonar meus planos e tentar uma nova estratégia.

Solto meu amigo e caminho até a janela da torre, fitando as árvores que rodeiam a mansão Zsigmond. Já é quase noite, a iluminação dos postes fornece uma vista assombrosa, mas que sempre me seduziu.

— Conheço você desde que era um moleque, lembra-se? — Não me viro para encará-lo, mas meus sentidos aguçados percebem sua aproximação. Petru está a menos de um metro de distância e a batida do seu coração pode ser ouvida por mim como se fosse um tambor, em alto e bom som. Ele não sente medo e isso me agrada, mas não me satisfaz inteiramente. — Tinha cinco anos quando veio aqui pela primeira vez, fui seu amigo imaginário até que se tornou um adolescente e aprendeu que não devia mencionar a ninguém sobre a minha presença nesta casa. Mas além de ser meu amigo, também foi amigo de Mirela. Estou ciente do seu prediletismo.

— Seria egoísmo demais da sua parte, Vlad, desejar que eu não fosse amigo de Mirela. Afinal, ela perdeu os filhos que teve por amor a você, acima de qualquer outra coisa, e viveu seus últimos dias solitária em uma casa de repouso. Minha lealdade era praticamente a única coisa que ela ainda possuía de verdadeiro.

Engulo em seco. As palavras dele me ferem, mas não posso transparecer essa culpa que me corrói.

— Não condeno você, Petru. Mas não acredito que seja prudente revelar a Viktória os seus achismos sobre minha história com Mirela. A propósito, não percebi nenhuma mudança entre vocês.

A minha jovem Mészáros não está encantada pelos seus olhos de safira.

— Ela parece muito mais interessada no homem pintado naquele quadro, também não cansa de me fazer perguntas sobre a família. Viktória é muito esperta, não acredito que ela permaneça alheia a tudo por muito tempo.

Viro-me para ele, abruptamente.

— Pretende contar a ela? — questiono, duvidoso.

— Não será através de mim que Viktória descobrirá a importância que tem na vida de um homem que vive enclausurado em uma mansão de luxo. Mas ela é astuta, não se conforma com o pouco que lhe digo. Agora ela é oficialmente a dona dessa casa, o que não lhe impede de procurar pistas.

Dou de ombros.

— Não há nada aqui para ela encontrar — rebato.

— Nem você?

— Vamos lá, meu amigo, diga logo o que está pensando.

— Talvez Viktória seja sua última chance, Vlad. Por que não tenta algo diferente? Em vez de forçar o ciclo natural das coisas, revele-se a ela.

Minha gargalhada escapa sem que eu consiga controlá-la a tempo.

— E dizer o quê? Olá, Viktória. Sabe a lenda do Conde Drácula? Pois é, ela é real e eu sou o vampiro que todos acreditam ser apenas uma história para atrair turistas. Venha, sente-se aqui para um chá e deixe-me te contar o que você precisa fazer para que eu continue vivo. Não é nada de mais, apenas preciso que você engravide e que, de preferência, seja uma menina, para que ela possa ter uma filha, que tenha outra filha e assim por diante. — Reviro meus olhos e encaro Petru, já não sorrio. — Das duas, uma: Ou ela vai achar que eu sou um maluco. Ou ela vai ficar maluca. Portanto é uma péssima ideia.

— Então quer que eu tente seduzi-la, para que tenhamos a filha que você precisa. — Ele bate palmas, de maneira teatral. — Pareceu-me uma ótima ideia no início, mas sinceramente? Não vejo isso acontecer. Viktória é uma mulher linda, inteligente e muito sagaz. Não será apenas a minha aparência que irá fazê-la me desejar como homem, aliás, ela nunca me olhou desta maneira.

Eu sei que no fundo é uma péssima ideia. Mas jamais direi isso a ele.

— Talvez você não esteja se esforçando o bastante. Mas quem sabe eu use um dos meus dons para lhe ajudar? — Caminho até Petru e toco seu ombro.

— Não pode compelir Viktória a se interessar por mim.

— Eu não tenho esse poder, Petru. Contudo, posso plantar uma sutil sugestão em seus sonhos.

Viktória tem uma imaginação muito fértil, só preciso apontar uma direção.

— Isso não está certo. Ela não devia ser manipulada assim.

— Relaxe, amigo. Viktória não fará nada que não seja realmente de sua vontade. Agora vá, jante com ela e tente não ser um advogado prestativo, mas um homem interessado em levar uma mulher bonita para a cama.

****VIKTÓRIA****

Deito-me na cama sentindo os olhos pesados de sono, após tomar um banho relaxante. O dia foi exaustivo e meu corpo exige descanso. Vestindo apenas calcinha e sutiã, cubro-me com o lençol e, antes de adormecer, preocupo-me em colocar o despertador para tocar, dando-me uma hora e meia antes de descer para o jantar.

Estou quase perdendo os sentidos quanto sinto a respiração de alguém em meu pescoço, o que é muito estranho, pois não ouvi ninguém entrando no quarto, nem senti o peso de alguém deitando no colchão. Meu primeiro impulso é abrir os olhos e me sentar, mas, não consigo.

— Shhh...

O sussurro em meu ouvido me causa arrepio em toda a pele, não sei se sinto medo, é algo que não tem explicação. Um beijo suave em minha clavícula me faz contorcer, mas ainda permaneço de olhos fechados. Uma trilha de beijos desce pelo ombro enquanto o lençol que cobre meu corpo é puxado para baixo com sutileza, me desnudando.

Por que não consigo abrir meus olhos nem pedir que pare?

Deveria estar apavorada, até mesmo com raiva por não ter o controle do meu corpo. Mas a verdade é que, a excitação pelo desconhecido me faz querer aproveitar cada segundo.

Só posso estar ficando louca...

Suas mãos finalmente me tocam, grandes e macias, acariciam-me com uma delicadeza sem igual. Respiro fundo e mordo meu lábio inferior. Parando em minha virilha, engulo em seco, na expectativa. Seu corpo se movimenta na cama, mudando de posição. Tento abrir meus olhos mais uma vez, em vão. É como se estivessem colados, assim como minhas cordas vocais possivelmente desapareceram. Inclino meu quadril para cima, me oferecendo de bandeja. Estou excitada demais para me retrain, algo me diz que estou sonhando outra vez e tenho certeza de que o homem do quadro é quem, mais uma vez, assombra meu subconsciente.

O estalo de um beijo na parte inferior de minha coxa faz com que a umidade entre minhas pernas aumente. Uma mordida de leve e os polegares roçando em provocação fazem meu corpo arder em chamas de expectativa. Ele parece ler meus pensamentos, pois logo sinto sua língua deslizar sobre minha pélvis, em cima da renda da calcinha. Se eu tivesse voz, é certo que estaria gritando por mais.

Eu quero mais, muito, muito mais...

Como é possível sentir um desejo desenfreado pelo desconhecido? Alguém do passado, que morreu há muitos anos? Como impedir a mente humana de projetar situações fictícias de forma a parecerem tão reais?

Insano...

Permito que tire minha calcinha, movimento as pernas para facilitar seu trabalho.

Como eu desejo ouvir sua voz novamente, provocando-me sensações ainda mais extasiantes. Mas ele não diz nada, suas mãos tornam a tocar minhas pernas, apertando-as sem exagero, subindo sem pressa até chegar ao quadril. A trilha de beijos percorre o mesmo caminho, leves mordidas, algumas lambidas. Uma doce tortura sensual. O polegar da mão direita toca minha entrada úmida, roçando de leve entre os lábios vaginais, explorando o alvo principal. Abro minha boca, como se fosse gritar, mas o grito mudo ecoa sem nenhuma relevância.

Tudo o que consigo fazer é apertar os lençóis, amassando-os, inclinando meu quadril para sentir a penetração do seu dedo em busca do meu ponto G, os estímulos fazendo o prazer crescer dentro de mim, ardendo como uma chama incontrollável. O corpo em combustão busca por alívio e quando estou prestes a explodir, ele para.

Engulo em seco, mas queria ter gritado um “Por que você parou, seu cretino?”.

— Não tenha pressa, Viktória. Você vai gozar na minha boca.

Reconheço sua voz e assusto-me ao me dar conta de quem se trata.

O que... Porra!

Meu raciocínio é interrompido quando sua língua devora minha vagina, a cada estocada, sinto-me ser transportada para um limbo de prazer. Deixo-me levar, esquecendo-me de quem está ali. Ainda não entendo como pode ser possível, mas não é algo que eu deseje fazer de imediato. A sensação é tão boa e tudo o que mais quero é atingir o orgasmo, e quando ele vem, chega com tudo, consumindo todas as minhas forças e finalmente fazendo minha voz ser ouvida em um grito de satisfação sexual.

O que foi isso?

Ainda trêmula, tento regular minha respiração. Sorrio, satisfeita e sem perceber abro meus olhos, deparando-me com seu sorriso aberto e um par de olhos azuis safados.

Como não percebi antes o quanto Petru Moldoveanu me atrai?

— Diga-me, senhorita Mészáros, vai me deixar comer essa bocetinha gostosa?

Franzo a testa ao ouvi-lo dizer algo sujo, descaradamente. Nada se parece com o senhor certinho que conheci há alguns dias. Mas, sem ponderar as incoerências da situação em que me encontro, anuo com um gesto de cabeça, como uma adolescente tola ao ser notada pelo bonitão da escola.

— Sim...

O que estou fazendo?

— Era tudo o que eu precisava ouvir.

Segurando-me pela nunca, Petru me puxa para um beijo e eu retribuo, sentindo meu gosto em

sua boca. Abraço seu corpo, sentindo sua pele macia. Ele está sem camisa e, ao se deitar em cima de mim, tenho a certeza de que está completamente nu. Seu pau roçando em minha perna, rígido e quente, me deixa ainda mais excitada.

Corro minhas mãos por suas costas enquanto nossas línguas se entrelaçam, quero medir seu tamanho com minha mão, tocá-lo de forma íntima e saber que essa loucura toda é mesmo real. Mas, de repente, minha visão começa a ficar turva, a textura do corpo de Petru vai se dissolvendo diante de mim e um clarão me cega, fazendo com que eu leve minhas mãos ao rosto.

Sento-me abruptamente na cama, o suor escorrendo pela minha testa. Abro os olhos, com medo do que pode estar diante de mim, mas me surpreendo ao ver que tudo está normal. Minha lingerie está intacta, meus lençóis amassados, mas nada que comprove a presença de outra pessoa no quarto. A única iluminação vem do meu celular, ao lado do criado mudo, quando começa a tocar a música do despertador programado para me acordar antes do jantar.

— Que merda está acontecendo comigo?

Não posso acreditar que tive um sonho erótico com Petru Moldoveanu.

****CAPÍTULO TRÊS****

— Você está bem?

A pergunta de Petru foi despretensiosa, mas para Viktória era como se ele pudesse ler seus pensamentos. Enrubesceu ao se recordar do sonho que tivera com o advogado, que em nada se parecia com o cavalheiro à sua frente. Não conseguia entender o porquê de o seu subconsciente ter associado Petru a alguém por quem se sentia atraída, pois desde o início imaginou que fosse Vlad, o antigo e misterioso amor de sua bisavó, Mirela. Era nele em quem pensava enquanto se deixava levar pelas ondas de luxúria que percorriam seu corpo a cada carícia.

Quando acordou, levou um tempo para recuperar o autocontrole. Ligou para sua mãe no Brasil e aos poucos foi retomando à normalidade. Foi apenas um sonho, ponderou, nada com que se preocupar. Mas ao descer para a sala de jantar e se sentar a menos de dois metros de Petru, Viktória não conseguiu disfarçar o desconforto.

— Sim — mentiu. — Mas cansada.

Ioana apareceu em seguida, servindo o jantar e dando à jovem senhorita Mészáros a desculpa perfeita para o silêncio. Apreciou o cordeiro assado e a salada caesar, não se interessando em perguntar à governanta sobre o restante do menu.

Petru sabia que algo estava errado com Viktória. Ela evitava olhá-lo nos olhos, parecia encabulada. Não quis pressioná-la, talvez fosse apenas o cansaço, como alegara em sua resposta evasiva. Contudo, algo lhe dizia que Vlad tinha sua parcela de responsabilidade, o que poderia significar muito, vindo de seu amigo vampiro.

Após o jantar, o advogado quebrou o silêncio e convidou Viktória para conversarem na sala vermelha. Queria observar a reação da moça mais uma vez, ao estar frente a frente com o quadro que tanto a atraía. Sentaram-se nas poltronas e ela não fitou a pintura, dando a ele mais certeza de que havia, sim, um motivo para estar tão estranha. Ele só não sabia o que era exatamente, mas temia que, ao perguntar, daria espaço para Viktória fazer mais perguntas, as quais não sabia como responder sem expressar seu nervosismo.

— Fale-me sobre você, Petru. Sua família vive em Bran?

Queria saber mais sobre ele, de certa forma, o sonho despertou sua curiosidade.

— Brasov, mas é perto. Fica a trinta minutos de Bran. — Remexeu-se na poltrona, buscando uma posição confortável.

— Mora com seus pais?

— Não, eu tenho um apartamento na cidadela. Desde que Mirela me tornou seu representante legal, optei por viver perto da mansão — explicou.

Ela anuiu em silêncio, mordeu o lábio, segurando-se para fazer a pergunta que não queria

calar. Não se recordara de perguntar algo tão pessoal a Petru, desde o início, tudo se resumira ao assunto do testamento e à história de sua família.

— Você tem uma namorada?

Petru franziu a testa, surpreso com o questionamento. Engoliu em seco antes de responder, pensando que talvez aquela seria a oportunidade de se aproximar dela, como Vlad tanto almejava que acontecesse, embora tivesse certeza de que o vampiro estava travando uma batalha interna com seus sentimentos.

— Não tenho ninguém — respondeu categórico. — Estive concentrado demais no trabalho, nos últimos anos. Estar em um relacionamento não era uma de minhas prioridades, acabei me acostumando a ser solteiro.

Viktória sorriu.

— Sei bem como é isso, aconteceu a mesma coisa comigo. Desde que fui morar com mãe Margarida, concentrei-me em aprender tudo o que ela tinha a me ensinar sobre bolos e doces. Entre ajudá-la com a quitanda e preparar minhas encomendas, esqueci o lado pessoal. — Espantou-se com como foi fácil contar tudo a ele. — Tive alguns encontros, mas, por fim, nunca permiti que alguém se aproximasse demais, sabe? Digo, para algo sério.

Ela começou a rir, mais para si do que para ele.

Por que estou dizendo essas coisas para ele?

Petru gostou de ouvi-la, Viktória era uma mulher diferente. Dada a sua história de vida e os percalços em sua trajetória, ela se fechou, restringindo o acesso a poucas pessoas. Com ele era parecido, mas por opção. Mantinha uma boa relação com os pais, encontrou em Vlad um amigo quando era apenas um menino e se afeiçoou a Mirela, em sua juventude. Ser o único a conviver com o vampiro, depois que a mansão Zsigmond foi abandonada pelos Mészáros, o privou de uma vida normal. Mas fora o próprio Petru quem escolheu se dedicar a cuidar de Mirela e a fazer companhia a Vlad. Estava disposto a continuar leal ao amigo. Envolver-se com Viktória não teria que ser algo ruim, pensou, talvez, se a conhecesse melhor, poderia se apaixonar e talvez ser retribuído. Não seria algo penoso, ela era jovem, bonita e inteligente.

— Por que está rindo? — perguntou a ela.

Levou alguns segundos para se controlar antes de respondê-lo.

— Nada de mais, só achei engraçada a facilidade com que me abriu para você. — Piscou rapidamente, absorvendo a ambiguidade de suas palavras.

— É normal que tenha barreiras erguidas contra a maioria das pessoas. Mas você é adulta e perfeitamente capaz de cuidar de si mesma. Faltava algo, mas acredito que Margarida foi essencial, ela supriu sua necessidade de uma presença materna. Aos poucos isso vai amolecer o seu coração, afinal, foram anos sozinha.

— Obrigada, Petru.

— Não a conheço muito bem, Viktória. Mas é assim que a vejo, como uma mulher forte e determinada. O histórico trágico da sua família biológica não pode interferir no que você quer ser daqui para a frente. É por isso que retenho algumas informações, primeiramente, porque nem todas me dizem respeito. Mas também porque não vejo onde isso pode acrescentar algo benéfico em sua vida.

— Espere aí! — Levantou-se, abruptamente. — Você mudou de água para vinho muito rápido.

Petru percebeu sua falha tarde demais. Levantou-se e se aproximou dela, segurando-a pelos ombros com o intuito de acalmá-la. Viktória estava agitada, a expressão corporal a denunciava. Fitou-a diretamente nos olhos, para que pudesse enxergar a verdade de suas palavras.

— Desculpe-me sobre mais cedo, quando fugi das suas perguntas. Eu só quero protegê-la, entende? — Fechou os olhos com força, abrindo-os em seguida para tornar a fitá-la com seriedade. — Revirar o passado de sua bisavó pode trazer à tona segredos que há muito tempo foram enterrados. Pode ser melhor para você se manter alheia.

— Não te entendo, Petru...

— É difícil explicar.

O silêncio pairou sobre eles.

Petru Moldoveanu sentia a necessidade de alertá-la de alguma maneira. Seria muito mais fácil se a senhorita Mészáros não se interessasse pelo passado de sua família, que fosse uma jovem preocupada apenas em gastar o dinheiro que recebera de uma parente morta e não desse a mínima para os mistérios que envolvia seu clã. A aparência delicada da jovem era apenas uma primeira falha impressão. Ela era destemida e curiosa, teimosa e bastante desconfiada. Ele a admirava. Não queria enganá-la. Não queria envolvê-la na teia que Vlad tecera, selando o seu destino sem que ela soubesse, mas também não queria trair o amigo e deixá-lo à própria sorte, dependendo da sobrevivência da única Mészáros viva para permanecer imortal.

Ter Petru tão próximo de seu corpo fez Viktória relembrar mais uma vez o seu sonho. Embora a realidade fosse diferente, sentiu-se tentada a chegar mais perto dele. A conexão de olhares serviu como um ímã, ambos deram um passo à frente, se colidindo em *slow motion*. Não se soube quem foi o primeiro a tomar a iniciativa, mas o beijo aconteceu espontaneamente.

Porém, não houve faíscas, o fogo não se acendeu, tudo aquilo que Viktória pensou que sentiria, ao beijá-lo, não aconteceu.

Ele queria que funcionasse, que pudesse se apaixonar ou se sentir atraído. Ela tinha tudo para ser sua mulher ideal, mas não.

Viktória e Petru eram incompatíveis. A constatação do fato os fez se afastarem, como se tivessem levado uma grande descarga elétrica, queimando-os, ferindo-os.

— Desculpe! — disseram em uníssono, espantados com o que haviam acabado de fazer.

Os olhos arregalados, a respiração pesada e um sentimento de culpa os invadiu. Cada um tocou o lábio inferior com uma das mãos, parecendo um movimento sincronizado, ensaiado. Seria cômico, se não fosse trágico.

Passava das vinte e uma horas quando a campainha da mansão Zsigmond tocou.

— Quem pode ser a esta hora? — questionou Viktória.

— Não faço ideia, loana já foi dormir e o motorista não dorme na casa. — Deu de ombros, agindo como se já tivesse esquecido o beijo de um minuto atrás. — Talvez seja um dos seguranças, vou verificar.

Sem esperar por Viktória, Petru caminhou até o hall da mansão, abrindo a porta sem verificar quem era. Não tinha o hábito de fazê-lo, considerando que a segurança sempre avisava quando alguém estava na entrada, o que raramente acontecia.

— Que porra você...

— Boa noite — interrompeu o homem.

Viktória seguiu os passos de Petru até o hall, arregalando os olhos, tamanha a surpresa ao ver quem estava ali, em carne, osso e um sorriso provocante.

Não pode ser...

O homem olhou por cima do ombro do amigo, admirando a jovem senhorita Mészáros. Apesar da raiva que sentia, sorria dissimulado, transparecendo a tranquilidade que estava longe de sentir.

— Você... — murmurou Viktória, estupefata.

Sem saber o que dizer ou como agir, o advogado permaneceu na porta encarando o vampiro, a confusão estampada em seus olhos.

— Você deve ser Viktória Mészáros — disse ele, uma atuação digna de cinema.

Sem ser convidado, tocou de leve o ombro de Petru, afastando-o da entrada para que pudesse passar. Caminhou até a jovem que parecia surpresa e assustada, como se estivesse diante de um fantasma.

— É claro que você é ela. — Gargalhou, fingindo bom humor. Estendeu-lhe a mão para cumprimentá-la. — É um enorme prazer conhecê-la, Viktória. Meu nome é Vladimir.

Petru estava confuso diante da aparição de Vlad. Não haviam combinado nada relacionado ao encontro do vampiro com Viktória. A reação da jovem alternava entre espanto e deslumbre. Ela sabia que devia haver alguma explicação para que um homem com mais de cem anos, como sua bisavó recém-falecida, estivesse vivo e tão jovem como na pintura que tanto admirava. Não se

assustou de fato, pois o vira em sonhos desde que colocara os pés na mansão, mas a incredibilidade era em constatar que estava ali, diante de seus olhos, e não apenas ela podia vê-lo, mas também o advogado.

Vlad sabia que era uma manobra arriscada expor-se daquela maneira, porém, não conseguiu assimilar a ideia de ver Viktória e Petru se envolverem romanticamente. Sabia que seu plano havia falhado por completo no momento em que a fez acreditar que o homem que lhe deu prazer em sonhos fora o advogado, e não ele. Doeu-lhe a alma que nem o pertencia mais, entregar o corpo da mulher que tanto desejava a outro homem, mesmo que apenas em uma ilusão induzida. Quando percebeu a aproximação do casal, seguida de um beijo, a fúria o dominou por completo. Mas não do amigo, nem da mulher. De si mesmo, por não compreender o que se passava em seu coração. Num ímpeto de coragem insana, tomou a decisão que poderia lhe custar a vida. Mas apesar dos riscos, optou por se aproximar da bisneta de Mirela Mészáros, aquela que poderia ser sua perdição.

Ela o fitava em silêncio, tentando comparar suas linhas de expressão com a pintura da sala vermelha. Quando percebeu a mão estendida, aproximou-se e a aceitou. O sorriso daquele homem era um misto de mistério, curiosidade e malícia. Quando se tocaram, foi como se duas vidas se reencontrassem depois de muito tempo distantes. Aquela sensação deixou Viktória assustada, afastou-se, não querendo evidenciar a vulnerabilidade de suas emoções diante de um homem estranho, que certamente tinha algumas explicações a dar.

— Sou Viktória, mas por que tem tanta certeza? — questionou, retomando a lucidez.

— Porque você é idêntica à sua bisavó, Mirela — revelou o homem, sem titubear.

Petru levou alguns minutos para recuperar o choque em ver Vlad, mas bastou que o amigo mencionasse o nome de Mirela Mészáros para que o advogado se pusesse em alerta.

— Desculpe interrompê-lo, senhor Vladimir. — Aproximou-se de Viktória, após fechar a porta da mansão. — Não fomos informados de sua visita, como sabia que a propriedade estava com hóspedes?

O sorriso de Vlad se findou. Não estava preparado para confrontar Petru, pois não cogitara que o amigo pudesse desafiá-lo na frente de Viktória. Mas estava enganado. Era um preço a se pagar por ter agido sem aviso prévio.

Teriam que improvisar, representar.

Mentir.

— Perdão, você deve ser Petru Moldoveanu, o advogado.

— Vejo que está bem informado — revidou Petru, usando um tom hostil. — Mas não respondeu minha pergunta.

Viktória olhava de um para outro, sem saber se deveria ou não mediar a conversa, para que ambos não cedessem

à hostilidade. Ela jamais presenciara Petru não ser gentil com quem quer que fosse, mas ele não disfarçava o desagrado pelo visitante inesperado.

— Perdão pela falha, senhor Moldoveanu. Cheguei a Bran nesta tarde, estive aqui mais cedo e conversei com Ioana, a governanta. Ela não me conhecia, mas acredito que vocês devam saber que, ao me ver, a senhora espantou-se com minha aparência e permitiu que eu entrasse na propriedade. Foi ela que me informou sobre Viktória, mas avisou-me que tanto a senhorita quanto o senhor estavam passando o dia fora. — A serenidade em sua voz quase hipnotizava Viktória, porém, Petru mantinha-se em alerta. — Pediu-me que retornasse à noite, disse que avisaria vocês. Foi por isso que o segurança deixou-me entrar.

— Você esteve aqui dentro, hoje à tarde? — perguntou Viktória.

Vlad sorriu. Ela estava acreditando em cada palavra.

— Sim, sua governanta fez questão de me mostrar o quadro, na belíssima sala de estar. — Deu uma risadinha. — Confesso que quase caí para trás ao ver a incrível semelhança entre mim e meu bisavô.

— Semelhança? Vocês são idênticos! — Apontou a jovem, espantada com a tranquilidade com que Vladimir tratava o assunto.

Ele deu de ombros.

— Nem tanto, eu sou mais bonito. — Piscou, sorrindo com o canto dos lábios.

Ele está flertando comigo?, pensou Viktória.

Ele está flertando com ela?, pensou Petru.

— Como sabia sobre a Mansão Zsigmond e a ligação de seu bisavô com a proprietária da casa? — Petru tornou a interferir. Queria saber cada detalhe do novo plano de Vlad. Não estava disposto a facilitar para o amigo.

O vampiro arqueou as sobrancelhas, mas virou-se para Viktória, ignorando o advogado deliberadamente.

— Podemos nos sentar? Foi uma viagem cansativa.

— Claro, vamos até a sala. — Fez um gesto para que o visitante passasse à sua frente.

Antes de segui-lo, Viktória foi impedida por Petru, que a segurou pelo pulso, fazendo-a se voltar para ele.

— Está tarde — argumentou ele. — Por que não diz a ele para voltar amanhã de manhã? Muito inconveniente da parte dele vir até aqui a esta hora, não acha?

— Petru, esse homem é idêntico ao Vlad do quadro. Acha mesmo que deixarei passar a oportunidade de montar mais algumas peças desse quebra-cabeças maluco? — Puxou seu pulso,

soltando-se do toque dele. — Além disso, ouviu o que ele disse sobre eu ser igualzinha à minha bisavó? Aquela de quem você era o melhor amigo, sabia sobre a nossa semelhança e não me disse nada. Entre vocês dois, hoje eu escolho ele.

— Droga, Viktória! Trata-se de um desconhecido.

— Não está nem um pouco curioso sobre essa história? — Balançou a cabeça. — É claro que não está, você sabe de muita coisa. Provavelmente muito mais do que esse tal de Vladimir. Agora me dê licença. — Afastou-se, indo em direção à sala vermelha.

Petru desejava mais do que tudo esmurrar a face do vampiro.

— Se quer conversar com um estranho, tudo bem. Mas não ficará sozinha com ele. — Posicionou-se a seu lado e a acompanhou até o cômodo onde Vlad os aguardava.

Sentado em uma poltrona perto da lareira, o vampiro admirava a jovem senhorita Mészáros. Finalmente estava diante dela sem que precisasse usar de seus dons para dar-lhe a impressão de estar sonhando, como fizera quando a encontrara no banho. Fora naquele momento, quando ela não sentiu medo ao estar na presença de um homem desconhecido, que algo dentro dele despertou. Não sabia exatamente o que era, mas sabia que somente Viktória tinha essa influência sobre ele.

Viktória se sentou em uma poltrona ao lado oposto da lareira, ficando de frente para o visitante. Petru a acompanhou, ficando na poltrona ao seu lado. Nada disse, apenas observou com demasiada atenção, o ser sobrenatural que se passava por um simples humano.

— Você pode me contar sua história, senhor Vladimir?

A ingenuidade nos olhos de Viktória fez Petru pressionar os dedos de sua mão com força, quase os estralando.

— Apenas Vlad, senhorita. Gosto que me chamem pelo nome do meu bisavô, tornou-se meu apelido.

Ela assentiu, com um sorriso tímido.

— Tudo bem, então me chame de Viktória. Assim cortamos as formalidades.

— Claro. — Ajeitou-se na poltrona, fingindo estar desconfortável. — Como mencionei, sou bisneto de Vlad Drakulya. Na verdade, o único descendente vivo.

— Drakulya? De Drácula? — Franziu a testa, exibindo uma expressão de incredulidade.

Vlad riu.

— Sim.

Viktória arregalou os olhos e entreabriu os lábios, estupefata. Virou-se para Petru, em busca de afirmação, porém o advogado poderia ser confundido com a mobília, exceto por sua

respiração, pois não demonstrara reação alguma, permanecendo inerte.

— Drácula, o vampiro? — Seu corpo começou a tremer, com medo da resposta que viria a seguir.

Vlad sorriu, sentindo-se orgulhoso pela jovem à sua frente. Apesar da surpresa, ela não parecia estar com medo de descobrir a verdade, porém, ele não a tiraria do escuro no primeiro encontro. Era demais para uma humana, alheia à sua verdadeira natureza, assimilar em uma única noite.

— A Transilvânia é famosa pela história do Conde Drácula, o sanguinário vampiro — comentou Vlad. — Atrai turistas, gera lucro aos estabelecimentos locais. Quem criou essa história foi um escritor e dizem que ele se inspirou no famoso *Vlad O Empalador*, para desenvolver o personagem.

— Mas isso é verdade?

Ele deu de ombros.

— São apenas especulações, fez muito bem ao turismo dessa região, pois Vlad Tepes existiu. Isso tem mais de quinhentos anos. Faz parte da história romena, principalmente da Transilvânia. Para que uma lenda sobreviva por tantos anos, ela precisa partir de algum ponto e, com o passar do tempo, surgiram novas versões, algumas teorias munidas de uma junção de informações e fatos históricos. A lenda do Conde Drácula foi adaptada inúmeras vezes, é impossível filtrar o que pode ou não ser verdade. Mas sabemos o fato principal: vampiros não existem. Não é mesmo?

Petru levantou-se de sua poltrona e caminhou até o frigobar, ao canto da sala. Serviu-se de uma dose de conhaque e bebeu em um só gole.

Vlad se levantou e caminhou ao encontro do advogado.

— Perdoe a insolência, mas poderia me servir uma dose da mesma bebida? — O sorriso de escárnio não passou despercebido pelo humano.

Viktória aguardou, em silêncio, os homens retornarem aos assentos após se abastecerem com uma nova dose da bebida. Ela recusou quando Petru lhe ofereceu o conhaque, queria continuar lúcida para compreender cada informação. A breve aula de história que o bisneto de Vlad lhe dera em nada fazia sentido até aquele momento.

— Qual a ligação do seu bisavô com tudo o que me disse a respeito do Conde Drácula? — Não queria pressioná-lo, mas algo lhe dizia que o homem estava protelando.

— Eu cresci ouvindo histórias, entre meus familiares, de que meu bisavô poderia ter sido o verdadeiro Drácula, aquele que inspirou o personagem do livro de *Bram Stocker*. É por isso que estou aqui, Viktória.

— Não estou entendendo... — murmurou, confusa.

— Essa mansão pertencia a Vlad Drakulya, meu bisavô — revelou. — Foi ele quem a deixou

para Mirela Mészáros, assim como toda a fortuna que você herdou.

Antes que Viktória expressasse qualquer reação, Petru se levantou abruptamente, saturado pela dissimulação do amigo.

— Já chega, você pode ir embora agora. — Alterou a voz, demonstrando a seriedade em suas palavras.

Vlad também se levantou, não se deixando intimidar. Viktória sentiu a tensão entre os dois homens e decidiu que precisava intervir para evitar uma briga.

— Petru tem razão, Vlad. Já está tarde, e apesar de estar muito curiosa a respeito dessa história, eu preciso descansar para então assimilar tudo o que você tem para me dizer. Há muito a ser revelado, não é mesmo? Mas não hoje. Você pode retornar amanhã, se assim desejar. Que tal às onze? Almoce conosco.

Foi a vez do advogado sorrir em provocação ao vampiro.

— Será interessante tê-lo conosco para o almoço, senhor Vladimir — comentou Petru. — A previsão do tempo é para um lindo dia de sol, poderá apreciar a vista aqui de cima. Podemos pedir para loana servir a refeição no terraço.

Viktória não compreendeu por que Petru mudara de atitude em relação a Vlad,= tão repentinamente. O advogado parecia cordial demais para quem acabara de mandar a visita embora.

Será que ele está com ciúmes?, ponderou, descartando a ideia logo em seguida.

— Não tenho certeza se conseguirei vir tão cedo — argumentou Vlad, a contragosto. — Mas a governanta me passou o número de telefone para que eu pudesse entrar em contato, ligarei amanhã para confirmar minha presença. Caso eu não possa vir para o almoço, podemos marcar um jantar?

— Você gosta de aparecer à noite — debochou Petru.

— Tudo bem, aguardarei sua ligação — interrompeu Viktória. — Te acompanho até a porta, Vlad.

Dirigindo um olhar de repreensão a Petru, a jovem senhorita Mészáros caminhou ao lado do visitante, ambos em silêncio. Abriu a porta da mansão e aguardou que ele saísse. Vlad se voltou para Viktória antes de partir e lhe sorriu uma última vez.

— Foi um prazer imenso estar com você, Viktória. Espero que tenhamos a oportunidade de nos conhecer melhor.

Intrigada com o comentário, ela não teve tempo de lhe pedir explicações, pois ele rapidamente virou-lhe as costas e caminhou em direção aos portões da propriedade.

Um calafrio percorreu sua espinha, a sensação de que não devia ter saído do Brasil falando

mais alto a cada minuto.

— Já chega, estou fora!

Petru entra furioso em meus aposentos. Eu estou ciente de que ele deve estar me odiando agora, mas não posso permitir que fale comigo dessa maneira. Viro-me para encará-lo, porém, mesmo com meus reflexos sobre-humanos, não consigo desviar a tempo do soco que ele desfere contra mim. Imediatamente, por um instinto natural, recupero-me do efeito surpresa e prendo seu pescoço em minha mão, rapidamente o pressionando contra a parede mais próxima. Ouço seus ossos estralarem com o impacto violento, mas sei que não quebrou nenhum. O coração acelerado e a adrenalina percorrendo suas veias me dão a certeza de que ele não pretende se acalmar, nem se deixar intimidar pela minha força superior. Petru Moldoveanu exala determinação pelos poros.

— Não grite comigo, não se volte contra mim, e que fique bem claro: essa foi a primeira e única vez que me agride. Posso tê-lo como um amigo, mas costumo mudar de ideia tão repentinamente que talvez se surpreenda quando minhas mãos esmagarem o seu pescoço até que a vida em você se esvaia.

Solto-o, dando-lhe as costas. Caminho até meu frigobar e abro uma garrafa de *Jack Daniels*, bebendo diretamente no gargalo.

— Entenda de uma vez por todas, Vlad: não sou uma marionete, nem Viktória é. Não vamos dançar conforme sua música, esse jogo de manipulação precisa acabar. Eu estou cansado de mentir para ela, cansado de tentar ajudá-lo e ser tratado como um inseto que a qualquer momento pode ser esmagado com a palma de suas mãos.

Dou de ombros e caminho com a garrafa na mão, sentando-me no sofá.

— Quando Mirela se foi, eu estava preparado para o fim — confesso, sentindo-me nostálgico. — Era fato que Constanta não teria filhos, ela me odiava. Quanto a Valeriu, sempre me foi fiel e, mesmo sabendo que teria que sacrificar a companheira, concebeu um filho. Ciprian Mészáros foi uma bela surpresa, veja só! Sem saber da minha existência, deu continuidade à linhagem de sua família, presenteando-me com a encantadora Viktória. Além de uma descendente mulher que poderá dar à luz mais de uma criança, a moça foi agraciada com a beleza ímpar de sua bisavó Mirela, que também era a cópia perfeita de Alexandra Mészáros, aquela que me criou.

Petru senta-se ao meu lado, em silêncio. Ofereço a garrafa para ele, que aceita de bom grado, bebendo um gole.

— Ter Viktória tão perto fez com que meu plano inicial fosse comprometido — continuo, tentando compartilhar meus sentimentos com o único a quem posso chamar de amigo. — Cada vez que olho para ela, não vejo Mirela nem Alexandra, mas uma jovem órfã que de repente se tornou minha única esperança. Está equivocado se acredita que falo da minha imortalidade.

— Não entendo. — Bebe outro gole, entregando-me a garrafa.

— Pedir que você se envolvesse com ela para que futuramente constituíssem uma família, tornando minha expectativa de vida ainda mais longínqua, foi a pior ideia que já tive em todo o meu Legado. Viktória é diferente. Desde que colocou os pés nessa mansão, sinto-me mais vivo, quero estar sempre por perto, e existe essa necessidade incontrolável de que ela perceba minha presença, que saiba da minha existência e goste de mim. Induzi-la a sonhar com você, sabendo que a todo momento era em mim que ela estava pensando, corroeu meu orgulho e meu egoísmo. Mas foi no instante em que vocês se beijaram que me dei conta do quanto a desejo, do quanto a quero só para mim e não suporto a ideia de vê-la com um homem que não seja eu. Fui tomado por um desespero tão grande que sequer pensei nas consequências ao tocar a campainha e me apresentar como bisneto de Vlad Drakulya.

— Vou te dizer o que aconteceu, amigo. Você se apaixonou por Viktória Mészáros.

Nunca fui tão transparente em expor minhas emoções como agora.

— Não vou contrariar a sua constatação — digo antes de beber mais um gole.

— Porque sabe que tenho razão, seu idiota. Passe a bebida para cá.

Repasso a garrafa para ele e me escoro contra o estofado do sofá. Fecho meus olhos e busco em minha mente a imagem da mulher que tem habitado o lado mais sombrio de minha alma condenada.

— Sei que não sou um bom amigo, Petru. Exijo demais, não agradeço, ajo como se você tivesse a obrigação em me servir. Sei que não tem, sei que abriu mão de muita coisa em sua vida por minha causa. Não sou uma boa pessoa, você sabe disso melhor do que ninguém. Mas é em você que confio, somente em você. Não pode cair fora, não agora.

— Pensei que fosse ouvir um “muito obrigado”.

— Estou falando sério, agora que me expus, quero ir até o fim nessa história.

— O que seria ir até o fim, Vlad?

— Ainda não sei.

— Viktória não confia em mim, ela sabe que escondo informações e mais cedo ou mais tarde vai me colocar pra fora. E então, meu amigo, como irei te ajudar? Não pode agir por conta própria, sem me informar o que pretende. Preciso saber o que vai fazer a partir de agora, porque deixei bem explícito a minha antipatia por você. Ela não vai engolir a história de que, de repente, eu comecei a tê-lo em alta estima.

— Oh, sim, muito alta. Queria me ver torrar no sol, insistindo para que eu aparecesse à luz do dia. — Bato palmas, mas ainda permaneço de olhos fechados.

Sua risada ecoa pelo ambiente.

— Você me deixou puto. Mas é bom pensar em uma desculpa convincente para justificar sua ausência. Aparecer somente à noite pode soar estranho. Afinal, você está aqui para o que mesmo?

— O desafio em sua pergunta me faz sorrir. Petru aprendeu comigo a ser irritante e provocador, a diferença é que ele só age assim comigo, pois é um bom homem.

— Certo. Sou o bisneto do suposto Conde Drácula. O homem em quem talvez Abraham se inspirou para escrever seu romance. Assim como Viktória, sou o último do meu clã. Vlad e Mirela tinham um passado e vou usar isso como uma forma de me ligar à jovem senhorita Mészáros. A busca pela história de nossos antepassados.

— Sugiro que evite chamar *Bram Stoker* pelo nome, é íntimo demais para quem não o conheceu.

— Mas eu o conheci.

— Vlad, não me irrite mais do que o habitual.

— É divertido, mas tem razão, não vou chamá-lo pelo nome.

Petru se levanta e finalmente abro meus olhos. Sorrio ao perceber que ele está bêbado.

— Vou dormir — avisa, caminhando até a porta, cambaleante.

Levanto-me, mas ele sinaliza para que eu não me aproxime.

— Fiquei aí, eu sei o caminho, porra. Vou demorar um pouco mais que de costume, mas chego lá.

— Tudo bem, você é quem manda — debocho.

— Até parece! — Para diante da soleira e vira-se em minha direção. — Esqueci de mencionar, Viktória é bonita e muito atraente, mas aquele beijo foi horrível! Argh! Senti como se estivesse beijando minha irmã e eu nem tenho uma irmã. Mas pareceu tão errado. Tenho quase certeza que ela sentiu a mesma coisa, então o seu sonho maluco não funcionou. Estou aliviado por não ter que seduzi-la.

— Petru! — chamo-o antes que ele se vá. Assim que seus olhos encontram os meus, aceno com a cabeça. — Obrigado por tudo.

— Não há de quê. Mas é uma pena que provavelmente eu nem me lembre amanhã.

— Estou contando com isso, garoto.

****VIKTÓRIA****

A sensação de que algo fora do meu controle ou conhecimento está acontecendo assola-me desde que o visitante inesperado foi embora. O humor de Petru mudou instantaneamente e, sem me dar espaço para questionamentos, o advogado subiu as escadas tão rápido que foi difícil acompanhá-lo. Ainda me recompondo da surpresa que foi ver diante de mim o homem que antes era apenas uma pintura na parede e o protagonista dos meus sonhos secretos, sento-me em um dos degraus, abraço minhas pernas e apoio o queixo em meus joelhos.

Já está tarde e é a primeira vez que fico sozinha nesta mansão, sem que seja em meus aposentos. Olho em volta, há algumas luzes acesas, mas durante a noite o clima tenebroso é inevitável. A sensação de protagonizar um filme de terror psicológico inunda-me e o arrepio que percorre minha espinha faz-me levantar às pressas e correr o mais rápido que consigo para o meu quarto.

Talvez eu devesse arrumar minhas malas e retornar ao Brasil. Assinei a papelada da herança e está tudo certo, nada me prende aqui, a não ser a curiosidade sobre o passado da minha família, mas a cada revelação fico ainda mais confusa. Remexer esta história pode não ser uma boa ideia.

Entro no banheiro e ligo o chuveiro para um banho rápido, sinto-me hiperativa e sei que não será fácil dormir esta noite. Prendo meu cabelo em um coque para não ter que lavá-lo, pego a esponja e o sabonete e rapidamente faço minha higiene. Ao sair do banho, enrolo-me em uma toalha e volto para o quarto, visto minha camisola e calço o par de chinelos aos pés da cama.

— Sinto que vou enlouquecer!

No ápice da inquietação, saio do quarto e começo a caminhar pelo imenso corredor da mansão. São tantas portas fechadas, não tenho ideia do que há por trás da maioria delas. Um palácio que me pertence, mas que desconheço completamente.

Paro diante de uma porta, não sei o porquê, mas ela me chamou a atenção. Como se me atraísse. Tento abri-la, mas está trancada. Solto uma lufada de ar, irritada por não conseguir o que desejo. O barulho estridente vindo do final do corredor deixa-me em alerta e arregalo meus olhos, espantada ao ver Petru caído no chão. Corro em sua direção e me surpreendo ainda mais ao vê-lo rindo incessantemente, como se tivesse sido muito engraçado desmoronar daquele jeito.

— Petru, você está bem? — pergunto, preocupada. Tento virá-lo, segurando-o pelos ombros, mas ele continua gargalhando e se contorcendo no chão.

— Por que eu não estaria, Viktória? — Lágrimas escorrem por sua face.

Chorando de rir, por cair no chão?

— Sei lá, você caiu e, pelo barulho, não foi uma queda leve.

Sento-me no chão e aguardo-o se recompor. É engraçado vê-lo desse jeito, pois Petru é sempre tão sério. Mas sinto-me mal por querer rir de sua desgraça, afinal, ele poderia ter se machucado com a queda. Ele cessa o surto de risada e torna-se sério de repente, fecha os olhos e coloca uma das mãos sobre a testa, como se estivesse medindo a temperatura. Franzo o cenho, até me dar conta de algo.

— Você está bêbado? — O tom de minha pergunta é acusatório, mas não me importo.

— E se eu estiver? Foda-se, sou maior de idade. — Os olhos ainda fechados, mas o tropeço nas palavras o denuncia.

— Veja bem o modo como fala comigo, advogadozinho. Estou preocupada com você.

— Pois deveria se preocupar consigo mesma. Vá para o seu quarto, Viktória. Estará segura se permanecer por lá.

— Por que diz isso? — Levanto-me, com receio.

Começa a rir novamente.

— Veja só, estou bêbado. Não falo nada com nada, me ignore.

Solto o ar, gradativamente, aliviada.

— Você me faria mal? — pergunto, com cautela.

Por mais que esteja bêbado, preciso saber se posso confiar nele ou temê-lo.

A bebida entra e a verdade sai, não é assim o ditado?

O silêncio paira por alguns instantes, fazendo-me duvidar de Petru. Mas então ele abre os olhos e desajeitadamente se senta, escorando-se na parede do corredor. Dou um passo para trás, o suficiente para que ele não consiga me tocar. Se ele percebeu minha relutância, não demonstrou.

— Nunca farei mal a você, menina. A sua bisavó foi uma grande amiga, e se me permitir, quero estender minha lealdade a você também. Sim, eu bebi além da conta, mas isso não altera o meu caráter e o senso de responsabilidade que tenho.

— Mas esconde coisas de mim, Petru...

Ele balança a cabeça, lentamente.

— Eu te protejo das consequências que a verdade pode trazer consigo, mas quando estiver preparada, serei o primeiro a te contar o que precisa saber. Dê tempo ao tempo e acredite: estou cuidando do seu bem-estar.

Aproximo-me e sento-me ao seu lado.

— Sobre o beijo...

— Podemos fingir que não aconteceu? — interrompe-me, constrangido. — Foi como se

estivesse beijando uma irmã. Desculpe-me, mas acho que é isso o que sinto em relação a você, Viktória, um carinho fraterno. Mesmo que não tenhamos laço de parentesco.

Ouvi-lo dizer isso me conforta, pois apesar do sonho que tive com Petru, a realidade é que nunca me senti verdadeiramente atraída por ele. De certa forma, fui induzida a tentar descobrir se o sonho poderia ser real, por isso me deixei ser beijada ou tomei a iniciativa de beijá-lo. Não sei como aconteceu.

— É um grande alívio ouvir isso de você. Sinto-me envergonhada pelo que aconteceu, pois também não me senti à vontade. Pareceu-me tão errado.

— E foi. Mas vamos esquecer o ocorrido.

Sorrio.

— Obrigada.

— Você pode me ajudar a levantar? Não sei se consigo.

Levanto-me e estendo minha mão para ele se impulsionar.

— Pode me contar o porquê da bebedeira? Não faz tanto tempo que nos vimos na sala.

Começamos a caminhar em direção aos nossos quartos, mas sem pressa. Seguro-o pelo braço, pois Petru está evidentemente tonto.

— Fui pego de surpresa pelo Vlad, descontei minha raiva em bebida, acho que extrapolei.

— Você não gosta dele — afirmo com convicção.

— Eu não posso afirmar com certeza.

Ao pararmos de frente aos nossos quartos, solto Petru.

— Dê a ele o benefício da dúvida, tudo bem?

Seu sorriso enigmático me deixa intrigada, mas ele não está em seu normal.

— Tudo bem. Boa noite, Viktória. Até amanhã.

**_ ♥ _*_*_

Caminho pelo corredor da mansão Zsigmond e desço as escadas com pressa. Alguém está me perseguindo e eu não faço ideia de quem se trata. Ao chegar à sala vermelha, como de costume, encaro o quadro na parede e cubro minha boca com as duas mãos, abafando um grito ao constatar que o quadro está em branco.

— *Eu estou aqui, Viktória... — Ouço a voz atrás de mim.*

Viro-me já sabendo quem vou encontrar. Ali está ele, o homem por quem minha bisavó foi apaixonada. O homem que habita meus sonhos e, talvez, o homem que tem me despertado sentimentos

até então desconhecidos.

— O que você quer, Vlad? — pergunto com a voz trêmula.

Ele sorri, aproximando-se lentamente.

— Eu quero você.

****CAPÍTULO QUATRO****

Ela abriu os olhos com dificuldade, queria mesmo era continuar dormindo. A noite regada a sonhos desconexos a atordoou e tirou-lhe a paz de espírito. Era como se as imagens projetadas por seu subconsciente a transmitissem alguma mensagem subliminar referente aos acontecimentos recentes. Tão logo ela viu em carne e osso o descendente do homem por quem sua bisavó fora apaixonada, o retrato pendurado na sala vermelha perdeu a imagem nele pintada.

O que aquilo poderia significar?

Viktória estava realmente cogitando a possibilidade de ir embora.

Levantou-se e fez a higiene matinal, preparou-se para encontrar Petru à mesa do desjejum e, tão logo desceu as escadas, foi em direção à sala vermelha para verificar se a imagem de Vlad permanecia intacta. E lá estava ela, onde sempre esteve desde que chegara a Zsigmond. Nada de diferente, para seu alívio.

Encontrou Ioana e lhe perguntou sobre Vlad, o bisneto, e recebeu as confirmações necessárias. Algo a menos para se preocupar, ponderou a jovem, comunicando à governanta que possivelmente teriam companhia para o almoço. A senhora não esboçou nenhuma reação além da habitual serenidade.

Petru não desceu para acompanhar Viktória no café da manhã, sozinha, ela se ocupou de saborear os croissants recém-saídos do forno e degustou o delicioso café preto. Decidiu que seria uma boa ideia passear pela parte externa da propriedade, iria embora no final de semana e não sabia quando seria possível retornar. Não encontrou Ioana, mas avistou a equipe de segurança pelos arredores do pátio enorme e sentiu-se mais confiante para explorar.

Estava um dia lindo na Transilvânia, nem de perto parecia o cenário sombrio que imaginara ao ouvir histórias sobre o Conde Drácula. Riu sozinha, sentindo-se uma boba por dar tamanha atenção a uma história fictícia. Caminhou pela trilha entre arbustos cuidadosamente tosados e estátuas de seres míticos espalhados estrategicamente pelo jardim imenso. Respirou o ar puro e finalmente decidiu se sentar à sombra de um pinheiro. Admirou encantada a mansão que agora lhe pertencia.

— Como foi que eu vim parar aqui? Será que mereço tudo isso?

— Você merece ser feliz, Viktória.

Assustada, a jovem retraiu-se, batendo a cabeça de leve no tronco da árvore.

Era Petru.

— Que susto! Pensei que estivesse dormindo.

Ele sorriu e se aproximou, sentando-se ao seu lado na grama macia.

— Levantei cedo, muito antes de você — explicou o advogado. — Fui até o vilarejo. A propósito, Vlad não virá para o almoço.

— Por que não? — Franziu o cenho.

— Porque fiz um convite a ele, e precisará de algumas horas para se organizar.

— Posso saber que convite foi esse?

Petru deu de ombros.

— Convidei Vlad para permanecer na mansão Zsigmond durante sua estadia aqui. Vocês poderão conversar mais sobre sua bisavó. Ele está de passagem, temos quartos vagos e assim não precisará ficar se deslocando da mansão para o vilarejo todos os dias.

Ela semicerrou os olhos, desconfiada.

— Mas pensei que você não gostasse dele...

— Eu bebi, mas me lembro perfeitamente de ter falado sobre não poder afirmar isso. Só quero te proteger, ele é um estranho, você é a herdeira do que ele afirmou ter sido do bisavô dele. O que queria que eu fizesse? Sou seu advogado, a fortuna pertencia legalmente a Mirela, só quis deixar isso claro para o senhor Vladimir. Entender que as motivações dele em vir até você nada têm a ver com os bens que um dia foram de seu antepassado.

— Conseguiu o que queria?

— Claramente. Vlad sabe que você é a herdeira legítima. Portanto, não tenho por que impedi-la de conversar com ele, mas, se quiser, posso pedir que vá embora em vez de pernoitar na propriedade.

— Não! Essa foi uma ótima ideia. Obrigada.

**_ ♥ _*_*_

Viktória aproveitou o restante da manhã sozinha, ligou para sua mãe e, após uma hora e meia ao telefone, decidiu aventurar-se em conhecer os cômodos internos da propriedade. Não era assustador como à noite, os vitrais coloridos permitiam que a luz do sol se infiltrasse no ambiente, gerando um efeito colorido e surreal nas paredes do palacete. Petru avisou que ficaria no escritório e combinaram de se encontrarem à mesa durante o almoço, portanto estaria livre para desbravar a mansão Zsigmond em busca de pistas sobre seus familiares.

Aleatoriamente, escolheu uma das portas e girou o trinque, deparando-se com um lindo e espaçoso quarto feminino. Ao contrário do seu, que aparentava modernidade, Viktória estava diante de uma decoração clássica legítima, muitíssimo bem-cuidada, mas evidentemente antiga.

— O quarto de Mirela Mészáros... — afirmou para si mesma, sabendo que aquele cômodo havia sido de sua bisavó.

Não podia ter certeza somente ao olhar, mas era como se seu sexto sentido desse a ela tal confirmação.

Perambulou por ali, absorvendo cada detalhe da decoração vitoriana. Tocou o papel de parede, passou as mãos pela colcha macia em cima da cama de dossel, sentiu o perfume do purificador de ar, obra da equipe de limpeza. O que lhe chamou a atenção, porém, foi um cavalete próximo à janela com vitrais coloridos, onde um tecido de cor púrpura cobria o que parecia ser uma tela de pintura, cogitou a jovem, ao chegar perto o bastante para tocar o objeto coberto. Deslizando o tecido para o chão, Viktória contemplou a imagem do homem já conhecido, retratado de um outro ângulo. O olhar de Vlad parecia perverso, desprovido de sentimentos bons. O tom avermelhado da íris causou arrepios em Viktória, que deu um passo para trás, sentindo-se intimidada. A palidez da nuance e as olheiras escuras deixaram a aparência do homem mórbida.

— Talvez você tenha sido o verdadeiro Drácula...

Abaixou-se para pegar o tecido e cobriu a tela novamente. Afastou-se do cavalete e logo se ocupou em abrir os armários em busca de algo que pudesse ser significativo. Muitos anos haviam se passado desde que Mirela habitou aquele quarto, não sabia onde seus pertences pessoais foram guardados, sequer cogitou a possibilidade de reclamá-los a Petru, mas fez uma nota mental para fazê-lo mais tarde.

Ao abrir a gaveta da cômoda penteadeira, Viktória encontrou uma caixa de madeira crua, com o sobrenome Mészáros entalhado na tampa. Com a curiosidade falando mais alto, a jovem retirou a caixa da gaveta e, levando-a até a cama, sentou-se e encarou o objeto, ponderando se deveria ou não abri-lo. Decidida, retirou a tampa e a colocou de lado, no colchão. Fitou o caderno, as fotografias e alguns objetos pessoais. Temia estar invadindo a privacidade da sua antepassado, mas desejava intensamente descobrir um pouco mais sobre ela.

— Está tudo bem, Viktória, Petru disse que você é a única herdeira, portanto esta caixa te pertence agora — falou em voz alta, o que gostaria de ter ouvido de outra pessoa, tentando se acostumar com a ideia.

Ao pegar uma das fotografias, com a impressão quase apagada pelo tempo, Viktória contemplou estupefata sua bisavó, Mirela Mészáros. Definitivamente, eram a mesma imagem e semelhança. Em preto e branco, não era possível reparar na cor dos olhos e cabelos, mas os traços do rosto eram idênticos e a jovem órfã poderia apostar até o último centavo de sua herança que, se fosse uma imagem colorida, poderiam ser facilmente confundidas, não fossem os trajes da época.

— Impressionante...

Deixando a fotografia de lado, Viktória verificou as demais. Em uma delas, a jovem pintora segurava em seu colo os bebês gêmeos. Verificando no verso da imagem, uma anotação com os nomes de Constanta e Ciprian confirmavam o que a garota já constataria. Continuou olhando as fotos, mãe e filhos sorrindo em diferentes fases da vida, até o que aparentou ser a adolescência dos irmãos. Eles pareciam felizes.

A caligrafia impecável de Mirela preenchia as páginas do caderno que Viktória acabara de abrir. Tomada por uma forte emoção, os olhos da jovem encheram-se de lágrimas e ela engoliu o choro. Sentiu uma forte conexão com a bisavó falecida, mesmo que não tivesse a conhecido. Era como se, ao observar aquele caderno, Mirela falasse com Viktória. Folheou um pouco, sem ler o conteúdo, apenas para ter uma noção do quanto ela havia escrito. Escolheu uma página, despretensiosamente, como se a mensagem a seguir fosse uma espécie de aviso, costumava fazer isso quando lia a Bíblia ou algum livro de autoajuda.

“ Eu o amo, mas ao mesmo tempo o odeio. Passei metade da vida sonhando com o momento em que finalmente ficaríamos juntos, contei cada dia no calendário, me despedi de cada ano na expectativa de me tornar uma mulher e ele não usar mais a desculpa de que eu era nova demais. Mas me enganei, Vlad nunca teve a intenção de me fazer sua. Ele diz que me ama, mas suas palavras não condizem com seus gestos. Meu coração se parte cada vez que ele me vira as costas, evitando-me, fugindo do que sentimos um pelo outro.

Não entendo. Quando amamos alguém, não é certo querer ficar por perto? Por que ele teima em se afastar de mim? Por que se recusa a assumir o que sente?

Preciso ser forte, corajosa. Preciso confrontá-lo, fazê-lo se decidir.

Eu sei que ele esconde algo de mim, sempre soube. Mas estou disposta a entendê-lo e a pagar o preço que for exigido para ficar ao seu lado até o último dia de nossas vidas. Eu o amo, mais do que amo a mim mesma. Isso pode ser o suficiente para nós dois, eu posso amar por nós dois, se ele não me amar o bastante.

Desde que fique comigo, faço o que for preciso para Vlad Drakulya permanecer em Zsigmond, mas principalmente em minha vida...”

— Vejo que finalmente encontrou o diário de sua bisavó.

Assustada ao ouvir a voz de Petru Moldoveanu, Viktória soltou o diário na cama, como se fosse uma criança sendo pega no flagra fazendo algo muito errado.

— Que droga, Petru! Você não deveria me assustar tanto!

Ele riu e entrou no quarto, sem pedir licença, sentou-se ao seu lado.

— Trouxe os pertences de Mirela para cá, após o seu falecimento. Ela vivia confortável na casa de repouso, não pense que estava debilitada ou passava o tempo todo em uma cama. Aquela senhora foi a mulher mais forte que conheci.

— Você não fala muito dela, tenho a sensação de que me esconde coisas demais.

— De fato, eu escondo. Mas já te falei antes, são segredos que não me pertencem. — Olhando-a nos olhos, continuou: — Você é curiosa demais. Seu pai a entregou para sua tia, por algum motivo. Sua mãe morreu no parto. Sua tia alterou o seu registro de nascimento e escondeu de você o grau de parentesco que tinham. Existe um motivo, e se eles acreditavam que foi o melhor, por que não aceita?

— Diz isso porque não foi abandonado — disse, ressentida. — Nunca tive vontade de ir atrás da minha família, mas saber que Constanta era minha tia e me escondeu o fato, despertou algo em mim. Eu tenho essa sede de verdade que cresce a cada segundo, principalmente quando desconfio que você poderia me contar tudo.

Petru entendia a agonia que Viktória sentia, estava cansado de fazer parte daquela teia de segredos. Após revelar à jovem que Vlad se hospedaria na mansão, o advogado repensou suas escolhas e decidiu que havia chegado o momento de deixar seu amigo resolver a vida por conta própria.

— Depois que conversamos no jardim, me peguei pensando em algumas coisas. Tomei uma decisão importante e talvez eu esteja cometendo um grande erro, mas acredito que, se permanecer em silêncio ou conivente com o que está acontecendo, posso me perder ainda mais e não desejo isso para minha vida.

Viktória captou a seriedade nas palavras de Petru. Ele estava tenso.

— Falei que quando estivesse preparada, eu seria o primeiro a te contar o que você precisava saber — continuou ele. — Não sei se é a hora certa, mas vou arriscar. Contarei a parte que me cabe.

Ela pestanejou.

— Por que mudou de ideia?

— Porque depois do que eu te contar, vou embora da mansão. Não quero mais ser parte disso.

— Disso o que, Petru? — Sua voz trêmula denunciou seu nervosismo.

O advogado se levantou e caminhou até a janela do quarto, retirou a cortina que amenizava a luz do sol, deixando o quarto completamente iluminado. Ele sabia que Vlad dormia durante o dia, certificou-se antes de ir até Viktória, mas queria se precaver e a fraqueza do amigo era a única coisa que podia usar ao seu favor naquele momento.

— Quando fui ao Brasil buscá-la, nem tudo o que lhe contei era verdade. — Ele contemplava a paisagem lá fora, sem coragem de encarar a jovem herdeira. — Seu pai lhe entregou à Constanta logo depois que você nasceu e sua mãe morreu no parto. Ela te levou para o Brasil e manteve sua identidade em sigilo. Ele desapareceu, mas retornou anos depois, procurando por Mirela. Internou-se na mesma casa de repouso para que convivessem. Ele morreu ano passado, vítima de pneumonia, mas antes revelou a Mirela o seu paradeiro e foi assim que consegui

encontrá-la.

— Como ele sabia onde eu estava?

— Ele sempre soube. Valeriu e Constanta mantinham contato. Ele retornou para cá logo depois que sua tia faleceu. Por acreditar que existia uma maldição na família e sem saber como poderia te proteger, seu pai procurou Mirela para que ela o ajudasse.

Esse papo de maldição, de novo?, pensou Viktória, contrariada.

— Que maldição é essa, Petru? Não consigo acreditar que isso seja verdade.

Petru continuou fitando a paisagem lá fora.

— Antes de morrer, Mirela me contou sobre você e pediu que eu te encontrasse, para trazê-la de volta à Transilvânia. Ela queria que conhecesse sua terra natal, que soubesse quem foram seus ancestrais e descobrisse o motivo que fez seu pai abrir mão de você. Por isso insisti que viesse.

— Você ignorou minha pergunta. Que maldição é essa? — Alterou a voz, irritando-se. — Se minha bisavó queria que me contasse o motivo que fez meu pai me abandonar, por que não conta?

Finalmente ele virou-se para encará-la.

— Ela não me pediu para te contar, ela queria que você descobrisse. Mas não é através de mim que irá descobrir, Viktória.

Balançando a cabeça em negativa, a jovem se aproximou do advogado.

— Não entendo para que tanto mistério.

— Há outra parte envolvida e é essa parte que deve se revelar a você e te esclarecer tudo aquilo que eu não posso contar.

Fitaram-se em silêncio. Petru sabia que Vlad ficaria furioso por ele interferir nos seus planos. Mas estava na hora de o amigo parar de viver uma vida vazia. Para que lhe servia a eternidade, se não fazia nada além de se esconder naquela mansão e sair apenas para se alimentar de sangue dos injustos?

— Sente-se, Viktória. Deixe-me contar o que preciso e depois faça as perguntas que tanto deseja.

Sem contrariá-lo, Viktória sentou-se novamente na cama e aguardou que ele continuasse.

— A sua existência foi apagada da família Mészáros por motivos de segurança. Valeriu e Constanta acreditavam estar te protegendo. Ao perceber que sua vida estava no fim, seu pai finalmente revelou onde você estava. Mirela incumbiu-me de te procurar, mas só tive carta branca para buscá-la após a morte dela. Não mencionei a semelhança com sua bisavó para não te assustar. Mas como viu através da fotografia, vocês são idênticas. Ela sabia disso, teve acesso a uma foto sua quando entreguei um dossiê sobre os seus passos desde que saíra do orfanato.

Mirela não teve coragem de vê-la pessoalmente, você era a imagem viva do que ela foi um dia.

— Por que me esconderam?

— Sua herança não é constituída apenas de dinheiro e bens materiais, Viktória. A linhagem Mészáros tem origem mística.

— Como é? — Riu, por não saber como se expressar.

— Suas ancestrais eram praticantes de magia.

— Está me dizendo que sou uma bruxa? — A pergunta saiu com um grito.

Petru sentou ao lado de Viktória.

— Você não, mas sua ancestral, Alexandra Mészáros, e outras antes dela, eram.

— Não posso acreditar em algo assim, Petru. É surreal demais!

— É a verdade, Viktória. As mulheres do seu clã são especiais.

— Por quê?

— Porque têm o sangue conectado às forças da natureza, recebendo dons e privilégios.

A garota levantou-se às pressas, assustada com tal revelação.

— Não tenho nada disso que você está dizendo!

— Não tem, pois há muitos anos sua família deixou de praticar, não passou adiante os conhecimentos e rituais, deixou que se perdem-se no tempo...

— Já chega! Eu só queria a verdade sobre minha existência, saber por que fui abandonada pela família que devia me proteger. Mas tudo o que sai da sua boca são mentiras e mais mentiras, Petru. Então foda-se o dinheiro e foda-se esta mansão. — Balançou a cabeça em negativo. — Eu vou embora daqui, passei muito tempo sem saber sobre minhas origens, posso conviver com isso pelo resto da minha vida. Mas não vou aceitar essa história fajuta de que sou ou deveria ser uma bruxa.

Viktória não pensou duas vezes, cega pela raiva, saiu do quarto e correu pelo imenso corredor, como se estivesse sendo perseguida por um predador. Mas Petru permaneceu onde estava, havia feito muito mais do que deveria, contou a ela grande parte da verdade, preparou-a para o que estava por vir e, cansado de se envolver em uma história que não era a sua, deixaria que a jovem senhorita Mészáros descobrisse por si só que havia outro proprietário da mansão Zsigmond, além dela.

Sem saber para onde ir, Viktória continuou seguindo pelo corredor e aleatoriamente escolheu uma das portas e girou o trinque, na esperança de que não estivesse trancada. Para sua sorte, não estava. O coração acelerado, a respiração descompassada, as pernas exaustas de tanto correr, mas ao se deixar sentar no chão, escorando-se na porta já fechada, percebeu o quanto estava

sendo ridícula. Petru não lhe fizera mal algum, não a ameaçou, sequer a perseguiu.

Por que estava fugindo, afinal?

Talvez fosse da verdade, ponderou ela.

Sim, era isso mesmo.

Quisera tanto descobrir sua história, saber sobre seus familiares, mas não estava preparada para o que lhe foi revelado. Descobriu-se herdeira de imensa fortuna, mas também veio a revelação de que sua família era incomum.

O que mais viria a seguir?

— Preciso ir embora...

Cansada demais para pensar, Viktória levantou-se e foi até a cama de dossel, coberta por um lençol vermelho-sangue, em um tecido provavelmente muito caro, como tudo o que havia naquela propriedade. Tirou o par de sapatilhas e se aconchegou entre os travesseiros macios, deixou-se levar pela exaustão e fechou os olhos, pouco se importando que era cedo demais para dormir. O sol ainda raiava lá fora, em breve loana serviria o almoço, mas ela não estava com fome, estava mesmo era desesperada para ir embora da Transilvânia.

**_ ♥ *_*_

Aquele vestido não era seu, aquela também não era a época à qual pertencia. Algo estava errado, fora do lugar. Viktória olhou em volta e não reconheceu onde estava, tratava-se de uma floresta. Rodeada por imensas árvores centenárias, observava boquiaberta os cipós dependurados entre os galhos, imaginando-se em um filme do Tarzan, mas logo deu-se conta que estava indefesa, pois a qualquer momento um animal selvagem poderia surgir e lhe fazer de presa.

Sem saber como agir, começou a caminhar pela trilha da mata, onde havia apenas folhas secas caídas pelo chão, sem obstáculos aparentes. Talvez aquele caminho a levasse para alguma civilização, mas tinha certeza absoluta de que estava em um sonho e rezava para que acordasse a qualquer momento.

Ouviu um barulho muito próximo, parou abruptamente e cobriu a boca com as mãos, para evitar que gritasse involuntariamente.

O que eu faço? Para onde eu vou?

Tomada pela adrenalina, resolveu se arriscar e seguir adiante, mas com passos controlados, tentando fazer o mínimo de barulho possível.

— Minha doce Viktória, eu sei que você está aqui...

Aquela voz, sabia de quem era. Mas como?

— Continue andando, estou esperando por você...

O timbre soava como um eco fantasmagórico, mas ela não ficou com medo. Estranhamente, quando se tratava de Vlad, tudo o que Viktória conseguia sentir era uma irresistível atração lhe puxando cada vez mais para perto. E ela obedecia.

Finalmente o viu, parado em meio à trilha, de frente para ela, vestindo trajes atípicos, dando-lhe a certeza de que não estavam no século XXI. Aquele era outro tempo, outro lugar, talvez mesmo outra vida.

— Você é igual a ela, tão encantadoramente igual.

— Mirela?

Ele sorriu quando a jovem o questionou, poderia ser um sonho, mas aquela era a maneira de Vlad invadir a mente da garota sem assustá-la. Em breve estariam frente a frente, de verdade, sem que precisasse usar de seus dons ou fingir que era outra pessoa. Gostava de estar com Viktória, admirava o quanto ela era corajosa e, mesmo que estivesse assustada ao descobrir suas origens, tinha certeza que ela entenderia.

— Alexandra. Mirela, assim como você, era a imagem e semelhança de Alexandra.

Viktória lembrou-se da conversa com Petru, onde Alexandra Mészáros fora citada como sendo a última do seu clã a praticar magia.

— Por isso é tão importante? A minha aparência, quero dizer...

Ele riu ao vê-la irritada por ser comparada a outra mulher. Deu um passo à frente, mas não continuou, pois não queria assustá-la. Apesar de estar dormindo, era Viktória quem controlava o tempo que permaneceriam juntos.

— Você é única, Viktória. Assim como Mirela e Alexandra. Cada uma teve sua própria essência e personalidade. Mas vê-la neste traje me traz lembranças de um passado muito distante.

— Não entendo...

— Eu quero contar tudo a você, mas talvez não esteja preparada para a verdade que lhe cerca.

Foi a vez de Viktória se aproximar, quebrando o espaço que os separava. Tão perto um do outro, olhavam-se com curiosidade e adoração. Vlad sentia-se como um garoto inexperiente, sem saber qual o próximo passo. Optou por permanecer inerte, apenas fitando-a enquanto tivesse oportunidade.

— Preciso da verdade, não importa se estou ou não preparada.

— Não será através de um sonho que lhe contarei tudo. Mas preciso ter certeza de que não irá fugir.

— E o que pretende fazer? — desafiou-o, com insolência. — Não pode me obrigar a ficar aqui para sempre. Com verdade ou sem verdade, no final desta semana irei embora.

Viktória virou-se de costas para ele e começou a correr pela trilha, mas tão rápido quanto um predador poderia ser, Vlad a alcançou e segurou-a pelo braço, impedindo-a de continuar.

— Você não pode fugir de mim, porque o seu destino está em minhas mãos. Você é minha e eu faço com você o que me der vontade.

— Quem você pensa que é para falar assim comigo?

— Eu sou Vlad Drakulya, o filho do dragão. O último Drácula.

****VIKTÓRIA****

Abro meus olhos e sento-me abruptamente na cama. Tenho certeza absoluta de que não foi apenas um sonho. Quanto mais eu tento entender minha história, mais confusa ela fica. Levanto-me e caminho com pressa até o andar inferior. Perdi a noção do tempo e estou receosa de que Petru já tenha ido embora conforme havia mencionado.

Ao descer as escadas encontro Ioana conversando com uma jovem, aparentemente da minha idade. As duas param de conversar e sorriem para mim, que retribuo por educação. Estou agitada e tento disfarçar, mas quero encontrar Petru logo e tentar arrancar dele mais algumas informações.

— Boa tarde, Ioana. Pode me dizer que horas são? — Tento não transparecer meu nervosismo enquanto desço as escadas.

— São duas horas. Petru não me permitiu acordá-la para o almoço, mas posso preparar algo para a senhorita...

— Não precisa, obrigada. Estou sem fome. Onde ele está?

— O menino foi para a cidadela, disse que passará a noite em seu apartamento e retorna amanhã pela manhã.

Está fugindo de mim...

— Você vai passar a noite aqui, não vai? — Eu estava morrendo de medo de ficar sozinha.

— Claro que sim, menina. — Voltou-se para a garota ao seu lado. — Deixe-me apresentar minha neta, Lana. Ela veio da capital, onde minha filha vive. Veio para trabalhar comigo e me fazer companhia, afinal, já não sou mais uma moça nova.

Sorri para a garota que provavelmente tinha a minha idade. Ela estava tímida, mas retribuiu. Aproximei-me de Lana e estendi-lhe minha mão.

— Muito prazer em conhecê-la, Lana. Sou Viktória.

— O prazer é todo meu.

Para me distrair, acabo aceitando após Ioana insistir, em demasia, ir até a copa para ela me preparar o que comer. Ainda não conheço aquela parte da casa e como ficar sozinha não é uma opção, não tive escolha melhor...

**_ ♡ _*_*_

Com o passar da tarde, acabei repassando minha conversa com Petru e o peso na consciência me deixou mal. Eu o chamei de mentiroso e banquei a infantil saindo do quarto daquele jeito. Por mais que me escondesse coisas, o advogado estava disposto a fazer revelações importantes, e, depois de tanto lhe cobrar por isso, simplesmente surtei com meia dúzia de segredos

sobre minha família esquisita. Era fato que jamais passou pela minha cabeça que eu poderia pertencer a um clã de bruxas. Mas não era o fim do mundo, só não imaginava que essas coisas realmente existiam fora dos livros. Não nos dias de hoje. Não comigo.

Mas e Vlad? Qual sua parte nessa história confusa? Será que ele era realmente Drácula? Quanto do sonho que tive e os fatos que Vladimir contou-me em sua visita era real?

Retorno ao meu quarto e procuro por meu celular no criado-mudo. Aguardo ansiosa enquanto a chamada para Petru está em espera, assim que ouço sua voz, percebo que estive prendendo minha respiração e finalmente libero o ar de meus pulmões gradativamente.

— Ei, preciso te pedir desculpas por hoje cedo... — Estou muito envergonhada e vou direto ao ponto.

— Não tem por que se desculpar, Viktória, é perfeitamente compreensível. — Sua voz calma mostra que ele não está chateado comigo, o que faz com que eu me sinta ainda pior.

— Petru, não precisa amenizar as coisas. Sei que fui uma idiota...

— Ei, pare com isso! Eu tenho lhe escondido informações, isso te chateou, você tem o direito de reivindicar a verdade. Está cada vez mais perto, Viktória.

— Estou com medo de passar a noite nesta casa sem a sua presença — confesso o que está me incomodando.

Ouçó sua respiração do outro lado da linha.

— Há uma equipe de segurança bastante qualificada cuidando da sua proteção. Ioana pernoitará na ala dos funcionários, peça a ela o ramal de seu quarto. Além disso, não se esqueça de que Vlad estará em Zsigmond assim que anoitecer. Não saí da mansão por estar chateado com você, Viktória, mas porque lhe disse que assim que revelasse a parte que me cabia, iria embora.

— Mas quero que fique, Petru. Por favor...

— Ei, me escute. Ioana irá preparar o jantar. Arrume-se para encontrar Vlad, que lhe fará companhia esta noite. Seja uma excelente anfitriã.

Pestanejei.

— Por acaso está bancando o cupido pra cima de mim? — mudo o tom da conversa, para descontraí-la.

— Vlad pode lhe fazer revelações importantes, basta que seja gentil com ele e talvez consiga suas respostas.

— É impressão minha ou está sugerindo que eu o seduza?

Petru solta uma gargalhada e, mesmo intrigada com sua reação, fico feliz que o clima entre nós esteja amigável novamente.

— Você já fez isso sem nenhum esforço, quando ele te viu ontem à noite. Aproveite o jantar, Viktória. Sei que está interessada em descobrir o passado acerca de sua família, mas também vi o modo como olhava para ele.

— O quê!? Não é nada disso, eu só estava curiosa sobre ele se parecer com o homem do quadro.

— Não precisa se justificar, querida. Você é jovem, solteira e milionária. Que tal aproveitar sua vida um pouco?

Solto uma lufada de ar.

— Como é que mudamos de assunto tão repentinamente?

— Não desconverse, aceite o conselho de um amigo.

Sorrio.

— Somos amigos, então? Está tudo bem entre nós, de verdade?

Aguardo ansiosa por sua resposta.

— Eu sei que tem ressalvas a me respeito, Viktória, mas pode me considerar um amigo. Agora preciso ir, tenho algumas pendências para resolver.

Antes que ele desligue, pergunto:

— Está tudo resolvido para meu retorno ao Brasil, na sexta-feira?

Ele hesita alguns instantes antes de responder.

— Está sim, mas se você mudar de ideia, me comunique.

Eu não vou mudar...

****VLAD****

— Dê-me um bom motivo para não matá-lo?

Não gosto de me expor, mas precisei ir até a cidadela encontrar Petru no seu apartamento, já que ele decidiu passar por cima dos meus planos e, por conta própria, mudou o rumo dos acontecimentos.

— Eu posso listar vários, se você estiver com tempo de sobra. — Sorriu debochado. — Oh, sim, você é imortal, tempo é o que não lhe falta.

— Não sou imortal, você sabe.

— Mas é quase isso.

Petru está sentado no sofá, confortavelmente, acompanhado de uma garrafa de uísque barato. Estou preocupado que ele torne isso um hábito, não quero meu amigo dependente de nenhuma droga, seja lícita ou não. Sento-me sem pedir licença e logo ele me oferece a garrafa, aceito, mais para que ele não continue bebendo do que por vontade minha de fazê-lo.

— Sangue de rato é melhor do que esta porcaria! — reclamo após ingerir alguns goles.

— Já bebeu sangue de rato? Que nojo!

— Foi apenas para você perceber o quanto essa bebida é ruim, mas não, eu nunca bebi sangue de rato. Em mais de quinhentos anos de vida, todo o sangue que bebi foram daqueles que mereciam a morte. Seres inferiores que se dizem humanos, mas não passam de escória. Assassinos, estupradores, torturadores, pedófilos... Preciso do sangue dos injustos para me manter de pé, mas aposto que sangue de rato é mais puro do que o dessa gente repugnante.

— Quando foi a última vez que se alimentou, Vlad?

Odeio quando Petru tenta bancar o irmão preocupado.

— Sairei em breve para caçar. Um contato meu na polícia da capital está para me passar uma lista, eu aguento mais um pouco.

— E se não aguentar? — pressiona-me.

Levanto-me, incomodado.

— Não sou a porra de um viciado! Eu sei controlar minha fome, Petru. — Aponto o dedo em sua direção. — Nem adianta desconversar, você sabe muito bem por que estou aqui.

Ele dá de ombros e aproveita o espaço no sofá para se deitar, apoiando a cabeça em uma almofada.

— Se quiser me matar, seja rápido. Você tem um jantar com Viktória, esta noite. Devia me

agradecer, sabe? Eu contei o que ela precisava saber para se preparar. Não será inventando mais mentiras que manterá essa mulher em sua vida. Seja mais esperto, Vlad. Revele seu verdadeiro eu, chega de invasão aos sonhos ou uma identidade falsa. Você tem sentimentos por ela.

Queria que fosse tão fácil...

— Ela encontrou o diário de Mirela. Não sei o que está escrito naquelas páginas, mas se Viktória interpretar algo errado, pode acontecer o mesmo que aconteceu com Constanta.

— O quê? Ela se negar a ter filhos para que você não tenha a chance de viver por mais tempo? — Ele continua de olhos fechados, a expressão serena como se estivesse quase a dormir. — Precisa decidir o que quer, *Conde Drácula*. Se está apaixonado por Viktória e quer ficar com ela, sabe que não poderão ter filhos, mas assim que ela morrer, você também morre. Isso soa tão shakespeariano, não é mesmo?

Petru acredita que sabe toda a história por trás do Legado Drácula, mas a única pessoa que sabia de tudo, além de mim, era Mirela. Não sei se ele leu o diário de minha falecida protegida, se o fez, talvez ela não tenha escrito mais do que alguns desabafos pessoais. Se não o fez, talvez Viktória seja a pessoa a descobrir naquelas páginas uma parte importante sobre a minha existência.

Depois de séculos vivendo nas sombras, algo finalmente me motiva a querer tentar uma vida humana. Mas eu confesso sem peso em minha consciência: estou com medo do que está por vir.

— Não sei o que fazer, Petru.

Ele abre os olhos imediatamente e torna a se sentar, encarando-me com curiosidade.

— Do que tem medo, Vlad?

Engulo em seco.

— Da rejeição, eu acho. — Bebo mais um gole do uísque, querendo finalizar a garrafa antes de voltar para a mansão. — Se eu contar a verdade a Viktória, a mais provável possibilidade é de ela ir embora e não querer me ver nem pintado de ouro.

— Dê a Viktória o que ela tanto deseja e talvez tenha uma chance. Conte a ela sobre o passado de sua família e diga a ela que não precisa temer nenhuma maldição. Se Criprian tivesse revelado a Valériu sobre você, ele jamais teria deixado a filha com Constanta. Ela mentiu para ele a fim de te atingir para que pagasse pelo sofrimento da mãe.

— Mirela me amava, mas o motivo pelo qual se internou naquela casa de repouso não foi porque eu não a correspondi — revelo, no calor da emoção. — Constanta queria se vingar de mim pela morte do irmão. Ela me culpava por eu não tê-lo salvado e pela depressão da mãe após a perda do filho.

— Que história é essa?

Caminho até a porta, preparando-me para partir.

— Uma história que está no passado e não pode ser revivida. Eu fiz uma escolha que resultou no abandono de Zigmond por parte dos Mészáros. Constanta não obteve o sucesso desejado, mas se ela quisesse minha morte, teria impedido que Viktória vivesse. Não é mesmo?

— Isso é fato, não tinha pensado nisso.

— Ela escondeu Viktória de mim por outro motivo.

— Que motivo seria esse?

Abro a porta antes de responder.

— Ela sabia que eu me apaixonaria assim que pusesse os olhos nela.

****CAPÍTULO CINCO****

“Retratá-lo em uma tela é minha maneira de eternizá-lo para o mundo, mas também em minhas lembranças. Eu sei que um dia não serei jovem como agora, nem bonita e atraente, minha coordenação será afetada e meu talento para a pintura já não será esplendoroso como é, minha memória começará a dar sinais de falha e eu não quero sequer imaginar que por uma enfermidade venha a esquecê-lo. Por isso espalho suas imagens pelos cômodos de Zsigmond, em diferentes expressões e épocas, para comprovar que apesar de eu estar mudando e envelhecendo, sempre o verei da mesma forma que o conheci.

Vlad é minha fonte de inspiração inesgotável... ”

Viktória fechou o diário de Mirela Mészáros e o guardou na cômoda penteadeira, ainda no quarto que pertencia à sua bisavó. Passara o resto da tarde ali, devorando as memórias deixadas através das linhas de um velho diário e, quando o sol se pôs e o crepúsculo se fez presente, ela correu para se preparar, a fim de receber seu convidado. A jovem estava ansiosa para o encontro com o bisneto de Vlad Drakulya, principalmente após o sonho que tivera naquela tarde.

Ao entrar em seu aposento, viu o tecido vermelho esticado sobre sua cama e franziu o cenho. Tratava-se de um lindo vestido de *chiffon*, cujo corte arrojado e o tom vibrante eram a combinação perfeita para mulheres sofisticadas e modernas. O bilhete ao lado do traje lhe chamou a atenção e Viktória desdobrou o papel para saber do que se tratava:

“Parece que temos uma espécie de encontro esta noite. Fui comunicado de última hora, mas tive tempo de escolher esse lindo vestido, o qual tenho certeza que só não é mais belo que você. Juntos, serão a perfeição. Anseio estar em sua presença e torço para que a recíproca seja verdadeira.

Daquele que lhe admira desde o instante que colocou os olhos em você,

Vlad.”

Ela precisou reler o bilhete para ter certeza que não estava alucinando. Vladimir havia mesmo lhe presenteado com um lindo vestido e, não fosse a estranheza daquela atitude, Viktória estaria sorrindo sozinha e talvez dando alguns pulinhos de alegria. Tentava se lembrar em que momento eles haviam se aproximado para que tivessem um encontro, com direito a vestido de gala. Foram poucos os minutos que passaram juntos, não o bastante para que lhe despertasse o interesse romântico. A bem da verdade, ela passara muito mais tempo com o verdadeiro Vlad, em sonhos, e aquele sim era o homem por quem se interessara, mesmo que lhe custasse admitir devido à loucura da situação.

Eles não são a mesma pessoa. Não vou me iludir quanto a isso. Aparência, voz, até mesmo o perfume são iguais... Mas não posso estar com um quando é o outro que habita meus pensamentos. Eu não sou esse tipo de pessoa!

Tentando não pensar demais, Viktória entrou no banho e, ao menos por alguns instantes, deixou-se distrair pela água morna. Ao sair do banheiro enrolada em uma toalha, sentia-se mais disposta a encarar aquele jantar como um encontro, mas com o interesse oculto de conseguir informações a respeito do homem do quadro. Faria exatamente como Petru lhe sugerira, seria cordial e receptiva com seu convidado, mas tentaria arrancar dele qualquer informação relevante.

**_ ♥ _*_*_

Ioana Constantin trabalhava em Zsigmond há muitos anos. Apesar de o jovem Petru acreditar que somente ele sabia os segredos que se escondiam em torno daquela propriedade, a governanta conhecia o verdadeiro dono da mansão e, não apenas isso, servia-lhe com fidelidade. Vlad Drakulya era seu amo e senhor desde que a velha senhora era uma jovem bruxa começando a aprender a magia herdada por seu clã. Quando Vlad lhe pediu que confirmasse sua história sobre visitar a mansão durante uma tarde, ela nem pestanejou. Mas ao ver o Conde Drácula vestido em um terno preto elegante, caminhando de um lado para o outro na sala vermelha, enquanto aguardava a senhorita Mészáros descer de seus aposentos, ela questionava em silêncio as recentes mudanças em seu mestre.

— Deixe-me ajeitar sua gravata, meu senhor.

Vlad sorriu para a governanta e permitiu que ela refizesse o nó da gravata. Havia tempos que não se vestia com formalidade, embora sempre gostara de vestir-se com elegância e sobriedade. Tivera a oportunidade de participar, em diferentes épocas, de eventos da alta sociedade e até mesmo da realeza em alguns países onde a monarquia imperava.

— Obrigado, Ioana. Eu soube que sua neta, Lana, veio morar com você. Ela sabe que chegou a hora de ser iniciada nas tradições do seu clã?

— Sim, meu senhor. Lana sempre soube que pertencia a um clã de praticantes de magia, ela está ansiosa para começar a aprender e eu estou muito feliz por ter a honra de iniciar minha neta. É uma grande bênção que os ancestrais me concederam.

— Parabéns, fico feliz por sua família.

— Eu sei que sim, meu senhor. — Deu um passo para trás, observando o seu mestre com verdadeira admiração. — Permita-me dizer o quanto está bonito. Há muito tempo eu não o via tão...

— Vivo? — sugeriu o vampiro, com bom humor.

— Essa é a palavra.

— Estou nervoso, Ioana, nunca estive assim por causa de uma mulher... É tão estranho.

— Isso significa que a senhorita Viktória é especial para o meu senhor.

— Ela é.

Foi a vez de a governanta sorrir.

— Seja você mesmo, Vlad. — Saiu por alguns instantes do papel de serva, para uma amiga.

— Se esta menina é a sua redenção, abraça-a e não a deixe partir. Ninguém nessa vida nasceu para ficar sozinho, nem mesmo o meu senhor, que já está neste mundo há muito tempo.

— Não é tão fácil...

— Apenas não dificulte mais que o necessário. A senhorita Mészáros me parece uma mulher forte e determinada, não acredito que ela se afugentará com facilidade, independente das circunstâncias. Apesar de estar nervoso, o senhor sabe disso melhor do que eu, ou não se arriscaria tanto como está fazendo agora. Estou certa?

— Você é a melhor conselheira do mundo, loana. — Surpreendeu a governanta ao puxá-la para um abraço carinhoso e um beijo em sua testa. — Já pode se retirar, eu cuido de tudo por aqui. Obrigado, minha querida.

— Boa sorte, meu senhor. — Retirou-se.

— Vou precisar, loana... Eu vou mesmo precisar.

**_ ♥ _*_*_

Ao descer as escadas, Viktória foi cautelosa a cada passada. O vestido serviu-lhe como uma luva, porém ela teve receio de tropeçar na barra do tecido.

Vamos, Vik, você está quase lá, garota! Um passinho de cada vez.

Olhando para seus pés, atenta aos degraus, a jovem Mészáros não percebeu a aproximação de seu convidado.

— Deixe-me ajudá-la, Viktória.

Ao ouvir sua voz, a jovem quase perdeu o equilíbrio, mas foi amparada pelo homem que habitava seus pensamentos nos últimos dias.

Não, não é o mesmo homem. Trata-se de uma réplica perfeita, apenas isso, repetia para si, a fim de começar a acreditar.

— O-obrigada. — Aceitou a mão que ele lhe estendera e juntos desceram o restante dos degraus, com Vladimir lhe tocando a cintura com a outra mão.

— Você está maravilhosa — constatou ele, ao pararem no saguão.

Fitaram-se com intensidade, um tentando desvendar o que o outro estava pensando. Mas apesar de Vlad ter o dom de invadir os sonhos de Viktória, ele respeitava a privacidade de seus

pensamentos.

— Obrigada pelo vestido, confesso que planejava usar jeans e camiseta, então... — Sorriu, encabulada.

— Quis causar-lhe boa impressão, depois da conversa que tive com o seu advogado. — Piscou um dos olhos.

— Ele te intimidou a fazer isso? — Denotou surpresa.

— Intimidar não é a palavra, mas posso dizer que Petru Moldoveanu fez muita questão de que nos encontrássemos esta noite, em um jantar a dois. Confesso que estou lisonjeado por ter o prazer de sua companhia, Viktória.

Ela não soube o que dizer, com medo de encorajá-lo a algo que nem ela sabia o que poderia ser. Apenas sorriu e tentou pensar em algo inteligente, mas nada lhe vinha à cabeça.

— Vamos até a sala de jantar — continuou Vladimir, percebendo que estava um pouco tímida.

Aceitando ser conduzida, caminharam em silêncio até a mesa, onde um solícito Vladimir puxou a cadeira para que ela se sentasse.

— Aceita vinho? — Apontou a garrafa.

Viktória reparou em cada gesto de Vladimir, a destreza com que abria a garrafa e o entendimento que demonstrava ao lhe falar sobre o tipo de vinho e o ano de sua safra, além de como era cultivado e o tempo que levava para chegar até a mesa dos bons apreciadores. Também lhe contou que Ioana já havia se retirado aos seus aposentos e deixara a ele algumas instruções, para que servisse o jantar.

— Não tem almoço ou jantar na Romênia que não comece com sopa, ou melhor, *Ciorbă* — dissera-lhe, abrindo a tampa metálica da bandeja que mantinha a comida aquecida. — *Fasole cu carne*.

A sopa de feijão branco com carne, servida dentro de um pão (bastante semelhante ao conhecido pão italiano) foi provada e aprovada por Viktória. Bem saborosa e temperada, acabou sendo sua entrada e prato principal, pois devido ao nervosismo, a jovem senhorita Mészáros não estava com muita fome. Servindo apenas de ouvinte ao seu convidado, que lhe explicava um pouco da cultura de seu país, aos poucos foi relaxando e conseguiu aproveitar o jantar.

— O que foi? Você parece distraída. Estou chateando você?

Degustavam a sobremesa quando Viktória fez uma nota mental para não se esquecer de pedir para Ioana a receita do delicioso Papanasi, um bolinho frito feito de queijo cottage, servido com *sour cream* e geleia. Ela estava completamente apaixonada pela iguaria.

— Pelo contrário, estou adorando saber um pouco mais sobre a gastronomia romena. Na verdade, me sinto envergonhada, porque eu deveria ser sua anfitriã e acabou sendo você quem

me recepcionou desde que nos encontramos no saguão. Servindo nossa comida, inclusive.

Ela não deixou passar despercebido o quanto ele parecia à vontade e familiarizado com a cozinha da mansão.

— Besteira! — desconversou Vlad, repreendendo-se mentalmente por ter sido espontâneo demais na presença de sua doce Viktória. — Sua governanta é uma excelente professora. Como cheguei mais cedo que o previsto, e curioso que sou, acabei fazendo companhia a ela na copa e pedi que me ensinasse o que fazer para agradar minha anfitriã brasileira.

— Pois não me sinto anfitriã. Mas prometo preparar um novo jantar, com a comida típica do meu país, e então poderei lhe falar um pouco sobre a culinária que eu domino.

Vlad sorriu abertamente, feliz por perceber que Viktória estava começando a baixar a guarda e permitir que conversassem sem ficar policiando suas ações. Ele a sentiu tensa durante quase todo o jantar, mas teve jogo de cintura para contornar a situação, abordando temas corriqueiros para mostrar a ela que não tinha com o que se preocupar.

— Será um enorme prazer. — Cogitou que já estava na hora de tentar uma nova abordagem. — Como é sua vida no Brasil, Viktória?

Ela franziu o cenho, reparando na súbita mudança de assunto, mas ponderou que estava mais do que na hora de começar a descobrir informações e, para isso, precisava ceder um pouco.

— É boa. Estou sempre ocupada com o meu trabalho e ajudando minha mãe, mas amo o que faço. Não saio muito, sou bem caseira, na verdade. Minha mãe insiste que eu devo conviver com outras moças da minha idade e aproveitar minha juventude, mas sou o tipo de pessoa que prefere um bom livro ou uma bacia de pipoca e um filme de qualidade. Nada impressionante.

— Tudo em você é impressionante.

Ela engoliu em seco e molhou os lábios com a língua, em um tique nervoso. O olhar de Vladimir em sua direção era quase hipnotizante. Estavam sentados frente a frente, em uma distância segura, mas ela percebeu que a atmosfera em torno deles havia sofrido uma leve e quente mudança.

— E você, Vladimir? Como é a sua vida?

— Por favor, me chame de Vlad. — Piscou um dos olhos. — Não há muito o que falar sobre mim ou minha vida. Eu sou um homem bastante reservado, gosto da reclusão, confesso. Não tenho um grande número de amigos, posso contá-los nos dedos de uma das mãos, sendo sincero. Tenho passado os últimos anos tentando acompanhar as mudanças do mundo, para não me tornar obsoleto. Gosto de assistir a filmes. Eu tenho uma grande apreciação pela leitura. Mas também gosto de escrever.

— Sério? — Ele anuiu. — Sobre o que gosta de escrever?

— Sobre o comportamento humano, sobre as viagens que já fiz pelo mundo e como as

pessoas são diferentes em determinados lugares ou épocas.

— Isso sim é impressionante.

Ela não podia negar a si mesma a realidade de que estava adorando conhecer aquele homem. Não o do quadro, mas o que vivia fora dele.

— O que pretende fazer, agora que é milionária? — Ele a surpreendeu com uma pergunta bastante direta.

— É engraçado você me perguntar isso, porque eu ainda não assimilei essa coisa de ser uma herdeira cheia da grana, sabe? Tudo o que eu quero é dar uma boa vida à minha mãe Margarida e realizar o meu sonho de ter meu próprio negócio.

— Compreendo. Agora você pode fazer isso. Com o dinheiro que recebeu, nunca mais terá que trabalhar...

— Mas eu não vou ficar parada! — Fez uma careta involuntária. — Sempre trabalhei para sobreviver e não vai ser agora que eu vou sossegar. Posso estar cheia da grana, mas eu ainda sou Viktória Mészáros, a órfã que foi adotada depois de adulta, por uma mulher com um coração de ouro. Uma moça que não tem medo de trabalho e que quer vencer na vida com dignidade.

— Ei, me desculpe! — Levantou as duas mãos em um sinal de rendição. — Não quis te ofender de forma alguma. Perdão por esta pergunta tola, minha doce Viktória...

Ouvi-lo chamá-la assim fez Viktória se lembrar de Vlad, o homem do quadro. Decidiu arriscar-se em tentar extrair alguma informação.

— Fale-me sobre seu bisavô, Vlad Drakulya.

Ele dirigiu-lhe um sorriso malicioso.

— Por que o interesse nele, quando eu estou aqui em carne e osso? — Arqueou a sobrancelha.

— Você disse que ele foi o verdadeiro Conde Drácula. — Ignorou sua pergunta.

— E se eu te disser que a história sobre o Conde Drácula ser um vampiro é a mais pura verdade, o que você faria?

Ela pestanejou.

— Eu diria que vampiros não existem, você mesmo falou isso ontem à noite, lembra-se?

— Lembro-me perfeitamente. Mas os planos mudaram de ontem para hoje.

— Como assim? — Pestanejou.

Vlad levantou-se e segurou sua taça de vinho.

— O que acha de irmos até a sala vermelha? — propôs.

Ela limpou os lábios no guardanapo de tecido e, em seguida, levantou-se também. Seria de grande ajudar estar diante do quadro de Vlad Drakulya, assim ela se manteria ciente de que não eram a mesma pessoa.

— Vamos.

Quando a mão de Vladimir tocou suas costas nuas, na parte onde o tecido do vestido era ausente, o corpo de Viktória arrepiou-se de forma instantânea. Sentiu uma leve excitação em entre as pernas e mordeu o lábio inferior, para infligir dor a fim de se manter firme diante do convidado. A reação do seu corpo com um singelo toque a fez assumir para si mesma que ele a afetava sexualmente.

Para Vlad, aquela noite estava indo para além de suas expectativas. Queria mais do que nunca ser aceito pela mulher que despertara nele sentimentos tão fortes, em pouquíssimo tempo. Era fato que ambos mal se conheciam, mas havia uma conexão invisível que ligava um ao outro, quebrando qualquer barreira imposta pelo tempo ou condição humana.

Ao chegarem na grande sala, o olhar de Viktória foi direto para o quadro que tanto a seduzia. Ela afastou-se de Vlad com sutileza e caminhou até a imagem pendurada na parede. Precisava colocar os pensamentos em ordem.

— Não é extraordinária a semelhança entre vocês dois? — perguntou após alguns minutos de total silêncio, mas sem tirar os olhos da pintura.

— Certamente. Inclusive entre Mirela Mészáros e você.

Ela aquiesceu.

— O que te atrai nesta imagem?

A jovem senhorita Mészáros pensou no que responder, e pensou por um bom tempo até se dar conta de que não tinha uma resposta coerente.

— Eu não sei... — murmurou.

Vlad foi até ela e tocou-lhe os ombros, fazendo-a voltar-se para si. Quando o olhar de ambos se conectou, parte da verdade estava sendo revelada sem que nenhuma palavra fosse proferida. Vlad queria lhe revelar segredos. Viktória queria desvendar todos eles.

— O que enxerga quando olha para mim deste jeito?

— Ele... — respondeu com os lábios trêmulos.

— Pois eu enxergo apenas você, minha doce Viktória. Se olhar com atenção, verá seu reflexo em minha íris e saberá que é apenas você que vejo agora. Não a sua semelhança com outra pessoa, mas única e exclusivamente você.

Ela fez o que ele pediu e foi tomada por uma onda de emoção inexplicável. Tocou-lhe a face e o acariciou com excesso de zelo, como se a qualquer momento pudesse se despedaçar ou

desaparecer diante dela. Não sabia como e nem o porquê, mas não conseguia mais vê-los como duas pessoas distintas.

— Não estou comparando vocês dois, mas quando te vejo é como se estivesse olhando para ele. Mesmo sabendo que não é possível, eu enxergo ele em você.

— Talvez a verdade esteja diante dos seus olhos, minha doce Viktória...

Foi naquele momento que ela soube que era mesmo real.

— Não pode ser...

Vlad segurou o rosto da jovem entre suas mãos.

— Pode sim.

— Como?

— O mundo é tão cheio de mistérios e possibilidades, querida.

Quando ela deu um passo para trás, desvencilhando-se do seu toque, Vlad não a impediu, nem tentou se aproximar mais uma vez. Sabia que Viktória estava processando as recentes informações e encaixando-as nos devidos lugares. A bisneta de Mirela era uma jovem muito astuta e logo descobriria o que ele havia confessado nas entrelinhas.

Como cenas de um filme, Viktória relembrou os sonhos que tivera com o homem do quadro. A voz dele projetada em sua mente, mesmo antes de ter seu primeiro encontro com Vladimir, era igual à do homem à sua frente. A fragrância que sentira na pele dele, quando se aproximou dela na banheira, era a mesma. A reação de seu corpo quando ele a tocava, o fogo que sentia queimar de dentro para fora era inconfundível. A maneira como ele a chamava de “minha doce Viktória” era única.

Estavam a menos de um metro de distância, fitando-se em silêncio. Ela o analisava minuciosamente, ele aguardava a inspeção e o veredito final do julgamento dela. Nada mais importava para Vlad Drakulya, além da aprovação de Viktória Mészáros.

— Você é ele. Você é Vlad Drakulya...

Viktória quebrou a distância entre eles, continuando a analisá-lo em silêncio.

— Sente medo de mim? — a pergunta dele saiu em um sussurro.

— Não — respondeu de imediato, sem dúvida alguma em seu semblante.

Era tudo o que ele precisava ouvir para tomar sua decisão.

O primeiro toque dos lábios foi tímido, porque Vlad quis ter certeza de que não estava se precipitando e deixou que ela decidisse sobre se afastar ou dar continuidade. Desde o primeiro encontro, mesmo que através de um sonho, ele soube que ela era diferente, pois não o temia.

Viktória sabia que muitas questões precisavam ser esclarecidas, mas a constatação de que não estava enlouquecendo ao sentir o que sentia pelo homem retratado na pintura daquela sala fez com que ela deixasse para trás, ao menos naquele instante, todas as dúvidas e perguntas sem respostas. Entregou-se ao beijo, envolvendo seus braços em torno do pescoço dele e permitindo que ele pressionasse o corpo contra o dela, como se houvesse a necessidade de tornarem-se um só.

Ansiando tê-la por inteiro, Vlad escorregou suas mãos pelas costas nuas de Viktória, até alcançar o fecho que prendia o vestido. Ainda entre beijos, conseguiu abrir a peça de roupa e, por não possuir alças, o *chiffon* foi direto ao chão, deixando-a seminua, apenas de calcinha e salto alto.

Ela não se sentia inibida diante dele. Mas não queria ser a única a estar despida. Tomou a iniciativa e retirou o terno de Vlad, que logo começou a desabotoar a camisa enquanto ela afrouxava a gravata para finalmente deixá-la ao chão, com as demais peças de roupa. Ambos tinham pressa, a fome um do outro falando mais alto.

Usando de suas habilidades sobre-humanas, Vlad pegou Viktória no colo e a posicionou de costas sobre o tapete persa, tomando cuidado para ser gentil. Tirou-lhe a calcinha e o sapato e desnudou-se por completo antes de se deitar sobre ela, tudo em questão de segundos. A jovem ficou impressionada, mas não se assustou. Ela sabia que ele não era um homem comum, só não sabia ainda o quanto e por que ele era diferente.

Pele contra pele, o fogo entre eles se tornou ainda mais ardente. Viktória sentia sua umidade escorrer entre as pernas apenas com o roçar dos corpos e os beijos ávidos. Mas quando Vlad a penetrou com um dedo, ela quase desfaleceu de prazer. Havia estado em constante expectativa desde que sonhara com ele a primeira vez, imaginar estar com ele na cama enquanto se masturbava para aliviar seu desejo por um homem que deveria estar morto só intensificou ainda mais a realização de sua, até então, fantasia insana.

— Estou desesperado para entrar em você, Viktória...

Contudo, Vlad ainda continuou torturando-a com a agonia da expectativa. Sua boca foi deixando um rastro pelo corpo da jovem, traçando o caminho que fazia até o foco de seu desejo. Quando sua língua atingiu o alvo certo, Viktória contorceu ligeiramente o corpo lânguido, tentando usufruir das sensações que a fizeram gemer alto. O formigamento se encaminhando para o ponto central do seu prazer, era o efeito da atividade sanguínea acelerada, indicando o orgasmo que estava cada vez mais próximo.

— Grite o meu nome quando gozar — ordenou ele antes de voltar a devorá-la com a língua.

O som da voz rouca e cheia de autoridade foi o estopim para que ela explodisse.

— Vlad!

Ele se deleitou com o grito de tesão de Viktória, pronunciando seu nome no momento do mais

sublime êxtase, e como um vulcão que se desfaz em lava, ele já não controlava o percurso de suas ações.

— Minha doce Viktória, quero sentir tudo o que você tem guardado para mim, toda a intensidade do teu desejo e a força dos seus orgasmos... — Posicionou-se sobre ela e, sem aviso, penetrou-a fundo e com força.

— Ah! — O grito não foi de dor, mas um misto de surpresa e libido.

Com investidas aceleradas, Vlad entregou-se completamente ao prazer de desfrutar Viktória. A boceta apertada e bem lubrificada o aproximava do nirvana a cada segundo.

Viktória não conseguia conter os gemidos, pois seria como reprimir todo o prazer que Vlad dava a ela ao entrar e sair com tanta intensidade, ousadia e ardência. Estar com ele fisicamente era muito melhor que nos sonhos e ela ainda queria mais. Ela queria tudo. Sentiu a umidade da língua dele a explorar seu mamilo de forma hábil, conhecedora e demorada, enquanto estocava em ritmo cadenciado, porém profundo.

Ele queria satisfazer todos os desejos dela antes de pensar no seu próprio, mas vê-la se deliciar com a união de seus corpos o deixava ainda mais louco de tesão. Viktória era muito mais do que ele imaginara, a conexão estabelecida entre eles intensificou-se para um nível longe de qualquer comparação. Era transcendental.

Vlad possuía a meiguice da sedução e a dureza da atração. A intimidade e o reconhecimento pareciam existir desde sempre e tudo à volta deles perdeu significância, pois, naquela altura, apenas o prazer carnal imperava. Os beijos tornaram-se mais tórridos, os toques ainda mais afoitos, os sons ensurdecadores e os movimentos mais impetuosos, até que, finalmente, o gozo os atingiu em cheio e gritaram em uníssono, um o nome do outro.

Exaustos e ainda em um estado profundo de transe sexual, ambos tentavam entender a importância do que havia acabado de acontecer, mas a única certeza era que foi assustadoramente soberbo.

— Espero que não tenha sido mais um daqueles sonhos...

— Não se trata de um sonho, Viktória. Mas se fosse, eu não desejaria acordar agora.

Lembrando-se do último sonho que tivera com ele, a jovem senhorita Mészáros tinha uma pergunta a fazer:

— Você disse que eu era sua e que faria comigo o que tivesse vontade. — Passou a língua entre os lábios — Qual é a sua vontade, Vlad?

Ele sorriu, beijando-a nos lábios antes de responder:

— Nem sempre as palavras são a melhor forma de transmitir o que sentimos, queremos ou desejamos...

****VLAD****

Algo dentro de mim modificou-se. Certamente o meu coração começou a bater por um motivo diferente, não apenas questões do meu organismo, mas a parte empírica dele. Sei que a amo e, ao assumir tal fato, percebo que posso perdê-la a qualquer momento, contudo, não estou apto para lidar com o vazio da solidão mais uma vez.

Nunca vivi um grande amor ou uma paixão tão ardente como a que sinto por esta mulher. Em minha juventude, tive admiração e afeto por algumas damas, mas passei boa parte de minha vida humana travando batalhas e liderando tropas de soldados que dariam suas próprias vidas pelo que acreditavam. Fui um bom líder, um excelente estrategista, mas não sei ser o homem por quem uma mulher queira se apaixonar.

Depois de compartilharmos da banheira, onde tive a oportunidade de possuí-la mais uma vez, sem pressa e com muita devoção, carreguei Viktória ainda nua até sua cama e a observei enquanto se deixava embalar pelo sono da exaustão. Ela é ainda mais bonita quando está dormindo, desarmada de suas muralhas emocionais ou sua postura defensiva. Mesmo não a conhecendo há muito tempo, tenho acompanhado seus passos desde que chegara a Zsigmond e cada traço de sua personalidade me cativa. Ao mesmo tempo em que é idêntica em aparência física a Mirela, a alma dentro de Viktória é totalmente oposta à de sua bisavó.

Se pudesse, gostaria de parar o tempo ou retardá-lo, pois assim que o sol der sinais de sua presença no horizonte e seus raios começarem a penetrar através dos vitrais pelos corredores da mansão, terei que me refugiar no sótão, o único local desta propriedade projetado para que eu possa circular a qualquer hora do dia. Sei que ela tem perguntas a fazer, também estou ciente de que não existe a certeza de que irá compreender minha realidade e nem me perdoar pelos erros cometidos no passado, erros que fizeram com que sua família se desestruturasse e, por consequência, ela fora levada para outro país, para ser criada longe do pai.

Quero mais tempo com ela, mas sei que, como humana, Viktória tem suas limitações. Ao menos eu, com os dons que recebi junto com minha imortalidade, posso habitar seus sonhos. Acaricio seu rosto sereno e deito-me ao seu lado, fecho os olhos e me concentro em sua respiração, usando-a como um guia até seu subconsciente...

**_ ♡ *_*_

Estamos no quarto que pertencera a Mirela. Eu não entro aqui há muitos anos e está exatamente como me lembrava.

— Aqui está você — chamo sua atenção para minha presença, pois ela está concentrada na leitura do diário que pertencera à bisavó.

Viktoria franze o cenho e me fita com demasiada atenção. Fecha o diário e torna a guardá-lo dentro da caixa de madeira, então se levanta da cama de dossel e caminha em minha direção. Continuo parado rente à porta, não me sinto confortável de entrar no recinto, principalmente quando

sei que perto da janela existe um cavalete com um quadro retratando minha face sombria e cruel. Além disso, Viktória está vestida com uma das roupas favoritas de Mirela, assim como a habitual trança em seus cabelos longos e castanhos. Embora fosse a réplica perfeita da bisavó, estranhamente, eu sei distingui-las.

— Estamos em um sonho?

Anuo.

— Por que está dentro da minha mente, Vlad? Antes de fechar meus olhos eu vi que estava ao meu lado na cama.

— Sei que precisa descansar o corpo, mas sua alma flutua enquanto você repousa e é assim que posso usufruir de mais tempo ao seu lado.

— Isso é tão estranho. — Estende-me sua mão e eu aceito o gesto. — Entre.

— Não me sinto bem aqui — revelo, olhando em volta. — Que tal um passeio?

— Tudo bem.

Aguardo-a fechar a porta do quarto e então começo a caminhar pelo corredor da mansão, ainda de mãos dadas com minha doce Viktória.

— Tenho perguntas a fazer — retoma o assunto.

— Eu sei, mas não quero lhe fazer grandes revelações através de sonho. Será olho no olho, em corpo físico, não espiritual. Se você se desgastar emocionalmente enquanto está dormindo, pode ser que o seu corpo não descanse o necessário e isso afetará sua saúde.

— Entendi. O que deseja então? Como quer passar o tempo comigo, enquanto meu corpo descansa?

— Estar em sua companhia já é motivo de júbilo, minha doce Viktória. Vamos apenas continuar caminhando lado a lado.

— Sou inquieta por natureza, Vlad! Não vou conseguir andar ao seu lado em completo silêncio, minha mente funciona como engrenagens de um relógio, mesmo que eu esteja dormindo. Você me deixa assim...

— Inquieta?

— E curiosa.

Paro de andar e viro-me para ela.

— Quando acordar pela manhã, não estarei ao seu lado. Não pense que banquei o cretino e fugi de você, mas para mim é impossível permanecer no seu quarto durante o dia. Desculpe-me por isso.

— Não estou entendendo. O que há de errado com meu quarto?

— Não é apenas o quarto, mas os corredores da mansão. A luz do sol me afeta, você não gostaria de presenciar o que acontece caso eu tenha contato com a claridade natural. Zsigmond foi projetada para ser completamente iluminada pela luz do dia, por isso há tantos vitrais. Mas assim que o sol se pôr, eu torno a aparecer. Jantaremos juntos e então eu serei todo seu, seja para suas perguntas ou para o seu deleite...

Viktória afasta sua mão da minha, reparo em seu semblante sério e desconfiado.

— Você está me dizendo que não pode andar no sol.

— Exatamente.

Ela solta uma risadinha cheia de amargor.

— Você é um vampiro!

****VIKTÓRIA****

Sempre me considerei uma mulher inteligente, mas nos últimos dias eu estou subestimando essa constatação. É fato que deixei passar algumas pistas bastante óbvias, mas agora tudo está tão claro que eu me sinto uma garota estúpida por não ter percebido antes.

Romênia. Transilvânia. Bran. Uma mansão com aparência de mal-assombrada. Sonhos eróticos com um homem que deveria ter mais de cem anos. Um homem chamado Vlad Drakulya, a inspiração para o fictício Conde Drácula. Drácula, um vampiro. Vladimir... O homem com quem eu sonhava é real e está tão vivo quanto eu, mas ele não aparenta ter mais de trinta anos, mesmo que tenha sido o mesmo homem por quem minha bisavó era loucamente apaixonada. Ele não pode se expor à luz solar...

— Um vampiro! — Abro meus olhos repentinamente e verifico em volta, mas não encontro ninguém no quarto.

Na fresta da cortina, a luz do sol anuncia que já é manhã e eu busco no criado-mudo pelo meu celular.

São oito e quinze.

Relembro cada detalhe da noite passada e estranhamente não sinto arrependimentos. Eu vivi uma fantasia em sua plenitude, estive de forma íntima com o homem que habitou meus pensamentos desde que cheguei a Zsigmond. Não estou enlouquecendo, mas faço parte de uma realidade incomum. Minha vida está cercada por mistérios que pretendo descobrir em breve, antes de tomar qualquer decisão sobre o que fazer daqui para a frente.

Tento ser racional. Não é momento para surtar e bancar a órfã inconformada pelo abandono de sua família. Está mais do que claro que houve motivos fortes para eu ter sido separada de meu pai, só preciso de mais respostas.

Vlad é um vampiro, já não tenho dúvidas quanto a isso. Mas de alguma maneira, nossas vidas estão ligadas.

Levanto-me com pressa e, antes de fazer minha higiene matinal, procuro nos contatos o nome de Petru e faço a ligação. Ao terceiro toque ele atende.

— Bom dia, Viktória. Aconteceu alguma coisa? Você está bem? — Parece preocupado.

— Sim, estou bem. E sim, aconteceu algo, eu transei com um vampiro. Agora exijo que volte para Zsigmond o quanto antes, porque não vou engolir a história de que você não sabia de nada! Te espero para o almoço, Petru. Até mais tarde.

Desligo, sem dar chance para ele inventar alguma desculpa.

Ao passar pela sala vermelha, observo o tapete onde eu deitei e rolei com o homem do quadro. Não havia indícios do que aconteceu entre nós e, certamente, Vlad foi o responsável por deixar tudo em ordem, pois depois de dois orgasmos intensos, eu estava completamente derretida.

Entro na cozinha e encontro Ioana e Lana sentadas à mesa, a governanta está cortando legumes e sua neta preparando algum tipo de bolo.

— Bom dia! — cumprimento com gentileza. Ainda estou na dúvida sobre questionar Ioana a respeito de Vlad.

A senhora levanta-se de imediato.

— Bom dia, menina Viktória! O café está pronto, em um instante preparo a mesa.

— Não se incomode, Ioana. Você pode me dizer onde ficam as louças e eu mesma me ajito por aqui. Se esta casa enorme me pertence, ao menos tenho que saber onde estão as xícaras, não é mesmo?

— Estou aqui para servi-la, senhorita.

— Mas estou acostumada a me virar sozinha, você pode continuar com seus afazeres e me auxilia no que eu tiver dúvidas. Tudo bem?

— Se é assim que deseja, está bem.

— A propósito, Petru virá para o almoço — aviso despretensiosamente.

Ela sorri.

— Bom saber! Quero apresentar minha neta para ele, Lana ainda não conhece meu patrãozinho.

— Você vai se encantar com o Petru, Lana. Ele é um *gentleman*. — Pisco para a garota, que parece envergonhada.

— Menina Viktória, não fale assim! — ralha Ioana.

— Por que não? Estou mentindo, por acaso? — Pestanejo. — Petru é um cavalheiro, um homem muito gentil e bonito também. Por que não posso dizer isso à sua neta?

A governanta parece envergonhada.

— Desculpe-me, menina Viktória. Eu entendi mal seu comentário.

Não, na verdade ela não entendeu. Mas não vou desmentir, afinal, eu adoraria que Petru e Lana se envolvessem. Ela é jovem, bonita e parece ser uma boa garota. Petru tem as mesmas qualidades, apesar de eu ter minhas ressalvas sobre ele, sei que não é mau-caráter. Tudo o que Petru precisa é de um novo foco em sua vida, pois viver à sombra das vontades de um clã que está quase extinto, com exceção da minha pessoa, não é o que se pode chamar de objetivo de vida.

****CAPÍTULO SEIS****

Assim que Petru desceu do carro e dispensou Claudio, prendeu sua atenção em uma presença feminina a poucos metros de distância. Sentada debaixo de uma árvore, uma jovem muito bonita estava concentrada na leitura de um livro. Suas feições delicadas atraíram a curiosidade do advogado, que a achou muito parecia com alguém, mas não lhe vinha à mente com quem poderia ser. Queria muito se aproximar dela, até porque estava em propriedade privada e ele teria que lhe questionar sobre como havia conseguido permissão para entrar.

Era pouco mais de onze horas da manhã, seu encontro com Viktória estava marcado para o almoço, portanto, ainda lhe restava tempo para matar sua curiosidade a respeito da moça. Não pretendia intimidá-la, apenas queria descobrir mais sobre ela.

A jovem tinha os cabelos castanho-claros presos em um coque desleixado, usava um vestido de algodão, com estampa floral. Era simples, nada de alta costura. Ela havia retirado os chinelos para se sentar, e Petru não pôde deixar de reparar no quanto seus pés eram femininos e delicados. Algumas mechas de cabelo soltas impediam-no de ver a cor dos olhos, além de ela estar com o rosto inclinado na direção do livro, tão focada na leitura que sequer reparou na aproximação dele, o que para Petru era vantajoso, pois assim poderia continuar observando-a com mais interesse, sem ser pego no flagra.

— Bom dia, senhorita. Qual é o seu nome?

A garota assustou-se ao ouvir sua voz. Fitou-o com os olhos arregalados, mas logo se tranquilizou. Fechando o livro, ela se pôs de pé e calçou os chinelos, depois começou a bater no tecido do vestido, para limpá-lo dos pedaços de grama, e só então sorriu e se aproximou de Petru, mas ainda mantendo uma distância segura.

— Olá. Sou Lana Constantin. Minha avó é governanta nesta propriedade.

Ele sabia que Ioana tinha uma neta, filha de sua única filha que vivia em Bucareste. Mas não a conhecia, nem mesmo através de fotografia. A moça era muito bonita, chamou sua atenção logo de início, mas também parecia muito jovem e ingênua.

— É um prazer conhecê-la, senhorita. Sou Petru Moldoveanu, o advogado de Viktória Mészáros.

Ela anuiu.

— Eu sei quem você é.

— Sabe?

— Minha avó tem fotos suas na casa dela, desde quando o senhor era criança.

Ele não soube dizer o porquê, mas sentiu-se encabulado diante do que ela lhe dissera. Petru nunca soube como era a neta de Ioana e esta sabia exatamente quem ele era, mesmo assim, seus

destinos nunca haviam se cruzado até então.

— Vou entrar. — Sentiu necessidade de comunicá-la. — Fico feliz que sua avó tenha lhe trazido para a mansão, Viktória precisa de uma amiga. Acredito que se darão muito bem. Almoça conosco?

Ela não esperava pelo convite, mas sorriu, sentindo-se lisonjeada por ele tê-lo feito. Aceitaria o convite, mas não apenas porque considerou Viktória uma amiga em potencial, mas porque queria ter a oportunidade de estar na presença de Petru mais uma vez.

— Tudo bem, obrigada.

Ele despediu-se com um aceno e Lana observou Petru durante todo o trajeto até a porta de entrada, quando sua silhueta finalmente desapareceu. Sorrindo para si mesma, ela fitou seu pulso direito, onde um pequenino pingente de prata, em formato de coração, lhe queimou a pele.

— O homem que nasceu para ser meu...

**_ ♥ *_*_

*“Nesta terra consagrada com o sangue dos meus ancestrais
Eu te consagro com o meu sangue.
Pelas vidas que foram entregues como uma oferenda
Eu rogo aos ancestrais que me devolvam a sua.
Grata aos espíritos ascendentes que iluminam minha trajetória
Peço que iluminem a sua quando despertares para uma nova
vida.*

*Assim como eu sou serva da minha natureza mágica
Serás servo da sua natureza imortal.
O sangue dos injustos te acordou
O sangue dos injustos será o seu alimento.
Despertaste do sono da morte durante a noite
E a ela agora você pertence.
A estrela da manhã irradia a luz da vida
Mas esta vida não é mais a sua.
Serás fiel aos meus descendentes
Protegerá o meu Legado, pois este é o seu
Não serás ferido, nem sua vida será ceifada
Porque o sangue do último dragão corre em tuas veias.
E enquanto meu sangue existir nesta Terra
Você também existirá.
Bem-vindo de volta, Drácula.”*

Viktória sentiu o arrepio lhe percorrer o corpo. Acabara de ler um poema no diário de Mirela Mészáros e sabia que era sobre Vlad. Tudo naquele diário era sobre ele. A dor que a bisavó sentia por não ter seu amor correspondido da maneira como esperava, os anos que

devotara ao único homem por quem fora verdadeiramente apaixonada, guardando seu sofrimento para que ele não descobrisse o quanto se corroía por não tê-lo como gostaria, pois se ele soubesse, iria embora de Zsigmond para que pudesse esquecê-lo.

Era conflitante para Viktória, pois era evidente que Vlad foi parte importante na vida de sua bisavó e agora ele estava começando a fazer parte da sua. Embora não se arrependesse, era como se estivesse fazendo algo errado ao se envolver com o antigo amor de Mirela. Mas não conseguia lutar contra o forte sentimento que tomava conta de seu coração, cada vez que em sua mente vinha a imagem de Vlad Drakulya.

— Sabia que te encontraria aqui. — Petru entrou no quarto sem pedir licença e sentou ao lado de Viktória, que ainda segurava o diário aberto.

— Vlad é um vampiro — disse ela, indo direto ao ponto que lhe interessava.

— Ele te contou isso? — Petru fez-se de rogado.

— Quer mesmo ir por este lado? — Revirou os olhos.

Ele negou com um gesto de cabeça e ela continuou:

— Foi me buscar no Brasil por causa dele, não é mesmo? A herança era um pretexto...

— Sim. Mirela queria que Vlad te conhecesse, queria também que você soubesse sobre sua origem e a importância que tem na vida de Drácula.

— Quando é que ficarei sabendo de toda a verdade, Petru?

O advogado fitou-lhe com cumplicidade.

— O principal você já sabe e ainda não fugiu daqui. Vlad é um vampiro, isso não te assusta?

— Não da maneira como deveria, quero dizer, eu pensava que isso só existia em livros e filmes, mas o fato é que se Vlad quisesse me fazer mal, já teria feito. Não é mesmo?

— Claro. Vlad jamais te faria mal. Ele vive para proteger o clã Mészáros.

De repente, uma constatação surge na mente de Viktória.

— Se ele é mesmo um vampiro, isso significa que se alimenta de sangue...

— Sim.

— Oh, meu Deus! — Levantou-se da cama e foi até o cavalete próximo da janela, retirando o tecido que cobria o quadro pintado por sua bisavó, onde um Vlad perverso havia sido retratado.

— Não tire conclusões precipitadas, espere até o sol se pôr e poderá sanar suas dúvidas com Vlad. Pergunte tudo o que quiser saber, Viktória. O maior medo dele era revelar sua verdadeira natureza, mas agora que você já sabe o que ele é, está pronta para saber tudo sobre

o passado da sua família e também a origem de Vlad.

Viktória tornou a se sentar e fechou o diário de Mirela, guardando-o na caixa de madeira.

— Desde quando você sabe sobre ele?

— Conheço Vlad desde os meus cinco anos de idade. Sou seu único amigo.

— É muito tempo...

— Sim, por isso eu posso afirmar que você o está salvando de uma vida solitária. Vlad não sai da mansão há anos, exceto quando precisa se alimentar.

Ela fez uma careta ao pensar em como ele se alimentava, mas não fez nenhuma pergunta a respeito.

— Desde que soube da sua existência — continuou Petru — ele demonstrou verdadeiro interesse em conhecê-la. Então você chegou a Zsigmond e virou a vida dele de pernas para o ar.

— Como assim?

— Ele tinha um plano em mente, mas bastou vê-la e tudo foi por água abaixo.

— Que plano, Petru?

Advogado se levantou e caminhou até a porta do quarto.

— Eu já falei demais. Agora é entre você e ele.

Viktória também se levantou.

— Você leu o diário da minha bisavó?

— Não. Nunca tive permissão para isso e jamais invadiria a privacidade de Mirela desta maneira. Tudo o que sei sobre ela foi o que a própria me contou.

A jovem senhorita Mészáros fechou a porta atrás de si e começou a caminhar ao lado do advogado.

— É assim que me sinto — confessou ela, envergonhada. — Sempre que leio aquele diário, tenho a sensação de estar invadindo a privacidade dela.

— Não pense assim, Viktória. Mirela queria que você lesse o diário. Por este motivo é que eu o trouxe para cá.

— Ela sentia um amor tão grande por ele, mas Vlad não a amou da mesma maneira. — Balançou a cabeça, inquieta. — O que estou fazendo, Petru?

O advogado não entendeu seu questionamento. Parou a caminhada e virou-se para fitá-la com atenção.

— Como assim?

Soltou uma lufada de ar antes de responder:

— Quando te liguei hoje cedo, contei que tinha transado com Vlad. — Sentiu seu rosto enrubescer. — O fato é que desde que cheguei nesta mansão e vi aquele quadro, algo muito forte aconteceu. Não consigo explicar, mas tive alguns sonhos, antes daquele encontro na segunda-feira à noite. Agora eu sei que foi ele, mas...

— Continue — encorajou-a.

— Acho que estou me apaixonando.

— Acha? — Ele sorriu, achando graça.

— Acabei de conhecê-lo, Petru. Não sei quase nada sobre ele. Como posso me apaixonar por um estranho? Por um vampiro? — Parecia inconformada.

Petru Moldoveanu segurou a jovem pelos ombros, puxando-a para um abraço amigável.

— Isso é bobagem, Viktória. Não existe um prazo estabelecido para que você se apaixone por alguém.

— Não sou promíscua, mas não pude evitar o que aconteceu. O meu corpo e o dele... — Fechou os olhos, arrependida do que tinha acabado de dizer. Afastou-se de Petru e fitou o chão, sem coragem de encará-lo. — Desculpe-me! Eu não devia estar falando sobre isso com você.

— Ei, não se envergonhe. Sou seu amigo, Viktória. Mesmo que eu seja amigo de Vlad, fui amigo de Mirela também e agora sou seu. Tudo o que desejo é que essa história tenha um final feliz. Estou cansado de testemunhar tristeza por todos os lados.

— Obrigada por me ouvir.

Petru retomou a caminhada e Viktória o seguiu.

— Conheci a neta de Ioana. Você pode se aproximar dela, talvez fiquem amigas — sugeriu Petru.

— Ela é linda, não? — Viktória comentou com malícia. — Você pode se aproximar dela, talvez fiquem amigos.

Ele riu.

— Por acaso está bancando a cupido para cima de mim?

— Talvez!

**_ ♥ *_*_

Quando Petru chegou à sala de jantar, viu a mesa já arrumada para três pessoas. Viktória ficara no quarto, quis telefonar para sua mãe antes do almoço. O advogado foi até a copa

cumprimentar loana, pois desde o momento em que chegara à mansão não a tinha visto. O que não esperava ver era um belo par de pernas, esticando-se em cima de uma pequena escada doméstica, tentando alcançar alguma coisa em cima de um armário.

— Quase lá!

Lana procurava um local seguro para guardar um antigo grimório que lia às escondidas, aproveitou que sua avó precisou ir ao vilarejo e decidiu escondê-lo no alto de um armário. Por ter baixa estatura, mesmo com o auxílio da escada, teve dificuldades para empurrar o velho livro até que não pudesse ser visto.

Aproximando-se da garota, mas sem anunciar sua presença, Petru prendeu a respiração ao ver um pedaço do tecido da calcinha que ela usava, uma minúscula peça em renda cor-de-rosa, cobrindo seu traseiro redondo e deliciosamente sedutor. Reflexo inato ou não, o membro em suas calças deu sinal de vida, despertando e começando a latejar. Quanto mais ele a olhava, sua mente elaborava as possibilidades e o volume do pau rijo já podia ser visto sobre o jeans que ficara apertado, culpa do tesão que o invadiu sem que ele fosse capaz de controlar. Petru Moldoveanu estava excitado por Lana Constantin. Completamente possuído pelo calor que sentia dentro da cueca, tudo porque estava a olhar para aquele corpo.

— Oh, você! — Lana sorriu ao ver Petru observando-a com interesse, não deixando passar despercebido a protuberância bem abaixo de sua cintura.

Descuidando sua atenção, a garota desequilibrou-se na escada e fechou os olhos, preparando-se para a queda. Petru estava perto o bastante para ampará-la e seu reflexo foi rápido, conseguindo impedir a garota de se machucar ao segurá-la em seus braços.

Nenhum dos dois disse uma palavra, apenas fitaram-se em silêncio, tentando compreender o que era aquela energia invisível em torno deles. Algumas vezes os pormenores faziam toda a diferença, e, como para cada ação existe uma reação, Lana sorriu para Petru de forma quase involuntária. Ouviu-se um suspiro, seguido de um gemido e a respiração cortante de ambos esperando pelo passo seguinte, o que os colocou em uma redoma sexual... Buscavam por algo que não assumiam em voz alta, mas que desejavam com avidez.

Petru a colocou de volta ao chão, mas continuou com as mãos na cintura de Lana. Estavam muito próximos um do outro e ela, em um gesto ousado, pressionou o seu quadril contra o dele, sentindo a ereção.

— É por minha causa que está assim?

Ela parecia satisfeita por tê-lo deixado excitado. Petru franziu o cenho e deu um passo para trás, separando os corpos. Nunca se comportou tão levemente diante de uma mulher, sempre foi um cavalheiro e sabia controlar seus impulsos. Mas com Lana foi diferente, não havia controle, apenas o desejo de tomá-la para si.

Sem lhe dar uma resposta, o advogado virou-lhe as costas e saiu da cozinha apressadamente. A garota começou a rir sozinha, achando graça da situação.

— Não adianta fugir, Petru Moldoveanu. Mais cedo ou mais tarde, você será meu.

**_ ♥ *_*_

Viktória avistou Petru saindo da copa ao chegar na sala de jantar para o almoço.

— Não posso ficar aqui — disse ele, nervoso. — Vou para o vilarejo, mas volto no final da tarde.

Ele não parou para se despedir dela, simplesmente saiu em direção ao hall da mansão. A jovem senhorita Mészáros foi atrás dele, sem entender por que ele parecia transtornado.

— Petru, espere! O que foi que aconteceu?

Mas o advogado não lhe deu ouvidos, abriu a porta da mansão e começou a descer as escadas para o jardim.

— Petru, por favor! — suplicou Viktória, preocupada.

Petru parou abruptamente e colocou as mãos nos joelhos, respirando profundamente. Ela o observava com aflição, sem saber o que dizer para acalmá-lo.

— Desculpe, eu não queria preocupá-la... Tenho que resolver algumas pendências no vilarejo, mas voltarei ainda hoje.

— Onde está loana?

— O quê? — Voltou a ficar de pé. — Não sei, eu não a vi desde que cheguei.

— E Lana?

— O que tem ela?

Viktória sorriu.

— Você a encontrou na cozinha?

Petru estava aliviado por sua ereção ter diminuído, não sabia o que dizer para Viktória. Não queria ter que explicar a ninguém algo que nem ele entendia.

— Sim, eu a vi. Por quê?

Mas a jovem senhorita Mészáros sabia que algo acontecera, contudo não pressionaria Petru.

— Nada não, você disse que ela iria almoçar conosco.

— Ela vai, pelo menos com você. — Voltou a caminhar em direção ao carro, onde Claudio o aguardava de prontidão. — Até mais tarde.

Antes que ele partisse, Viktória se lembrou de algo importante.

— Petru, me diga: onde Vlad fica durante o dia?

— No sótão.

**_ ♥ _*_*_

Lana e Viktória almoçavam em silêncio. Embora uma tenha simpatizado com a outra, suas mentes vagavam em outra dimensão.

Viktória estava indecisa quanto a ir ao sótão da casa, encontrar Vlad antes do pôr do sol. Sentia falta dele, de conversar, beijar, acariciar. Mas também ansiava por respostas e sabia que ele tinha todas.

Lana estava chateada por Petru ter ido embora antes do almoço. Queria a chance de estar com ele por mais tempo, mas temia ter se precipitado ao ser tão direta no encontro que tiveram.

— A que horas loana disse que voltaria do vilarejo? — Viktória iniciou a conversa, enquanto ajudava Lana a recolher a mesa.

— Não disse, tudo o que sei é que ela precisou ir ao vilarejo com urgência.

— Estranho, Petru também teve que ir. Será o mesmo motivo?

A menina enrubesceu.

— Acho que não. Desconfio que tenha sido por minha causa.

Lana começou a lavar os pratos assim que terminaram de arrumar a sala de jantar. Poderia ter usado a lavadora de louças, mas queria se distrair com o serviço doméstico. Para ajudá-la, Viktória pegou um pano de prato e começou a secar o que Lana lavava.

— O que aconteceu para ele ter ficado aborrecido a ponto de ir embora? — insistiu Viktória, tentando descobrir alguma informação.

— Ele ficou constrangido porque estava excitado e eu perguntei se era por minha causa. — Ela segurou uma risada.

Mas não Viktória. A jovem senhorita Mészáros não conseguiu controlar o riso e caiu na gargalhada, quase deixando um prato escorregar de suas mãos.

— Como foi que as coisas chegaram a esse ponto?

E assim as garotas começaram a conversar e a se conhecerem melhor, descobrindo afinidades e iniciando uma amizade que futuramente seria importante demais para ambas as partes.

**_ ♥ _*_*_

No meio da tarde, loana chegou do vilarejo e desculpou-se com a senhorita Mészáros por ter que se ausentar sem aviso prévio. Trouxe consigo uma sacola grande, mas não a abriu na frente das garotas.

Viktória despediu-se da avó e da neta, com a desculpa de ir deitar-se para descansar um pouco. A verdade é que desde que chegara àquela mansão, tudo o que Viktória fazia era sonhar com Vlad, tentar arrancar respostas de Petru, ler o diário de sua bisavó e dormir. Zsigmond era imensa e a herdeira da propriedade não conhecia a maioria dos cômodos, limitando-se a uma sala de estar e hall de entrada, além da cozinha e seu quarto, e o quarto da bisavó. Até se arriscara a caminhar pelo jardim, mas a mente vagava para os segredos de sua família e quase não explorara os aposentos, somente alguns quartos vazios, que não lhe chamaram a atenção.

Ao ficar sabendo através de Petru que Vlad passava o dia trancado em um sótão, sentiu-se inquieta, lutando contra o desejo de ir até ele antes de anoitecer.

Será que ele dormia?

O que fazia para passar o tempo?

E se fosse até lá, ele gostaria de sua companhia?

Quando conversou com sua mãe adotiva antes do almoço, Viktória teve que mentir dizendo que tudo estava bem, que passeava pela Transilvânia e divertia-se conhecendo um pouco de seu país de origem. Mãe Margarida não se mostrou muito convencida, mas a jovem não entregou os pontos. Sabia que ela surtaria se lhe contasse sobre estar apaixonada por um ser sobrenatural.

Apaixonada...

Poderia se apaixonar por alguém tão rapidamente?

Sabia que nunca sentiu por outro o que sentia por Vlad, mas como ter certeza de que não se tratava de um sentimento efêmero? Que não era apenas a realização da sua fantasia pelo desconhecido?

Lutando contra a insegurança, a jovem senhorita Mészáros subiu as escadas apressadamente, correndo em direção ao sótão, pois sabia onde era sua entrada, embora não tivesse coragem de explorá-lo antes, e agradeceu mentalmente por isso. Se tivesse ido lá sem estar preparada para encontrar Vlad Drakulya, talvez não recebesse bem a notícia sobre ele ser um vampiro que vivia escuso.

As batidas do seu coração aceleravam conforme ela se aproximava da escadaria estreita que levava até a porta do sótão. Hesitou, porém, no primeiro degrau.

— *Venha, minha doce Viktória. Eu estou te esperando.* — Ouvia o sussurro ao pé do seu ouvido, dando-lhe a coragem necessária.

E ela foi.

Ao abrir a porta, Viktória sentiu como se estivesse fora de Zsigmond. O sótão parecia um apartamento luxuoso, decorado para ser a moradia de um homem moderno e de muito bom gosto. Vlad podia até viver escondido de tudo e todos, mas vivia muito confortavelmente.

— Surpresa? — ele indagou com tom de deboche.

Ela mordeu os lábios ao vê-lo.

— Impressionada. — E não estava se referindo apenas ao ambiente em si, mas ao fato de Vlad estar vestido apenas com uma cueca boxer preta.

— Pensou que o Conde Drácula, em pleno século XXI, dormisse dentro de um caixão, em um porão escuro, fétido e cheio de teias de aranha? — Riu, enquanto se aproximava dela.

— Não tinha parado para pensar em como você passava os dias — confessou, encabulada, mas sem parar de admirar o quanto ele era bonito.

Vlad tinha estatura alta, provavelmente pouco mais de 1,80 m de altura. Era magro, mas com musculatura definida, sem exagero, certamente adepto a exercícios físicos. A pele alva, devido à falta de sol, contrastava com o cabelo escuro. Sua barba rasa dava-lhe um charme extra e Viktória gostava da sensação dela raspando por sua pele quando ele beijava seu corpo.

Ele sorriu cinicamente, percebendo que o estava analisando. Mas aproveitou para contemplá-la também.

Viktória vestia uma saia em jeans, com comprimento pouco acima do joelho, e uma bata de malha bali. Vlad se aproveitou da vulnerabilidade da peça de roupa e, ao se aproximar da jovem senhorita Mészáros, tocou-lhe a cintura com uma das mãos, e com a outra invadiu-lhe o interior de sua coxa, subindo até encontrar o ponto exato de sua preferência: a calcinha de renda.

Ela estremeceu e, à vontade com o toque dele, retribuiu envolvendo seus braços em torno da cintura de Vlad, colando-o ao seu corpo e sentindo a ereção dele começar a ganhar volume.

— Senti sua falta... — Encostou sua testa na dela.

— E eu a sua.

Colaram suas bocas em um beijo quente e apaixonado.

Bastou que provassem um do outro para que ficassem dependentes.

Vlad tentara descansar por algumas horas, mas não conseguiu se concentrar no silêncio sem que a imagem da mulher que amava invadissem sua consciência. Como uma criatura sobre-humana, ele não necessitava dormir para recarregar as energias de seu corpo, mas gostava de fechar os olhos, deitado em sua cama, para livrar sua mente dos pensamentos conflitantes. Quando se vive há muito tempo, as memórias se sobrecarregam e muitas vezes o remorso ou a nostalgia o afetavam, deixando-o irritado ou até mesmo melancólico. Era um vampiro, um ser sobrenatural que não podia ser morto, mas ainda assim possuía características humanas e elas o afetavam como a qualquer outro, talvez até com mais intensidade. Mas quando beijava Viktória, a paixão o acalmava ao mesmo tempo em que despertava dentro de si um instinto primitivo de posse e lascívia. Ela o acalmava de seus temores, mas atiçava o seu lado libertino em proporções pecaminosas.

Logo os beijos evoluíram para carícias íntimas, os dedos de Vlad acariciavam-na sobre o

tecido da calcinha, provocando-a e a deixando molhada. Os gemidos denunciaram o quanto ela estava gostando e, querendo retribuir a atenção que recebia, Viktória invadiu a cueca e tomou em sua mão o pau grande e rijo, começando a masturbá-lo.

— Vamos pra cama, amorzinho... — Mordiscou o lábio inferior dela, segurando-a com firmeza pelas coxas, envolvendo suas pernas em torno da cintura, obrigando-a a segurar-se em seus ombros.

Retomando os beijos enquanto caminhava até a enorme cama de dossel, posicionada em um canto do apartamento/sótão, Vlad sabia que deveria reprimir seu desejo por Viktória, até que ela soubesse de toda a verdade para então decidir-se sobre como funcionaria o relacionamento deles. Era óbvio que o desejava, mas apesar de a química entre eles ser inflamável, havia verdades que poderiam fazê-la desejar manter-se longe dele.

Ao se inclinar na cama, deitando-a de costas, Vlad fitou sua amada e sentiu um nó em sua garganta.

— O que foi, Vlad?

Ele balançou a cabeça, tentando afastar seus temores inconvenientes.

— Só eternizando essa lembrança em minha memória — desconversou. — Você é tão linda, principalmente quando está excitada e doida pra ser fodida.

Ela gargalhou e roubou-lhe um beijo estalado.

— Está esperando o que para me foder? — provocou-o.

Ele sorriu com malícia e mordeu seu queixo, antes de dizer:

— Estou esperando você sussurrar bem gostoso no meu ouvido, dizendo o quanto está louca para que eu entre em você com força.

— Não seja por isso. — Viktória apoiou os cotovelos no colchão, para alcançá-lo.

— Ainda não... — murmurou preguiçosamente, prendendo seus pulsos lado a lado da cabeça, fazendo com que ela voltasse a se deitar.

— Por que não? — perguntou intrigada.

— Quero um pouco da tortura que precede o prato principal.

Vlad ansiava pelas preliminares, precisava prolongar aquele momento o quanto pudesse ser possível.

— As iniciativas, por mais tênues que sejam, tornam tudo ainda mais intenso. Não é mesmo, minha doce Viktória?

Em resposta, ela arqueou o quadril para obter contato com o corpo dele que pairava sobre ela, apoiando os joelhos no colchão.

— Tire sua blusa — exigiu ele, soltando seus pulsos. — Eu cuido da maldita saia.

Em poucos segundos ela estava quase nua, não fosse a minúscula peça de renda já encharcada. A tortura de não ser fodida depressa, com força, amplificava ainda mais o seu desejo, e foi nesse momento que Vlad arrancou sua calcinha de forma violenta, rasgando-a. Abriu as pernas de Viktória, colocando-as por sobre os ombros, afundando a boca nos lábios vaginais, perdendo-se enquanto vagueava com a língua em sua boceta, como um tonto que não sabia para onde ir, explorando com vontade, lambendo, saboreando, sorvendo e querendo sempre mais.

As mãos de Viktória agarravam o lençol e suas pernas se contorciam, puxando-o ainda mais para ela. Quando Vlad entrou o mais fundo que era possível, sua língua atingindo o ponto certo e tão desejado, o corpo dela tremeu convulsivamente, em um orgasmo fortíssimo, longo e brutal.

— Vou morrer... — murmurou concupiscente.

O vampiro passou a língua entre os lábios, limpando-se do prazer dela, sorrindo de satisfação ao ver o quanto ela se sentia plena após o sexo oral.

— Se você morrer, eu também morro. — Estranhamente, ele não estava se referindo ao fato de ela ser a última Mészáros viva, mas à certeza de que sem Viktória, a vida não faria mais sentido.

Estava completamente duro e sua mão já havia aberto caminho entre as pernas dela, comprovado com o tato o que já havia constatado com o paladar: Viktória estava totalmente pronta para recebê-lo. Posicionando-se sobre ela, mordeu o lóbulo de sua orelha e sussurrou com tom de provocação:

— Já pode cumprir a sua parte e dizer o quanto está louquinha pelo meu pau...

Viktória riu, mas não conseguia dizer nada. Ainda estava entorpecida então apenas balançou a cabeça em negativa.

— Vai bancar a difícil?

Ela negou mais uma vez.

— Então diga.

— Não consigo. — Não emitiu nenhum som, mas ele interpretou seus lábios.

Abaixou a cabeça, alcançando um dos mamilos, começando a sugá-lo para provocá-la.

Viktória se contorceu sob ele, ansiando por tê-lo.

— Duas palavrinhas, amorzinho — insistiu, com bom humor. — Tudo o que você precisa dizer é: Me coma!

Ela queria, queria mesmo dizer. Porém faltava-lhe ar nos pulmões e precisava de algum tempo para se recompor. Vlad soube esperar, brincando com os seios dela, acariciando, lambendo,

sugando, enlouquecendo-a. Seu pau roçava em sua entrada, aguardando que fizesse o que lhe pediu, até que aconteceu:

— Me coma!

Era tudo o que ele precisava ouvir. Deslizou-se para dentro dela devagar, seus gemidos se misturando, ambos se deliciando com o contato e começando a se movimentar em sincronia, as mãos entrelaçadas e os olhos fechados, focados no prazer que compartilhavam.

Era mais que sexo, eles sabiam.

**_ ♥ _*_*_

— Você é um vampiro — ela disse ao acordar e vê-lo observando-a em silêncio, acariciando seu rosto.

— Sim.

— Você dorme?

Vlad não conseguiu conter a risada.

— Acabo de afirmar que sou um vampiro e sua próxima pergunta é se eu durmo? — Balançou a cabeça. — E eu preocupado, achando que você surtaria com a verdade.

A jovem senhorita Mészáros se sentou e acariciou o rosto do vampiro, fazendo-o acomodar sua cabeça sobre as pernas dela.

— Não durmo.

— Então por que tem uma cama?

— Você não para de me surpreender, Viktória. Mas respondendo sua pergunta: sou imortal, não preciso comer nem dormir, mas gosto de manter alguns hábitos humanos. Às vezes, deito-me aqui e fecho meus olhos, lembrando-me de outras épocas, lugares ou pessoas que passaram por minha vida. É aqui que fico quando entro em seus sonhos. Estou neste mundo há muito tempo, meu cérebro não sossega nem por um segundo, é preciso saber lidar com isso e eu gosto de me desligar um pouco.

— Algum tipo de meditação?

— Pode se dizer que sim.

Uma melodia soou pelo ambiente e Vlad se levantou em uma velocidade impressionante, tudo o que Viktória conseguiu ver foi um vulto e logo Vlad aparecera do outro lado do cômodo, segurando um aparelho de celular na mão, voltando a se acomodar na cama, da maneira igualmente veloz. Fez um gesto para que ela ficasse em silêncio e só então atendeu a ligação.

— Moldoveanu, está tarde. O que houve?

Viktória observava-o com curiosidade.

— Ela está comigo, no sótão... Verdade, providenciarei algo... Não será necessário, eu mesmo faço isso... Já está na hora de você saber que ela sabe sobre mim. Desculpe, amigo, mas você não é o único. Depois eu te explico melhor. — Desligou, sem se despedir.

Ignorando a expressão atônita de Viktória, Vlad fez uma nova ligação.

— Boa noite, Ioana... Prepare uma bandeja com o jantar de Viktória. Não vamos descer esta noite... Mande pelo elevador. Obrigado. — Desligou, novamente sem se despedir, deixando o aparelho de lado e voltando sua atenção para a mulher que o fitava com o semblante espantado. — O que foi?

— Você tem um iPhone?

Ele deu de ombros.

— O quê? Pensou que eu me comunicava com pombo correio? Coruja? — Beijou-lhe a testa e desceu da cama, ficando de pé. — Não estamos em *Game Of Thrones* ou *Harry Potter*, amorzinho. — Tomou-a nos braços. — Vamos para o banho.

**_ ♡ *_*_

— Não usamos preservativo, Vlad.

Estavam acomodados em uma banheira, onde o vampiro esfregava a esponja cheia de espuma pelas costas de sua amada.

— Eu sou imune a qualquer tipo de doença — revelou. — Também não posso ter filhos. Faz parte do pacote. O Conde Drácula não adoece, mas também não procria.

Nem mesmo a água morna impediu que Viktória se arrepiasse ao ouvir o que Vlad acabara de dizer. Não que ela cogitasse ter filhos com ele, algum dia. Mas aquela informação mexeu com ela. Sentiu seu corpo ficar tenso ao se lembrar que existia um mundo fora daquele sótão.

Não era ingênua. Ao menos não considerava que fosse. Podia estar alheia a muitas verdades, mas tinha plena consciência de que estava vivendo um romance incomum, com um homem incomum. Vlad não tinha sono, nem fome, não adoecia, nem procriava, também não envelhecia. Era uma criatura imortal que se alimentava de sangue humano, ao menos era o que Petru lhe dissera. Ainda tinha o passado com a família dela.

Podia estar envolvida sexual e emocionalmente com ele, mas precisava ser congruente: Ele era um vampiro.

— Ioana sabe sobre você há quanto tempo? — Optou por mudar o rumo da conversa.

— Antes de Petru, tem uns cinquenta anos. Ela tinha acabado de passar pela iniciação.

— Iniciação? — Pestanejou.

— Ioana é uma bruxa. O clã Constantin é um dos poucos que ainda praticam magia.

Viktória virou-se de frente para Vlad, fazendo com que um pouco de água transbordasse para fora da banheira.

— Petru sabe disso?

Ele negou com um gesto de cabeça e entregou-lhe a esponja, ficando de costas para ela, derramando mais água no chão. Viktória começou a esfrega-lo sentindo o cheiro do sabonete de macadâmia perfumar a pele de Vlad.

— Conteí a Petru naquela ligação, sobre Ioana saber a meu respeito. Depois converso com ele. Mas Moldoveanu não faz ideia que a mulher que ajudou em sua criação é uma praticante de magia.

— Isso quer dizer que Lana também é uma bruxa?

— A neta de Ioana? — Era uma pergunta retórica. — Sim. Sua iniciação será em alguns dias, quando ela completar vinte anos. É assim que funciona.

Vlad levantou-se, apenas para se virar novamente, mas evitar que mais água se esparramasse pelo piso do banheiro. Acomodando-se de costas para a porcelana, pediu que Viktória se acomodasse outra vez de costas para ele e ela assim o fez.

— Como sabe tanto sobre bruxas? — retomou o assunto.

— Porque fui criado por uma. — Beijou o ombro de Viktória.

Ela tinha tantas perguntas a fazer, mas permaneceu calada.

Vlad nunca antes havia se sentido tão humano como naquelas horas que passara com Viktória, no sótão. Ela era uma mulher incrível e estava lidando com as recentes descobertas de uma maneira que ele jamais imaginara. Não sabia colocar em palavras o quanto a admirava por sua coragem. Mesmo que o inundasse de perguntas, Vlad sabia que era por querer entender o mundo ao qual ele pertencia. Até aquele instante, não houve julgamentos. Era o que ele mais temia, mas ainda era cedo demais para se tranquilizar a respeito.

— Estamos indo rápido demais... — ela disse, por fim.

— Eu sei.

— É só que... — Inclinou a cabeça para trás, buscando em seu olhar, compreensão.

— Não dá pra evitar — completou o que ela queria dizer e depositou um beijo em sua testa.

****PETRU****

Meu corpo traiçoeiro entregou meu desejo no momento mais inoportuno. Não posso imaginar como será quando voltar a me encontrar com Lana, depois da situação constrangedora que vivenciei após o almoço. Acabei de conhecê-la, mas é inegável a forma como me sinto atraído por aquela garota. Meu pau pulsa de tesão só de pensar no que poderia fazer com ela nua em minha cama. Minha imaginação é fértil o bastante para criar as cenas mais soberbas. Tento dormir, mas está difícil. A noite quente me fez embrenhar-me debaixo do lençol de seda, completamente nu. Estou duro feito pedra, com uma fodida frustração sexual. Não quero ter que recorrer a masturbação, mas se essa excitação não diminuir e o sono não aparecer, terei que providenciar meu alívio de forma manual.

Minha mente projeta a imagem da garota com o vestido de algodão, abaixada de forma que eu tenho visão total da sua bocetinha depilada. Ao contrário do que aconteceu mais cedo, na minha imaginação ela não usa calcinha. O sorriso que me dirige ao constatar que eu estou olhando, em nada tem semelhança com inocência. É quase como se estivesse sem calcinha por minha causa, propositalmente para me enlouquecer. E conseguiu.

Só me apetece transgredir, ambiciono perder o bom senso por alguns instantes e fazer o que é impróprio.

Quero fodê-la.

**_ ♡ _*_*_

Abro meus olhos ao pressentir que não estou sozinho no quarto e ali está ela, vestindo uma camisola de cetim, branca, extremamente sexy. Cobiço suas pernas à mostra e em um gesto involuntário, toco meu pau por baixo do lençol. Molho meus lábios com a língua e a observo sorrir para mim de maneira enigmática. Ela está tão bonita, com os cabelos soltos caindo-lhe sobre o decote generoso de sua minúscula peça de roupa íntima.

Ela começa a balançar o corpo sem pressa, em uma dança lenta e sensual. Não há música, apenas o som da minha respiração começando a ficar acelerada. Sem dizer nada, Lana começa a passar as mãos pelo próprio corpo, acariciando-se, sem tirar os olhos dos meus.

Eu quero essa garota. Eu quero muito essa garota.

Desde que a vi mais cedo, me questionei várias vezes por que ela me atrai tanto. Se é pela sensualidade que transmite com apenas um sorriso, por suas belas pernas ou a curvatura que se faz notar sua bunda gostosa.

— Escute o seu desejo — sussurra, abaixando uma das alças da camisola. — Liberte sua vontade. — Abaixa a outra alça, permitindo que a peça caia no chão.

Vestida apenas com uma minúscula calcinha branca, os seios desnudos estão erigidos e tudo o que mais desejo neste momento é sugar, morder e beliscar seus mamilos. Pressiono o meu pau com

mais força e começo a movimentá-lo, querendo aliviar o meu desespero sexual.

— Acolha a sua luxúria — falou, movimentando o quadril enquanto as duas mãos abaixavam a calcinha. — Concretize sua fantasia, Petru.

— Isso é loucura...

Lana está completamente nua à minha frente e eu contemplo com verdadeira adoração.

Dando um passo à frente, ela se ajoelha em cima da minha cama e mergulha para baixo do lençol, começando a engatinhar em minha direção. Solto a mão do meu pau quando percebo o que ela quer fazer e então jogo minha cabeça para trás e fecho meus olhos, deleitando-me com o que está por vir.

— Tenha o que você quer...

Lana começa a deslizar a sua mão por todo o meu pau, com lentidão e firmeza, claramente conhecedora de como agradar. Sinto-a se abaixar, encaminhando-se para me chupar, o que começa a fazer de forma magnífica.

— Ah, porra! — Prendo minhas mãos em seus cabelos, por debaixo do lençol.

Sinto sua boca quente a me envolver e tenho dificuldade em processar tudo o que estou sentindo neste momento. Não será nada fácil aguentar muito tempo sem explodir na boca gulosa da minha garota devoradora. Com uma das mãos, ela aperta e manuseia meu pau, desejando que eu me renda, ambicionando saciar-se de mim até que eu jorre meu prazer em sua boca pequena e deliciosa, mas que me acolhe com verdadeira hospitalidade.

Derrotado na minha tentativa de segurar o orgasmo que vem a caminho, explodo em gozo, enchendo sua boca sedenta.

— Caralho! Que delícia... — murmuro com a respiração entrecortada.

Com maestria e sutileza, Lana continua o seu trabalho, lambendo-me lentamente, percorrendo meu pau ainda duro, saboreando o resultado do prazer que ela havia me proporcionado.

Leva alguns minutos para ela se recompor e então começa a engatinhar para trás, saindo de baixo do lençol e ficando novamente de pé, linda e nua, sorrindo-me como uma menina levada que acabara de cometer uma travessura. Sem dizer nada, ela começa a vestir sua camisola, eu, ainda em estado de transe, tento assimilar a miríade de prazer que me invadiu a poucos instantes. Já vestida, Lana vira-se de costas para mim, mas antes de sair do quarto, silenciosa e sorrateira, tal quando chegara, vira-se rapidamente e joga em minha direção a sua calcinha branca, depois abre a porta e vai embora, dona de uma sensualidade de quem sabe que é boa naquilo que se propõe a fazer.

****LANA****

Não me resta nenhuma dúvida de que encontrei aquele por quem estava procurando. O homem a quem eu pertencerei chama-se Petru Moldoveanu.

Desde que me descobri uma descendente de bruxas, venho estudando os grimórios dos ancestrais de nosso clã, a fim de me familiarizar com a linguagem e os costumes do meu povo. Minha iniciação na magia será quando eu completar meu vigésimo aniversário, o que acontecerá em menos de um mês e então terei permissão para praticar magia sem supervisão de minha guia, que é minha avó loana. Contudo, seguindo as orientações de um grimório muito antigo, forjei um talismã em prata e com ele realizei um ritual de reconhecimento da outra metade. Todas as pessoas possuem uma alma gêmea e, com meu pequeno talismã, eu poderia reconhecer a minha assim que estivesse diante dela. Eu tinha apenas dezesseis anos quando o fiz, ele nunca se manifestou então eu pensava que não havia funcionado, pois minha magia era fraca e inexperiente. Acabei usando o pingente como um adorno ao pendurá-lo em uma pulseira que ganhara de presente de aniversário. Assim que ouvi a voz de Petru, senti a ardência em meu pulso e logo percebi que estava acontecendo aquilo que eu tanto aguardava, porém já havia perdido a esperança.

Saber que ele sente atração por mim é lisonjeiro e um tanto tentador. Eu o quero e não somente porque já sei que nossos caminhos estão destinados a se encontrarem, mas porque, certamente, se eu não tivesse meu talismã, tenho certeza de que o desejaria com a mesma intensidade. Meu corpo despertou para sentidos que até então eu não possuía o menor interesse, ele é o motivo por eu sentir meu lado mulher aflorar de uma hora para outra.

Eu não tenho ideia de como será quando estivermos frente a frente mais uma vez, mas tudo o que sei é que serei sua e ele será meu.

Fecho meus olhos e sorrio, tentando imaginar qual será a reação dele quando encontrar minha calcinha embaixo do lençol de sua cama. Foi muito ousado da minha parte, mas eu preciso atirá-lo de alguma maneira e um pequeno ritual de sedução não faz mal a ninguém.

**_ ♡ *_*_

Sinto o exato momento em que uma mão masculina contorna o meu tornozelo e sobe pela parte interior de minha perna. Prendo minha respiração e já sinto meu corpo começar a arder, implorando pelo pecado. Lenta e firmemente, a mão continua sua carícia, subindo até alcançar o interior da minha coxa, roçando de leve minha intimidade. Estremeço e arqueio o quadril. Não vou abrir meus olhos, pois sei exatamente de quem é a mão tarada.

Ele está tão perto de mim, sinto sua outra mão a desenhar os contornos do meu rosto com a ponta do polegar, sei que ele percorre seu olhar faminto sobre meu corpo entre os lençóis, imaginando tudo o que gostaria de fazer comigo, mas ainda reluta, não se sabe o porquê. Enquanto isso, sua mão desliza pelo meu nariz e minha respiração já não é pausada, principalmente quando as pontas dos seus dedos descem em direção à minha boca.

A outra mão parou de explorar, fazendo com que eu tente fechar as pernas para aliviar minha excitação, mas quando tento fazê-lo, ele não permite. Mudo minha estratégia e tento aprisionar seu dedo com a boca, mas ele também me impede, pois tão nobre quanto Petru consegue ser, não quer correr o risco de se deixar cair em tentação. Não quer se permitir sentir, mas ainda assim tem uma missão a cumprir e ela sou eu.

— Não faz ideia do puta tesão que está me consumindo, Lana...

Sim, eu faço, pois sinto o mesmo. Mas não falo nada em voz alta, porque sei que infelizmente ainda não é real, mas o meu ritual está funcionando e enquanto aqui estou, delirando pelo homem que tanto desejo, ele está em seu quarto fantasiando obscenidades comigo.

A outra mão volta a trabalhar, optando por explorar mais a fundo, fazendo que eu solte um gemido rouco, ao ter um de seus dedos tocando-me parar, deslizando e subindo sobre o clitóris enquanto a outra mão sai de meu rosto para também participar do ato, com dois dedos penetrando-me num vai e vem lento e superficial, mas que gradualmente se torna mais rápido, duro e profundo. Enlouquecendo-me, fazendo-me delirar com os tremores, a tensão, o tesão... Muito tesão!

O orgasmo me atinge em cheio, como eu nunca havia sentido antes quando me dava prazer sozinha. Abro meus olhos, que encontraram os dele, num olhar característico de quem é cúmplice do meu prazer, um olhar safado e terno ao mesmo tempo. Ele está completamente nu, com o seu pau desperto e louco para receber o mesmo prazer que acabara de me proporcionar...

Sorrio para ele, sabendo que assim como minha noite havia sido carregada de luxúria pelo meu subconsciente, a dele teria o mesmo destino.

**_ ♥ _*_*_

Sinto uma fragrância me despertar de um sono profundo, após uma noite de prazer intenso, forte e extenuante.

Não vejo a hora de poder vivenciar tudo isso de verdade.

****VLAD****

Penso em como há alguns dias minha vida era completamente vazia, mas desde que Viktória chegou a Zsigmond, tenho me sentido vivo como nunca antes. Observo-a dormir, algo que tenho gostado muito de fazer. Seu rosto sereno, suas feições delicadas... Agora que ela está em meus braços, talvez eu consiga me desligar um pouco.

Fecho meus olhos e relaxo minha mente, tentando não pensar em nada. É uma tarefa difícil, mas ao longo do meu tempo de vida extenso, aprendi a fazê-lo.

**_ ♡ _*_*_

— *Então é ela quem você ama.*

Reconheço a voz e a aparência tristonha apesar da beleza.

Não se trata de Viktória, e tão pouco é um sonho, porque eu não sonho, apenas recordo-me do que já vivenciei.

Mas, então, por que estou vendo Mirela, ainda jovem, à minha frente?

Ela está morta.

— *Como isso é possível? — questiono.*

Desde que foi embora de Zsigmond, após a morte de Ciprian, nunca mais nos falamos. E agora eu a vejo diante de mim, com seu vestido favorito sujo de tinta, porque não gostava de usar avental quando pintava.

— *Você é um vampiro, amado Vlad. Por que duvida das forças que regem este mundo?*

— *Isso é um sonho? — Olho em volta e tudo o que vejo são árvores. Os pinheiros que cercam a mansão Zsigmond.*

— *Eu preciso lhe dar um recado. Não tenho muito tempo. — Deu um passo à frente, perto o bastante para acariciar meu rosto. Não lhe impeço que o faça. — Sinto muito que não tenhamos nos despedido antes de eu partir, mas foi minha escolha. Também lamento que Constanta o tenha odiado ao ponto de não dar continuidade à nossa linhagem. Agora eu sei o que você fez. Te perdoo por isso. Na época, tudo o que eu desejava era que meu filho vivesse, pois uma mãe jamais imagina ver seu filho partir antes dela.*

— *Desculpe por isso, Mirela... Eu simplesmente não podia. — Minha voz embarga e sinto que estou prestes a chorar, o que fiz pela última vez quando soube que ela havia falecido.*

— *Eu sei, meu querido. Mas preciso que saiba que se aproxima o dia em que você desejará fazê-lo.*

Franzo o cenho.

— O que vai acontecer?

Ela recua alguns passos.

— No momento oportuno, entregue estas palavras à menina Mészáros:

“Nesta terra consagrada com o sangue dos meus ancestrais

Eu te consagro com o meu sangue.

Pelo sangue do dragão que a ti entrego

Eu rogo aos ancestrais que lhe concedam uma nova vida.

Grata aos espíritos ascendentes que iluminam minha trajetória

Peço que iluminem a sua quando despertares para o seu Legado.

Assim como eu sou serva da minha natureza mágica

Serás servo da sua natureza imortal.

O sangue de um injusto selará o seu destino

O sangue dos injustos será o seu alimento.

Despertaste do sono da morte durante a noite

E a ela agora você pertence.

A estrela da manhã irradia a luz da vida

Mas esta vida não é mais a sua.

Serás fiel aos meus descendentes

Protegerá o meu Legado, pois este é o seu

Não serás ferido, nem sua vida será ceifada

Porque o sangue do último dragão corre em tuas veias.

E enquanto meu sangue existir nesta Terra

Você também existirá.

Bem-vindo de volta, Drácula.”

Desaparecendo em uma névoa que surgiu de repente, Mirela já não tinha mais a expressão de tristeza em seu rosto. Ao dizer adeus pela última vez, eu soube que finalmente ela estava em paz.

— Conte tudo a Viktória, ela está pronta para saber a verdade.

****VIKTÓRIA****

Abro meus olhos e sorrio ao perceber que estou na cama de Vlad. Apesar de ter amanhecido e saber que ele não está em outro lugar da mansão, se não o sótão, não o vejo em nenhum lugar. Levanto-me em silêncio e como estou nua, vou até o grande armário embutido em uma enorme parede, que calculo ser onde Vlad guarda suas roupas limpas. Ao correr uma das portas, encontro camisetas dobradas com perfeição e pego a primeira disponível. Ela é preta, como quase todas as outras, e não tem nenhuma estampa, mas na etiqueta é possível ler *Calvin Klein*. Visto-me e o seu comprimento cobre o suficiente, mas sinto-me desconfortável sem roupa íntima. Procuro em outra parte do armário até encontrar a gaveta de cuecas. Sinto-me uma enxerida, mas acabo pegando uma das boxers de Vlad.

As janelas do sótão estão cobertas por uma espécie de cortina metálica, impedindo o sol de penetrar entre os vitrais. Na noite passada eu vi que é possível enxergar lá fora através deles, porém não havia a proteção que vejo agora. O sótão não é separado por cômodos, tudo está espalhado estrategicamente em um só lugar. Há um sofá imenso no centro, virado para uma televisão que mais parece uma tela de cinema, fixada em uma parede branca. O tapete negro, felpudo, dando a aparência de sala de estar, tem sobre ele uma pequena mesa de vidro, onde alguns livros e um laptop estão posicionados. Em um canto perto da televisão, há um frigobar abastecido com uma grande variedade de bebidas caras e uma cristaleira onde há copos para os específicos tipos de bebida. Em um canto mais escuro, vejo algumas estantes carregadas de livros, aparentemente antigos. Conto cinco delas, protegidas por uma fina porta de vidro, para a preservação dos exemplares.

Minha pequena turnê continua e nada de Vlad aparecer, o sótão está completamente silencioso, com exceção do refrigerador em uma moderna e equipada cozinha, em outro canto do cômodo. Há um pequeno elevador de serviço, que Vlad me explicou servir para enviar o cesto de roupas à lavanderia ou como ontem à noite, para loana lhe mandar alguma coisa da cozinha. Ela não entra no sótão, é ele mesmo o responsável pela limpeza de todo o cômodo.

O espaço é grande, o fato de não ter paredes transmite essa sensação. Mas há largos pilares espalhados e neles há quadros pendurados, obras de artistas anônimos e alguns deles bastante conhecidos, de diferentes épocas e estilos. Vlad certamente é um colecionador, e de muito bom gosto. As pinturas parecem combinarem umas com as outras, sem exagero e contrastando muito bem com os móveis em cores neutras. Parece frio e impessoal, visto inicialmente, mas agora eu já consigo identificar esse espaço como o lar de alguém. Embora não tenha fotografias, nem objetos que remetam a lembranças pessoais, consigo imaginar Vlad passando o seu tempo aqui, seja lendo um livro ou assistindo a um filme, até mesmo navegando na internet.

De repente, tenho a sensação de estar sendo observada, mas ao olhar em volta eu não vejo ninguém. Sei que somente Vlad habita este lugar, então me tranquilizo. Passo pelas estantes e visualizo o pequeno escritório, muito bem-organizado e equipado com o que há de melhor e mais moderno. Computadores, impressoras e outros aparelhos que desconheço.

— Você é realmente uma garota muito curiosa, minha doce Vik.

Sobressalto, assustada com o sussurro em meu ouvido. Viro-me para encarar Vlad, que sorri abertamente, caçoando de mim.

— Cruz credo, Vlad! Não faça mais isso, você quase me matou de susto.

Ele ri, tão espontâneo, jogando a cabeça para trás. Acabo me contagiando com seu bom humor e também caio na gargalhada.

— Idiota!

— Posso lidar com isso, já fui chamado de coisas piores. — Puxou-me pela cintura, colando meu corpo ao seu. — Você está muito sexy, usando minha cueca e camiseta.

— Obrigada, mas pretendo continuar vestida, senhor Drácula. Preciso me recuperar das nossas peripécias dos últimos dois dias.

— Tudo bem, nós precisamos mesmo conversarmos à sério. Mas antes, deixe-me te alimentar. Ioana preparou um delicioso desjejum, já está a caminho.

****CAPÍTULO SETE****

Petru Moldoveanu acordou com a cueca molhada. Sentiu-se desprezível por se comportar como um adolescente que não consegue controlar os próprios hormônios. Mas o sonho que tivera com a neta da governanta foi tão vívido que seria impossível que qualquer homem naquelas condições, não tivesse uma ejaculação. Para piorar as coisas, seu pau estava desperto, clamando por alívio. Levantou-se e foi para debaixo do chuveiro, arriscando um banho frio para que tudo voltasse ao normal. Ao retornar para seu quarto, enrolado em uma toalha de banho, algo lhe chamou a atenção entre o lençol de seda. Aproximou-se desconfiado, mas ao pegar a calcinha de renda branca em sua mão, pestanejou, confuso.

Havia sido um sonho ou foi real?

No sonho que tivera, Lana executou com maestria o melhor sexo oral que ele já recebera em toda a sua vida. No final, antes de ir embora, jogou-lhe a calcinha na cama. Uma calcinha igual à que acabara de encontrar.

— Não foi real... — murmurou para si mesmo, antes de cheirar a peça e novamente sentir o seu pau começar a ganhar vida.

Frustrado, deixou a calcinha em cima da cama e ocupou-se em vestir-se com calça de moletom e camiseta de algodão, calçou o par de tênis de corrida e verificou o celular antes de sair do quarto. Havia um recado de Vlad, comunicando que Viktória permanecia com ele no sótão e que finalmente havia chegado a hora da verdade. Preocupado com a reação de sua amada, Vlad pediu que Petru permanecesse em Zsigmond, para o caso de Viktória precisar de alguém para conversar ou descontar sua raiva. Ele sabia que fazia parte daquilo, então se a jovem senhorita Mészáros ficasse furiosa com o vampiro, certamente também ficaria com ele. A volta dela estava agendada para o dia seguinte, mas Petru não tocou nesse assunto com Vlad, pois certamente Viktória o faria. Queria se manter o mais neutro possível, quanto antes tudo fosse esclarecido, melhor.

O advogado encontrou Ioana na copa, terminando de arrumar uma bandeja para o desjejum e em seguida depositá-la no pequeno elevador, encaminhando-o para o sótão.

— Bom dia, menino Petru. O café está pronto, em alguns instantes a mesa estará posta.

— Bom dia, Ioana. — Reparou que ela estava nervosa, por ele tê-la visto colocando a bandeja no elevador. — Estou chateado com você. Sabia todos esses anos sobre Vlad e nunca deixou uma pista solta. Enganou-me direitinho.

Conhecendo a preferência do advogado, a governanta serviu-lhe o café ao seu gosto, alcançando uma xícara para ele, que aceitou.

— Não faça isso comigo, Petru. Eu poderia cobrar o mesmo de você, que se calou por toda uma vida. Mas ambos queremos o bem do Conde. Minha família é leal a ele por três gerações. E

com exceção de minha filha, que nunca quis se iniciar na magia, Lana é minha pupila e também servirá a Vlad.

— Você pertence a um clã de bruxas? — Estava boquiaberto, não tanto pela descoberta, mas por nunca ter percebido antes.

Ioana lhe sorriu, de forma compreensiva.

— Perdão por manter o sigilo, menino. Mas os tempos mudaram e falar sobre magia e clã de bruxas em um mundo onde existe a internet e um monte de coisas fantasiosas, não é exatamente algo tão simples de fazer.

— Tem razão. Mas não esconda nada de mim, Ioana. Aqui somos uma família, Vlad é como um irmão para mim. Eu sei sobre as bruxas, então o que me contar não será espantoso. E logo Viktória estará a par de tudo.

— Está certo. Sem segredos, a partir de agora.

Lana era uma bruxa. Petru não conseguia parar de pensar naquilo.

— As bruxas passam pela iniciação aos vinte anos, correto? — Terminou de beber seu café e colocou a xícara na cuba da pia. — Quando será o aniversário de Lana?

— Menos de uma semana, por isso tive que sair ontem, fui comprar alguns ingredientes para o ritual. — Franziu o cenho. — Já conheceu minha menina?

— Sim, Lana é adorável. — Deu de ombros. — A propósito, onde ela está?

— Na floresta.

Queria perguntar mais, saber o que Lana fazia por lá. Ponderou ser algum preparativo para sua iniciação. Pelo que sabia das praticantes de magia, antes de completar o vigésimo aniversário e tornarem-se aptas a praticar magia sozinhas, as jovens bruxas faziam rituais de agradecimento aos seus ancestrais.

De repente, Petru desconfiou que o episódio noturno, que vivenciara em sonho, tinha algo a ver com Lana e sua descendência mágica.

Será que ela fez isso?

— Ioana, não precisa servir o desjejum, estou saindo para correr. — Beijou-lhe a face e retirou-se pela porta dos fundos.

**_ ♡ *_*_

Lana preparou as ervas e as jogou na fogueira, iniciando a cantiga na língua nativa de seus ancestrais. Retirou a túnica, ficando nua, como exigia o ritual. Estava ali em meio à natureza, a fim de agradecer aos ancestrais pelos conhecimentos adquiridos através dos grimórios e dos ensinamentos que as grãs mestres dos clãs passavam adiante para as bruxas iniciadas. Purificava-

se para receber as energias transmitidas pelos espíritos dos ascendentes, e a cantiga falava sobre nascer para fazer o bem usando os dons que a natureza lhe presenteara.

Deu a volta em torno da fogueira, inalando a fumaça e sentindo o perfume que a essência das ervas queimadas exalavam. Fechou os olhos, abaixou-se e após um agradecimento final, pegou o pequeno balde com água e apagou o fogo.

— Por que está nua, no meio do mato?

A garota sorriu ao reconhecer a voz de quem lhe interrompia. Felizmente havia finalizado sua pequena cerimônia ritualística, ou teria que ignorá-lo e manter-se concentrada, para não irritar os ancestrais. Uma bruxa que não consegue manter a concentração nunca será uma bruxa poderosa, nunca dominará sua magia por completo. Era o que sua avó lhe ensinara desde que soube quem era e a que família pertencia.

— É um ritual... — Virou-se na direção de Petru e lhe sorriu.

Petru estava suado, parecia ter corrido. Respirava com um pouco de dificuldade e os cabelos desgrenhados estavam molhados em sua testa. Parecia um garoto, vestido com roupa esportiva, e Lana reparou no quanto seu corpo era atlético. Ainda mais lindo do que quando vestia-se com calça de sarja e camisa social.

— E se um dos seguranças te encontrasse? — Não disfarçou sua irritação.

— Eles são seguranças, então eu deveria me sentir segura, não é mesmo? — desafiou ela.

Petru não conseguia desviar o olhar. A garota estava nua e não parecia se importar com o fato de estar exposta na frente de um homem. O corpo de Lana era muito atraente aos seus olhos. Um par de seios médios, o quadril formando uma curva perfeitamente delineada e as pernas que ele já conhecia e tinha grande adoração. Molhou os lábios com a língua ao se demorar entre as pernas, fixando sua atenção na virilha e logo um pouco mais abaixo...

— Vista-se, Lana! — gritou, arrependendo-se de ter soado grosseiro.

Mas a garota pareceu não se intimidar com o tom ríspido do advogado.

— Por que, Petru? Não gosta do que vê, não lhe agrada o meu corpo? — A voz sussurrada era sensual e provocante.

Petru já estava excitado, mas sentiu como se suas bolas fossem explodir. Ele desejava aquela garota desde o primeiro instante que a vira, mas à medida que passava mais tempo em sua presença, o desejo parecia que ia lhe inflamar o corpo e dominá-lo por completo.

— Por que está fazendo isso comigo?

Ela caminhou em sua direção, ignorando a túnica no chão da floresta.

— Porque você nasceu para ser o meu homem — foi direta.

Petru semicerrou os olhos, a confusão estampada em sua face.

— Como pode dizer isso? Acabamos de nos conhecer!

Parando a poucos centímetros de distância, ela tocou-lhe o rosto e ele fechou os olhos, sentindo o fogo do desejo o consumir.

— Bobagem, e você sabe disso.

Quando os lábios de Lana roçaram nos seus, Petru não conseguiu afastá-la. Enlaçou-a pela cintura e aprofundou o beijo, invadindo-a com a língua e perdendo-se nas sensações. O perfume em sua pele era como um afrodisíaco e logo a mão dele escorregou pelo quadril, alcançou o interior da coxa e subiu, separando os grandes lábios que já mostravam sinais de umidade. Ao receber a primeira carícia, Lana arqueou o corpo e soltou um gemido alto, ainda presa ao beijo.

Petru estava perdendo sua razão, conforme sentia a boceta da garota encharcando-se com os estímulos de seus dedos. Contudo, por mais que estivesse louco para deitar Lana sobre a túnica abandonada, e desesperado para abrir suas pernas e enfiar-se dentro dela, sabia que não podia fazê-lo. Não naquele momento, nem naquele lugar.

Afastando-se de Lana, abruptamente, como se tivesse recebido uma alta descarga elétrica, Petru levou os dedos melados pela umidade da garota até a boca, sorvendo-os em um gesto tão obsceno quanto se estivesse entre as pernas dela.

— Vou conversar com sua avó. Depois disso, você será minha. — Apontou para a túnica no chão. — Agora vista-se.

Sem esperar por ela, Petru voltou para a trilha da floresta e continuou sua corrida. Estava decidido, falaria com Ioana. Não faria nada que corrompesse os princípios nos quais fora educado e levava muito a sério. A garota não era qualquer mulher, era neta da senhora que ajudou a criá-lo e por quem tinha imensa estima e amor fraternal. Não seria leviano. Além de tudo, sabia que havia algo diferente entre eles. Aquele tipo de conexão não era fugaz.

**_ ♥ _*_*_

Vlad observava Viktória sentada no sofá. De pé, vestindo apenas uma cueca boxer, o vampiro dava pequenas passadas de um lado para o outro, pensando em como iniciaria sua história. A jovem senhorita Mészáros aguardava com expectativa, mas não queria pressioná-lo, sabia que assim que estivesse pronto, Vlad lhe contaria tudo.

— Há mais de quinhentos anos, entrei para a *Ordem do Dragão*. Meu pai pertencia a esta ordem e eu entrei tão logo completei idade para lutar as batalhas territoriais da época. Meu irmão mais velho havia acabado de falecer e eu assumi seu lugar. Éramos vinte e quatro membros da nobreza. Foram anos de luta e muito sangue derramado.

Viktória ouvia com demasiada atenção, não queria perder nenhum detalhe.

— Fui príncipe da Valáquia por três vezes, até ser traído por meu irmão mais novo. Fugi

para a Hungria e fui ferido gravemente em uma emboscada, na floresta. Uma mulher me encontrou desmaiado na mata e me acolheu em seu casebre. Seu nome era Alexandra Mészáros.

Ali estava, a primeira Mészáros na vida de Vlad. O coração de Viktória começou a bater em ritmo descompassado, um misto de ansiedade e desconforto. O sentimento de posse que nutria por Vlad a assustava, nunca pensou que poderia desejar tanto alguém ao ponto de não suportar ouvi-lo mencionar o nome de outra. Mas ele estava se abrindo para ela, contando sua história, sua origem, dando a ela o que tanto queria, os mistérios em torno de sua família desvendados.

— Alexandra era praticante de magia. Usou ervas medicinais para limpar meus ferimentos, elixir para combater a infecção e rituais de cura para tentar acalmar a febre. Mas eu estava debilitado demais.

Vlad fitou Viktória e pode ver a ansiedade em seus olhos.

— Ela vivia na floresta, reclusa. Tinha uma filha adolescente, mas não era casada. As pessoas a viam como uma ameaça, consideravam-na a esposa do diabo. As bruxas, apesar de serem mulheres de bem que praticam magia usando a força e energia que a própria natureza lhes dão, nunca foram aceitas pela sociedade. Viviam escusas, praticavam seus rituais em sigilo, para evitar a perseguição.

— Foi ela quem fez você ser quem é?

— Sim.

Vlad sentou-se na outra ponta do sofá, ficando de frente para Viktória. Surpreendeu-se com a tranquilidade de sua amada, aberta a ouvi-lo, para tentar entendê-lo. Estava apenas começando, porém sentia-se mais seguro de continuar.

— Depois de três dias agonizando, eu morri — retomou a história. — Alexandra me consagrou com seu sangue, ligando-me a ela e à sua linhagem ancestral, em um ritual. Foram cinco dias de transição e após os espíritos ancestrais aceitarem os sacrifícios, eu retornei dos mortos, mas já não era um ser humano. Por fora, continuava o mesmo. Minhas feridas foram curadas, as cicatrizes desapareceram, eu me sentia forte e saudável novamente. Mas por dentro meu organismo não mais funcionava como o de uma pessoa comum, já não havia fome, nem sede, nem sono. Meus sentidos tornaram-se mais aguçados, meus músculos, mais fortes, meus passos, mais rápidos. Levantei-me em uma madrugada, como se nunca tivesse sido ferido.

— Isso é... Surreal.

— De fato — concordou. — Quando olhei em volta, dei-me conta que estava na floresta. Estive deitado em uma cova no chão, ao centro, e formando um círculo ao meu redor havia outras cinco covas. Tratavam-se dos homens que me emboscaram. Alexandra os matou com ajuda de sua filha, eles foram o sacrifício que ela ofereceu aos espíritos ancestrais em troca da minha vida.

— Isso é tão macabro! — Encolheu-se no sofá, abraçando as pernas e apoiando o queixo em seus joelhos.

Vlad dirigiu-lhe um sorriso cínico.

— Eu voltei dos mortos, amorzinho. A ordem natural da vida não inclui a ressurreição. O homem nasce para morrer. Alexandra foi contra a lei da natureza, mas os espíritos que a regem permitiram o meu retorno. É claro que haveria concessões e um preço a se pagar por tal privilégio.

— Você não se expor ao sol é uma dessas concessões?

Ele anuiu em silêncio.

— Mas o ritual ainda não estava completo. Embora não sentisse fome, eu precisava me alimentar. Só que a minha dieta foi alterada. — Começou a rir, como se recordasse de uma piada muito engraçada. — Alexandra revelou-me que para viver minha nova vida, eu teria que beber o sangue dos injustos. Somente assim o ritual estaria completo e eu me tornaria um ser impossível de ser morto.

— Sangue dos injustos? — O estômago de Viktória embrulhou-se.

— Todo aquele que corrompe uma alma inocente torna-se um injusto. Assassinos, estupradores, pedófilos, terroristas... No mundo há milhares de injustos, é o mal que ganha força. Naquela ocasião, os homens que tentaram me matar na emboscada, eram os injustos de quem eu devia me alimentar.

— Por quê?

— É como se esses espíritos ancestrais realizassem uma espécie de fotossíntese, absorvendo essas almas perversas e transformando-as em energia benevolente. As bruxas têm o dom de trabalhar em comunhão com essa força natural e receber essa energia para práticas voltadas ao bem. Aqueles homens eram assassinos, Alexandra ofereceu aos ancestrais, cinco almas perversas em troca de eles lhe devolverem uma alma benevolente.

— A sua.

— Exato. Por isso me alimento do sangue dos injustos, é um tributo aos ancestrais que me devolveram a vida e presentearam-me com a imortalidade. Sou um servo dos ancestrais, com a incumbência de enviar-lhes almas perversas.

Para Viktória, saber que Vlad se alimentava de sangue humano, mesmo que se tratasse de pessoas com desvio de caráter, não foi algo fácil de assimilar. Ela levaria um bom tempo para entender a sua verdadeira natureza. Implicava em muita coisa, não era como na televisão, onde vampiros eram homens lindos que vestiam jaquetas de couro e tinham a opção de beber sangue de coelhos e cervos para não machucar os seres humanos.

— O que acontece se você não beber o sangue dos injustos?

— Eu envelheceria, depois ressecaria e teria a aparência de uma múmia, em mil anos de sarcófago. — Riu da própria piada. — É como se você não bebesse água. Seu corpo precisa hidratar, o meu também.

— O que motivou Alexandra a te trazer de volta? — Franziu o cenho. — Por que dar eternidade para um completo desconhecido?

— Não sou eterno, Viktória. Sou imortal. — Voltou a se levantar assim que ouviu a proteção das janelas se movimentarem, dando indícios de que o sol havia desaparecido no horizonte. — Eu não posso ser morto por nenhum ser, doença ou arma humana, nem pelo passar do tempo. A luz natural do sol queima a minha pele e pode me fazer um grande e dolorido estrago, mas se eu tiver sangue dos injustos para me alimentar, eu recupero-me e volto a ser como está me vendo agora. — Caminhou até uma das janelas, onde era possível avistar a floresta de pinheiros. — Antes de me salvar, naquela noite, meu caminho e de Alexandra haviam se cruzado uma vez. Eu havia salvado ela e sua filha de serem estupradas por soldados mercenários. Alexandra estava sendo perseguida por líderes religiosos, que colocaram sua cabeça à prêmio. Ela sabia que não conseguiria se esconder por muito tempo e, preocupada com o destino da filha e o futuro de seu clã, tinha-me como referência de proteção. Eu era um guerreiro e fui seu salvador.

— Por isso vem protegendo a geração dos Mészáros? Como forma de agradecimento?

— Quando me consagrou com seu sangue e o de seus ancestrais, Alexandra ligou minha vida ao de sua linhagem. Enquanto houver um descendente Mészáros respirando nesse mundo, a minha imortalidade está garantida. Em troca, eu lhe prometi ser leal aos seus descendentes e protegê-los, geração após geração.

Viktória se levantou e foi até Vlad, que fitava através da janela a escuridão de Bran. A floresta de pinheiros impedia a vista do vilarejo, mas era possível enxergar algumas luzes acesas, entre o balançar das árvores.

— É o que você tem feito, durante todo esse tempo? — Tocou seu ombro, mas ele não se voltou para ela

Soltou uma lufada de ar, antes de responder:

— Era o que eu deveria ter feito. Veja só, você é a última Mészáros viva.

Ela engoliu em seco.

— O que isso significa, Vlad?

Ele finalmente se virou, fitando Viktória nos olhos.

— Significa que, se você morrer amanhã, eu me torno um simples mortal, começarei a envelhecer e morrerei algum dia.

A informação a pegou de surpresa.

— Então é por isso que me quer por perto?

A jovem estava tremendo por dentro. Raiva, mágoa, frustração. O homem à sua frente era um ser sobrenatural, mas a conexão entre eles foi imediata. Nunca sentiu medo de Vlad, com ele a sensação de estar segura surgiu de forma natural. Nem quando pensou que ele fosse um fantasma

se deixara amedrontar. Envolveu-se tão rapidamente que não pensou nas consequências. Um coração partido não era o souvenir que desejava levar como lembrança da Transilvânia.

Vlad Drakulya nunca temeu seus inimigos. Mas ali, naquele momento, sentiu o medo pairar sobre ele. Medo de que após revelar sua história, Viktória partir sem olhar para trás. Contudo, precisava fazê-lo, não seria justo continuar mantendo-a na mansão Zsigmond se ela continuava alheia ao motivo principal de sua estadia.

****VLAD****

Começo a ficar tenso, mais do que quando comecei a contar tudo a ela. Surpreendeu-me a tranquilidade com que Viktória absorveu as informações, suas perguntas consistentes, seu emocional embora afetado, controlado. Mas agora mil coisas passam por sua cabeça, ela está maquinando suposições. Sinto-me angustiado ao vê-la se afastar de mim, virando-me as costas e esfregando as mãos pelo rosto, tentando conter as lágrimas que provavelmente irão sucumbir logo.

Eu quero que ela saiba de tudo, principalmente sobre meus erros. Não posso continuar adiante, envolvendo-me ainda mais com ela, se não lhe for totalmente sincero. Tenho consciência de que há um grande risco de ela me deixar, de me odiar e não querer mais falar comigo, de ir embora e esquecer que um dia nos conhecemos. Temo que é isso o que irá acontecer, mas não posso me acovardar, não agora que já comecei.

— Não fale nada, Viktória — peço com veemência. — Deixe-me contar tudo e somente depois decida o que quer fazer.

— Tudo bem, sou toda ouvidos — diz, sentando-se novamente no sofá.

Caminho até ela, mas mantenho uma distância para que não se sinta intimidada. Sento-me na mesa de centro, apoio os braços sobre os joelhos e fixo o meu olhar no seu, para então dar continuidade a mais uma parte de minha longa história. Opto por abreviar grande parte, prefiro evitar por agora falar-lhe sobre meus anos de caçada aos injustos, alimentando-me incessantemente de seres desprezíveis, enviando suas almas perversas para os espíritos aos quais eu sirvo. Não quero que ela conheça esse meu lado cruel, que apesar de matar apenas aqueles que merecem a morte, sente prazer a cada vida que ceifa e regozija-se com o sangue que derrama em sua garganta.

Drácula é o meu lado perverso e injusto.

— Mirela foi minha protegida desde que tinha oito anos de idade. Perdeu os pais muito cedo e tornei-me o seu tutor legal. As gerações dos Mészáros sabiam da minha existência e responsabilidade perante eles. Embora não mais praticassem magia, protegiam todo o Legado de seus ancestrais e eu lhes ajudava nesta tarefa. Ela cresceu em minha companhia, desde muito cedo tinha talento para a pintura e eu lhe incentivei, comprei todos os materiais, contratei professores, servi-lhe de modelo. Ela gostava de me pintar.

— Ela se apaixonou por você — deduz Viktória.

— Não acredito que tenha sido assim. Ela me amava, de fato, mas o amor que sentia por mim, apesar de ela acreditar que era o amor eros, não passava de admiração e fascínio. Mirela tinha um dom natural para a pintura, mas colocou em sua mente que eu era o motivo de sua inspiração e talento. Eu era uma presença masculina constante e superprotetora, principalmente porque Mirela era a última descendente de Alexandra. Passei anos distante dos Mészáros e, por este erro, o clã estava quase extinto. Senti-me culpado, a isolei de todos, temendo que algo lhe

acontecesse...

— Medo de ela morrer sem deixar descendentes? — interrompeu-me, com amargura. — Medo de se tornar humano, mortal?

— Não me julgue como um ser desprezível e egoísta. — Sinto-me ofendido. — Eu amava Mirela, queria protegê-la para que ela desse continuidade ao Legado de Alexandra, um Legado que estava chegando ao fim por minha culpa, porque mudei o foco da minha responsabilidade. Mas ela enxergou nossa aproximação de forma diferente e, mesmo que eu não alimentasse este sentimento, qualquer gesto de carinho ela interpretava como a correspondência do seu amor.

— Um amor doentio...

Fecho meus olhos, não suportando ouvir as palavras em voz alta.

— Ela se guardou para mim na esperança de que, quando se tornasse adulta, eu a tomasse como mulher. Foi nessa época que revelei a ela a minha verdadeira origem, embora ela já soubesse que havia algo diferente. Mirela cresceu e eu ainda era o mesmo em aparência. Por não querer magoá-la, não esclareci que não a amava como ela acreditava, pois tinha receio de ela fugir. Também não queria vê-la sofrendo por minha causa. Então justifiquei o fato de não podermos ficar juntos com o meu Legado Drácula. Disse a ela que um dia se apaixonaria por um homem que a faria feliz, teria uma família com ele e passaria aos seus descendentes o conhecimento da magia de seus ancestrais, perpetuando assim o Legado de Alexandra Mészáros. Eu não poderia dar isso a ela.

— Como ela reagiu quando soube que você era um vampiro?

Fito-a no fundo dos seus olhos, pois quero ver sua reação perante minha resposta.

— Mirela Mészáros me aceitou e continuou me amando, exatamente como eu sou. Um vampiro, um ser sobrenatural que precisa se alimentar de sangue, mas também necessita que a linhagem Mészáros continue para que minha imortalidade perpetue.

Viktória arregala os olhos, mas os desvia dos meus em seguida. Eu não a culpo, vivemos em um mundo diferente agora. As pessoas se tornaram excessivamente céticas. Não posso simplesmente revelar a ela que sou um vampiro que necessita de sangue humano e esperar que em alguns minutos abra os braços para me receber com todo o seu amor. Ela tem reagido muito bem até agora, mas não posso exigir que seja complacente.

— Continue, por favor.

Agora que comecei, vou até o fim.

— Após sua iniciação na prática de magia, Mirela saiu de Zsigmond para se especializar em história da arte e também conhecer outros clãs de bruxas, com quem pudesse aprender mais. Foi a primeira vez que saiu de casa sem a minha proteção. A pedido dela, me mantive longe, embora a visitasse com frequência. Foram quase duas décadas vivendo em Londres, até que ela começou a me evitar. Pensei que estivesse apaixonada por alguém, talvez namorando, então dei um tempo a

ela. Depois de alguns meses, retornou a Zsigmond, grávida.

— E o pai dos bebês?

— Ela nunca me contou quem era. Mirela engravidou por minha causa, Viktória. Estava chegando aos quarenta anos, tinha medo de morrer e, por conta disso, causar a minha mortalidade. Sua bisavó não desejava ser o motivo pelo qual eu voltaria a ser humano, nem queria ser a última descendente de Alexandra Mészáros, causando a extinção do clã. Conhecendo a importância das praticantes de magia, ela compreendeu que havia uma causa maior que ia além do seu amor mim.

— Ter filhos foi a maior prova de amor que Mirela poderia te dar... — Ela está chorando e me odeio por isso.

— Eu sei e sou muito grato por isso. Não fosse por Mirela, eu não estaria aqui hoje e não teria a chance de conhecê-la.

— Eu nem existiria, se ela não tivesse feito o que fez — comenta, emocionada. — Mirela se arriscou muito. Naquela época, uma gravidez tardia, de gêmeos...

— E ainda existia a possibilidade de que nascessem meninos.

— Qual o problema com os descendentes masculinos? — questiona, intrigada.

Levanto-me e vou ao frigobar, sirvo-me de conhaque puro, sem gelo. Não ofereço a ela pois a quero completamente dona de suas faculdades mentais. Embora a bebida alcoólica não me afete, gosto de senti-la queimar em minha garganta.

— Somente as mulheres do clã possuem o dom para a magia, isso as tornam especiais — inicio mais uma série de revelações. — Quando um homem do clã procria com uma mulher comum, ela não sobrevive ao parto. Foi o que aconteceu com a mãe de Valeriu e com a sua mãe, Ekatherina. Elas eram mulheres sem magia e, ao gerarem uma criança descendente de bruxas, doaram sua energia vital para que vocês sobrevivessem.

— Isso é tão triste — lamenta.

— É a ordem natural. — Sirvo-me de mais uma dose.

— Petru me disse que Alexandra foi a última praticante de magia do clã Mészáros, mas você disse que Mirela passou pela iniciação. . .

— Sim, ela passou. Mas ela não praticava, não com a frequência que as iniciadas praticam.

— Existem outros clãs, além dos Mészáros?

Volto-me para ela, que continua sentada no sofá.

— Poucos. Assim como o clã Mészáros parou de praticar magia, outros fizeram o mesmo ao longo dos tempos. Pode ser que ainda estejam por aí, de maneira escusa, mas não posso afirmar

com certeza. A cultura mística perdeu sua força conforme o cristianismo foi se espalhando. Hoje existem tantas crenças diferentes que é compreensível que você tenha se assustado com a revelação sobre ser descendente de bruxas. É muito mais fácil assimilar que bruxas, vampiros e outros seres sobrenaturais existam apenas em páginas de livros fictícios. O mundo funciona melhor desta maneira, não acha? Já existem guerras suficientes e disputas injustas o bastante, por todo o planeta. Algumas verdades precisam permanecer ocultas ao invés de correrem o risco de serem eliminadas por aqueles que não estão preparados para lidar com o que é diferente.

— Faz sentido...

— O clã Constantin é o único que conheço na atualidade. Lembra-se do que falei sobre Ioana?

— Oh, sim. Eu tinha me esquecido.

— Foi uma grã-mestre do clã Constantin que iniciou Mirela, quando ela completou seu vigésimo aniversário. Ioana Constantin é a atual grã-mestre. Foi a avó dela quem iniciou Mirela.

— Uau! — Levanta-se. — Nunca, em um milhão de anos, eu conseguiria pensar que algo assim existisse. A sua governanta é uma bruxa! Você é um vampiro! — Balança a cabeça. — E Petru? Só falta me dizer que ele é um lobisomem!

— Lobisomens não existem — afirmo, categórico. — Petru é humano. Ele apenas pertence a uma família que conhece o segredo das praticantes de magia. Mas somente ele sabe sobre a minha existência.

— Entendi.

Ficamos em silêncio. Continuo bebendo e ela ainda de pé, fitando-me com o rosto inexpressivo.

Sinto que estou pisando em ovos, não sei o que se passa na mente dela, mas quando a encaro, quase não reconheço a garota que chegara à mansão Zsigmond há quatro dias. Viktória está diferente, não apenas porque a vejo com os olhos de um homem apaixonado, mas porque as verdades reveladas a transformaram rapidamente.

Sem saber o que fazer, ela torna a se sentar e cobre o rosto com as mãos, apoiando os braços nos joelhos. Dou a ela o tempo que precisa e bebo mais um copo de conhaque, porque eu sinto que o que vem a seguir será uma tempestade de perguntas cujo as respostas poderão fazê-la me odiar.

Ela permanece em silêncio pelo que me parece uma infinidade de tempo, torturando-me. Sem conseguir suportar, aproximo-me de Viktória e sento no sofá, ao seu lado, mas não a toco.

— Eu amava Mirela Mészáros, ela foi uma das mulheres mais importantes em minha existência. Primeiramente está minha mãe, que me deu a vida. Depois Alexandra, que me trouxe de volta e me permitiu viver além dos séculos. Em terceiro, Mirela. Apesar de zelar e proteger os descendentes de Alexandra, sempre manteve uma certa distância, mas com sua bisavó foi diferente.

Estivemos muito próximos, ela era uma garotinha e eu acompanhei sua transformação. Mas não se engane, Viktória. A maneira como eu amava Mirela não tinha nenhum significado romântico ou sexual. Meu amor por ela é algo que não consigo colocar em palavras, porque transcende qualquer explicação. Mirela sacrificou sua felicidade para que eu continuasse vivo...

Viktória não consegue mais segurar as lágrimas e sinto um aperto enorme em meu coração. Ela não faz ideia ao quanto se tornou importante para mim.

— Você era a felicidade dela, Vlad...

— E você é a minha.

****VIKTÓRIA****

Encaro o homem à minha frente e não sei o que pensar nem como agir.

Finalmente estou descobrindo a verdade sobre minha família e conhecendo o verdadeiro Vlad Drakulya, o famoso Conde Drácula que todos acreditam ser personagem de um livro clássico. Sua origem é muito diferente das relatadas em obras literárias e cinematográficas, mas sem dúvida alguma ele é real.

Não sinto medo agora, mas ainda estou longe de compreender tudo. É algo que foge totalmente do que eu cresci acreditando, do que me foi ensinado. Contudo, não posso negar o quanto me sinto envolvida por Vlad e ouvi-lo dizer que eu sou sua felicidade é algo tão forte que não consigo me conter e me jogo em seus braços, sendo envolvida por seu acalento protetor. Nunca me senti assim a respeito de alguém, nem com Constanta e nem com mãe Margarida. Vlad é diferente em tudo e, mesmo assim, me sinto tão conectada a ele.

— Não chore, minha Doce Viktória — pede angustiado.

— Eu preciso. — Apertei-me ainda mais em seu abraço.

— Tudo bem, eu estou aqui. Mas ainda não te contei tudo.

Afasto-me o suficiente para fitá-lo. Sua mão acaricia minha face, secando as lágrimas com o polegar em um gesto de carinho.

— Agora eu só preciso de você, o resto não importa.

Sem dar espaço para argumentos, aproximo minha boca da sua e o beijo. Basta este contato e logo tudo se torna irrelevante. Esqueço que Vlad é um vampiro, que sou descendente de bruxas e, principalmente, que minha bisavó foi loucamente apaixonada pelo homem por quem eu estou me apaixonando. A atração se torna palpável e o beijo ainda mais intenso. Remexo-me para me sentar em seu colo, de frente para ele. Vlad pressiona o meu traseiro de forma possessiva enquanto eu seguro sua nuca, para impedi-lo de se afastar. Estou louca de tesão e a sobrecarga de emoção faz com que eu não consiga raciocinar direito.

— Viktória... — Consegue interromper o beijo. — Serei um canalha se transar com você, agora.

Encaro-o com os olhos semicerrados.

— Por que está dizendo isso? — pergunto, desconfiada.

Ele desvia o olhar do meu, e sei que está me escondendo algo importante.

— Tem mais alguma coisa que eu precise saber?

Vlad está nervoso e não consegue disfarçar. Saio de cima dele e fico de pé, encarando-o

com as mãos na cintura, aguardando uma explicação.

— Preciso te contar o por que pedi que Petru te trouxesse a Zsigmond.

“Ele tinha um plano em mente, mas bastou vê-la e tudo foi por água abaixo...”, lembro-me do que Petru me disse ontem.

Enquanto Vlad permanece em silêncio, começo a juntar as informações e, à medida que compreendo tudo, sinto que meu coração está se rasgando muito lentamente, o que torna a dor ainda mais insuportável.

Assim como Mirela foi um dia, eu sou a última Mészáros viva.

Para que Vlad permaneça imortal, eu preciso ter descendentes.

Trazendo-me para a mansão Zsigmond, ele pode me proteger como fez com minha bisavó. Assim eu terei uma vida longa.

Mas, e a continuação da linhagem Mészáros?

Penso. Penso e penso.

Ele não pode ter filhos...

Começo a andar de um lado para o outro freneticamente, no mesmo ritmo em que minha mente processa fatos, unindo-se às lembranças e chegando às conclusões.

Eu tenho vinte e três anos, já passei da idade de iniciação. Não sou uma praticante de magia. O Legado de Alexandra Mészáros terminou com a morte de Mirela, porque Constanta obviamente não teve filhos e escondeu minha existência por algum motivo.

Ela não queria que eu fosse uma praticante de magia. Desta maneira Vlad teria falhado em sua promessa. Se eu nunca descobrisse minha origem, poderia ter filhos e filhas, sem passar a elas a cultura mística a qual nossa descendência pertence.

“Ele tinha um plano em mente, mas bastou vê-la e tudo foi por água abaixo...”

Quando mandou Petru me trazer a Zsigmond, Vlad não planejava se envolver comigo. Ele me queria por perto para mexer com a minha mente.

O sonho que tive com Petru...

Quem melhor para ser o pai dos meus filhos, do que seu melhor amigo?

— Oh, meu Deus! Você é um cretino manipulador! — grito.

— Viktória, me perdoe...— Levanta-se.

— Não chegue perto de mim, Vlad. Nunca mais chegue perto de mim.

** CAPÍTULO OITO **

A conversa que Petru Moldoveanu tivera com Ioana foi longa. Mas ele não se deixou intimidar pela senhora que inicialmente demonstrou não estar disposta a aceitar qualquer tipo de envolvimento entre sua neta e o patrão. Conhecendo-a a vida inteira, o advogado conseguiu dissuadi-la ao abrir seu coração para ela e, finalmente, ganhou permissão para cortejar Lana.

Aos olhos de muitos a palavra cortejar poderia ser motivo de risada, por se tratar de um termo antiquado. Contudo, conhecendo a origem mística da senhora Constantin, Petru estava ciente de que precisava seguir algumas tradições, e, sendo Ioana a matriarca da família e a grã-mestre que iniciaria Lana, era imprescindível que ela aceitasse e aprovasse a aproximação dele com o intuito de cortejo.

As praticantes de magia geralmente eram prometidas aos descendentes masculinos de outros clãs. Mesmo que os homens não tivessem os dons que somente as mulheres recebiam, eles eram os guardiões da tradição, cuidavam de todo o patrimônio histórico passado de geração a geração, mantendo viva e a salvo tudo relacionado a cultura mística.

O casamento entre bruxas e homens comuns não era convencional. Porém, sendo a família de Petru conhecedora da existência das praticantes de magia e o próprio advogado um dos poucos que sabia sobre o Conde Drácula, tendo protegido o segredo de Vlad e o servido como um amigo leal, Ioana abençoou a união de sua neta com o homem a quem ela amava como se fosse de seu próprio sangue.

Petru e Lana não se casariam logo, pois a menina sequer passara pela iniciação, e uma bruxa só poderia casar-se após ser iniciada. Mas seguindo a tradição dos ancestrais, o coração e corpo de uma praticante de magia pertenceria a um único homem até o fim de seus dias, portanto, o compromisso selado entre Moldoveanu e Constantin seria definitivo, a partir do momento em que Lana entregasse seu corpo a Petru, então eles estariam ligados até que a morte os separasse. Ele sabia desta condição, por isso antes de se deixar levar pelo desejo que sentia pela jovem bruxa, fez questão de ter a bênção de Ioana.

Muitos achariam tolice da parte de Petru assumir um compromisso de forma tão precoce, mas ele não era cético em relação ao poder do amor, nem da durabilidade de um relacionamento que fosse baseado em cima desse sentimento. Apesar de nunca pensar sobre constituir uma família, por estar sempre tão envolvido com as necessidades de Vlad ou até mesmo cuidando do bem-estar de Mirela Mészáros enquanto viva, Petru Moldoveanu finalmente estava pensando em si pela primeira vez. Bastou que encontrasse a pessoa que despertasse nele um sentimento repentino e tão forte, que o faria disposto a enfrentar qualquer obstáculo.

Lana Constantin. A mulher que nasceu para ser sua.

Sem notícias de Vlad e Viktória durante todo o dia, Petru reservou-se aos seus aposentos e, após um banho, vestiu uma cueca samba-canção e deitou-se em sua cama, apoiou os braços atrás da cabeça e fechou os olhos para descansar. Não sabia como seria dali para frente, mas tinha

certeza que tudo mudaria.

Uma batida suave na porta de seu quarto o despertou de um breve cochilo, levantou-se preguiçosamente e, ao abrir a porta do quarto, deparou-se com a jovem bruxa vestida em uma camisola de cetim, branca, exatamente como no sonho que tivera. Lana estava radiante, os cabelos soltos, o sorriso delicado iluminando o seu semblante e o olhar intenso fixado ao seu, buscando uma conexão imediata.

— Eu vim buscar minha calcinha...

Puxando-a pela cintura e levando-a para dentro de seu aposento, Petru fechou a porta, pressionou Lana contra ela e sorriu com malícia.

— Mentirosa!

Ele estava tentando se conter ao máximo, mas a garota não facilitava.

Lana entregou-se ao beijo sem nenhum pudor. Bateu à porta de Petru com um propósito e não dormiria sozinha naquela noite. Puxou os cabelos dele com força, sugou-lhe os lábios e sentiu o desejo queimando em sua pele. O calor do peito dele contra o seu era o que almejava para o resto de seus dias.

Petru carregou a garota até sua cama e a deitou de costas para o colchão, tratou de despi-la em seguida, não conseguindo aguentar a tortura de ver seu corpo coberto. Depois que a viu nua na floresta, não queria ser impedido de contemplar a visão do paraíso.

— Você não mentiu quando disse que veio buscar a calcinha. — Riu, ao ver que ela não vestia nada por baixo. — Mas lamento informá-la que um presente não pode ser devolvido.

— Bom saber, porque eu vim até aqui para dar outro presente a você. — Sorriu preguiçosamente.

Ele sabia o que era. Sentia-se honrado.

— Tem certeza, Lana?

— Absoluta.

— Sabe que não tem volta. Se for minha, você não será de mais ninguém.

Lana sentou-se e envolveu a face de Petru entre suas mãos.

— Não quero mais ninguém. Você é o homem que nasceu para ser meu.

Assim que Petru beijou Lana novamente, o destino dos dois havia acabado de se tornar um só. A garota o fez deitar-se no colchão e então sentou-se sobre ele, tirando-lhe a cueca sambacção e começando a massagear o seu pau. Ele então se lembrou do sonho na noite anterior...

— Você fez algum ritual usando aquela calcinha, não foi?

O toque firme da mão dela o estava enlouquecendo.

— Tudo o que fiz foi abrir sua mente para o seu desejo. Ele já estava lá, não há como forçar o livre arbítrio.

— Foi incrível... — gemeu, sentindo a tortura deliciosa que eram as mãos de Lana. — No sonho, você usava a boca.

— No meu sonho, você usava os dedos — confessou ela, continuando a masturbação.

— Eu posso usar os dedos, agora...

Ela passou a língua pelos lábios, umedecendo-os.

— Não, eu quero o seu pau.

— Mas antes, preciso que você esteja pronta. — Inverteu as posições, lamentando que tenha libertado o seu membro do toque das mãos dela.

Petru abocanhou um dos mamilos de Lana, que soltou um gemido alto. Arfante, desmanchou-se com o toque da língua molhada alternando entre os dois seios. Era inexperiente sexualmente, mas não tímida para expor suas vontades. Tocando-o nos ombros para chamar sua atenção, assim que Petru voltou-se para ela, Lana pediu:

— Quero que me beije lá em baixo. Quero que me faça gozar na sua boca.

— Quem sou eu para lhe negar um presente?

Era melhor do que ela imaginou. A língua quente e macia entre os lábios vaginais, percorrendo com carinho, lhe proporcionando sensações novas. Sentia-se mulher diante dele, sentia-se maravilhosamente bem. Haviam acabado de se conhecer, mas demonstravam a intimidade de um casal que se conhecia há muito tempo. Talvez de outras vidas.

— Petru... Não pare!

Ele não parou. Continuou a degustá-la como se fosse ambrosia, o manjar dos deuses.

Lana nunca vivenciou tamanho prazer. Quando foi atingida pelo orgasmo, puxou os cabelos de Petru e gritou, libertando seu tesão, exprimindo sua satisfação ao tê-lo invadindo sua intimidade com tamanha avidez.

— Tão deliciosa... — Petru espalhou a lubrificação dela sobre o seu pau, preparando-se para penetrá-la.

Olhando-a nos olhos, passou-lhe confiança e recebeu o aval da garota para dar continuidade.

— Prometo ser gentil.

— Não quero gentileza, quero paixão...

Ele também queria, mas era a primeira vez de Lana em uma relação sexual. Embora os dois tivessem uma química muito forte, Petru não pegaria pesado com ela. Queria proporcionar à garota uma boa lembrança daquele momento. Ajeitou seu corpo sobre o dela, que o recebeu com as pernas abertas e segurava seus braços apoiados no colchão.

Nunca havia transado sem camisinha antes. Mas na cultura mística, qualquer método contraceptivo era proibido. O sexo era visto como uma forma de conexão entre duas almas que nasceram para se completar, e também como um ritual de fertilidade. Evitar descendentes era uma afronta aos ancestrais. Petru conhecia a cultura das praticantes de magia e suas leis, tinha consciência de tudo o que envolvia estar com Lana e aceitou, sem restrições. Acreditava que, juntos, poderiam ser muito felizes.

Quando sentiu a ponta do seu membro na abertura molhada, ele soltou um gemido de expectativa e começou a movimentar-se para dentro dela, encaixando-se com cuidado para não machucá-la. Era a primeira vez que tirava a virgindade de uma garota.

— Petru, entra logo — pediu Lana, arfante. Aquele excesso de zelo estava sendo torturante. — Se doer, dói uma vez só!

Ele estava mais nervoso do que ela, mas fez o que Lana sugeriu.

— Ah... — O gemido de Lana foi um misto de dor e prazer.

— Você está bem? — Sentiu-se culpado. Ela era tão delicada, não queria ser rude.

Lana acariciou o rosto de seu amado. Sim, ela já o amava, não precisava de muito tempo para perceber tal sentimento.

— Estou ótima. — Enlaçou suas pernas em torno da cintura dele, incitando-o a continuar.

Petru sentiu-se mais relaxado diante do bem-estar de Lana. Fechou os olhos e a tomou em um beijo ardente, começando a se movimentar dentro dela com calma e devoção. O calor do momento os envolveu por inteiro, o ritmo cadenciado foi aos poucos se tornando mais intenso e logo os dois se perderam completamente um no outro.

Um vínculo acabara de ser criado.

— Foi perfeito — sussurrou a garota, fitando o homem que a fez mulher.

Acariciando os cabelos e o rosto de Lana, Petru sorriu, sentindo-se um homem realizado. Jamais esqueceria aquele dia, mas tinha certeza que, ao lado dela, teria viveria momentos ainda mais inesquecíveis. Não era um romântico à moda antiga, mas, sem dúvida, estava apaixonado.

— Você é perfeita.

Petru e Lana descobririam o quanto eram perfeitos juntos e que o destino tinha planos bastante ambiciosos para eles como um casal.

Viktória passara a noite no quarto de Mirela, o único lugar onde Vlad não entraria. Manteve-se acordada, com medo de que ele pudesse invadir seus sonhos, chorou quase sem cessar até que a exaustão a obrigou fechar os olhos e dormir. Não sonhara com ele, não sonhara com ninguém. Sentia-se vazia.

De baixo de uma árvore, no jardim da propriedade, a jovem senhorita Mészáros pensava em como sua vida seria dali em diante. Havia tomado algumas decisões e no dia seguinte retornaria para seu verdadeiro lar e tentaria esquecer os dias que vivera naquela mansão da Transilvânia. Voltaria a ser a órfã que fora adotada por Margarida. Seria a doceira que amava seu trabalho, uma mulher que almejava subir na vida através de seus próprios esforços. Já fugira da realidade por tempo demais, era sozinha no mundo, não havia nada que a prendesse ali, a única pessoa que se importava de verdade com ela, estava no Brasil, aguardando seu retorno.

— Bom dia, menina Viktória. Não quis tomar seu desjejum, está tudo bem?

Ioana se aproximou, sentando-se ao seu lado no gramado, segurou-lhe as duas mãos como se soubesse que algo estava errado e ela precisasse de amparo.

— Sua aura está tristonha. Você não é assim. Algo errado aconteceu — constatou por si própria.

— Vlad.

— O que tem o meu senhor?

Viktória achava estranho a forma como aquela senhora se referia ao vampiro. Era devoção.

— Ele não é quem eu pensei que fosse. Na verdade, eu é que não enxerguei quem ele era — lamentou-se.

— O Conde ama a senhorita. — Ela parecia tão convicta.

— Vlad só ama a si mesmo — objetou, amargurada. — Os quadros espalhados nessa mansão, mesmo após Mirela ter ido embora, é prova do narcisismo dele...

Ioana apertou as mãos de Viktória, fazendo a jovem olhar para ela com atenção.

— Um homem que viveu por tanto tempo carrega em sua trajetória muitos erros. Somos todos falhos, só não vivemos tempo o bastante para errar tantas vezes quanto ele já errou. Mas também temos arrependimentos, gostaríamos de fazer diferente muitas coisas que já fizemos e não tem mais volta. Então, pare e pense em quantos arrependimentos um homem que tem mais de quinhentos anos de vida deve ter.

Viktória absorveu as palavras da governanta, em silêncio. Não sabia o que dizer.

— Eu conheço Vlad Drakulya há mais de cinquenta anos — continuou. — Já estou velha, querida. Eu vi e ouvi muita coisa, em Zsigmond. Mas nunca presenciei o meu senhor tão disposto a viver, como nesses últimos dias. Erros foram cometidos, mas não somente por parte do Conde. Contudo, ele é o único que está vivo para assumir as consequências.

Ioana levantou-se, mas, antes de ir, deixou suas últimas palavras para Viktória interpretar.

— Vlad não é um herói, nem um vilão, nem um mártir. Ele é um homem e dentro dele bate um coração. Apesar de ser um vampiro, o Conde Drácula é mais humano do que você pensa.

Viktória a observou a governanta fazer o caminho até o palacete. Viu o exato momento em que Petru e Lana saíram de mãos dadas pela porta principal, descendo as escadas e iniciando o trajeto que Ioana havia feito para chegar a ela. Permaneceu sentada, aguardando que eles se aproximassem. Os dois pareciam próximos demais, íntimos demais.

Desde quando?, pensou ela.

No meio do caminho, Petru e Lana pararam por alguns instantes. Após um beijo apaixonado, a garota se afastou e seguiu por uma trilha que levava à floresta de pinheiros. Petru seguiu até Viktória, que não sabia o que pensar sobre a cena que acabara de presenciar. Por um instante, esquecera que também estava com raiva dele.

— Como foi que isso aconteceu? — indagou ela, assim que ele se sentou ao seu lado.

Petru sabia que algo não estava bem, embora ela o tivesse questionado a respeito de Lana. Pouco conhecia da jovem senhorita Mészáros, mas Viktória não era boa em disfarçar suas emoções. Então ele concluiu por si só: Ela já sabia de tudo.

A noite que tivera com Lana fora a mais perfeita de toda a sua vida, sentia-se apaixonado e feliz como nunca antes, mesmo sendo recente. Queria que Vlad e Viktória se sentissem da mesma maneira, pois assim como ele havia encontrado a pessoa que o completava, o vampiro e a descendente de bruxas também poderiam. Bastasse que enfrentassem os medos e perdoassem os erros. Mas sabia que não seria tão fácil quanto fora para ele.

— Aconteceu o que tinha de acontecer — disse simplesmente, dando de ombros.

O foco ali não era o seu romance com Lana Constantin.

— Já sei de toda a verdade, Petru. — Sentiu os olhos marejarem, fitou a grama verde, tentando esconder o quanto estava magoada. — Como pôde compactuar com uma ideia tão absurda?

Petru entendia a mágoa dela. Sabia o quanto era errado o que Vlad e ele tinham planejado antes de trazê-la para a Transilvânia. Arrependia-se amargamente, mas tudo o que podia fazer era tentar amenizar a dor da jovem e desculpar-se. Depois, dependeria única e exclusivamente de Viktória decidir o que fazer a respeito.

— Sei o quanto foi errado, Viktória. Mas, se te consola, eu desisti deste plano logo no início. Sabia que não era justo o que pretendíamos fazer — tentou se justificar. — Confesso que antes de buscá-la no Brasil, eu mesmo me ofereci para ser seu pretendente. Pensei que poderíamos nos conhecer e tudo fosse acontecer de forma natural...

— Meu Deus! Isso é tão abominável!

— Não discordo, pelo contrário, você tem todo o direito de se sentir violada. — Passou as mãos pelo rosto, sentindo-se frustrado envergonhado.

— Eu não sou um fantoche que vocês podem manipular como bem entender...

Petru Moldoveanu fitou Viktória. Não havia mais o que fazer, os erros haviam sido cometidos e descobertos. Precisavam ser encarados e somente assim a vida seguiria em frente, de um jeito ou de outro. Tudo dependeria da forma como eles agiriam dali em diante.

— Vlad queria cuidar de você, queria que você desse continuidade a linhagem para que seus filhos crescessem sabendo de sua descendência e perpetuassem o Legado de Alexandra. Assim ele restauraria o clã Mészáros. Você pode achar que foi por egoísmo dele, para que não se tornasse um humano novamente e perdesse a imortalidade, mas o que motivou Vlad a planejar que você se envolvesse comigo foi a culpa por ter falhado com aqueles que lhe deram uma nova chance. Ele pensou que com a morte de Mirela seu fim estivesse próximo, mas então ficou sabendo da sua existência e acreditou estar recebendo uma terceira chance. Ele só não enxergou de imediato qual era o verdadeiro sentido desta chance.

— Como assim?

— Ele não pensou que fosse se apaixonar. Você é idêntica a Mirela e ele não a amou como mulher. Mas não é a aparência que importa, e sim quem você é por dentro. Mirela não era aquela que nasceu para ser dele, mas você sim. E quando nos beijamos aquela noite, lembra o que houve em seguida?

Ela pestanejou.

— Ele apareceu na porta da mansão, passando-se pelo bisneto de Vlad Drakulya...

— Sim. Naquele momento, Vlad assumiu para si mesmo que você era a pessoa mais importante para ele. Legado nenhum importava, nem o de Alexandra, que teria fim quando você morresse, nem o dele, que se tornaria um simples mortal. Ele deixaria de ser Drácula e morreria um dia. Você seria a última Mészáros, pois não poderiam ter filhos. Mesmo que assim fosse, Vlad estava disposto a conviver com sua falha, mas não sentiria culpa, porque o seu amor é tudo o que importa para ele.

Petru levantou-se e, sem dizer nada, caminhou em direção à floresta de pinheiros, sem se despedir.

Viktória ponderou tudo o que o advogado acabara de dizer. Ainda estava magoada pelo que Vlad fizera, chateada com Petru por compactuar com o amigo. Sentia-se enganada, mas ainda assim não conseguia apagar outro sentimento que habitava o seu coração.

Vlad tinha mais de quinhentos anos de vida. Viktória, apenas vinte e três.

Quantas chances um homem que carregava o peso do tempo em suas costas merecia ter?

****VLAD****

Estou sentado no grande sofá vermelho, na sala onde eu e Viktória nos amamos pela primeira vez. Uma garrafa de uísque é minha companheira esta noite, o que não é de muita serventia, visto que não fico bêbado. Mas é uma boa distração. As luzes estão apagadas, mas a lareira acesa fora de época ilumina, mesmo que de forma precária, o ambiente.

Petru saiu com Lana, para jantarem na cidadela. Ao menos alguém está feliz depois de tudo. Meu amigo viveu tempo demais para realizar minhas vontades, está mais do que na hora de viver sua própria vida. Lana é uma praticante de magia descendente de um clã muito estimado por mim, neta da melhor amiga que tenho, portanto, se ela faz meu amigo feliz, eu a aprecio.

Viktória está enclausurada no quarto de Mirela. Embora eu não tenha mais receio de entrar lá, sei que não quer me ver, então não há porque eu ir contra a sua vontade. Ela foi compreensiva o bastante com tudo o que ficou sabendo a respeito do meu passado e o de sua família, outra pessoa certamente não teria acreditado, apenas enlouqueceria. Tenho orgulho da mulher que amo, ela é forte, muito mais do que pensa. Estar triste e magoada, até mesmo com raiva, faz parte da sua humanidade. É o que a torna ainda mais especial.

Ouçó os passos há uma distância considerável, mas não me sobressalto. Trata-se de Ioana se aproximando.

— Ela vai embora amanhã. — Não digo nada, continuo bebendo meu uísque sem gelo. — Viktória voltará para o Brasil — diz mais uma vez, aquilo que eu já sei, mas não quero aceitar que seja real.

— É melhor assim — minto. — Penso que ela nunca deveria ter vindo, esse foi apenas mais um erro meu. Talvez se eu não tivesse tentado manipular o destino, ela conhecesse alguém por lá, casaria e teria filhos.

— Descendentes que nunca saberiam sua verdadeira origem e, então, de nada adiantaria. Alexandra não queria apenas que sua linhagem perpetuasse, mas que a cultura mística não se perdesse, que o clã Mészáros mantivesse as tradições dos ancestrais.

— Não existe mais um clã Mészáros, Ioana. Viktória foi levada embora e criada como uma mulher descrente da nossa realidade. Eu fiz muito mal em tê-la trazido para cá. Aceitemos que chegou ao fim.

— E o que o meu senhor irá fazer a partir de agora? — Demonstra verdadeira preocupação.

Esvazio meu copo em um só gole, antes de responder:

— Voltarei a fazer o que fazia, quando deixei de lado a proteção do clã Mészáros. Perseguirei e me alimentarei do sangue dos injustos, oferecendo suas almas podres para os ancestrais, pelos dias que me restam neste mundo. Já que falhei em minha promessa para

Alexandra, ao menos honrarei minha parte com aqueles que permitiram minha segunda vida.

— É isso o que um vampiro faz?

Não percebi sua aproximação e assusto-me ao ouvir sua voz. Sinto seu perfume exalando pelo ambiente, pois meus sentidos voltam a ficar em alerta. Deixei passar despercebida a sua presença, mas agora o meu foco é ela. Viktória está linda, usando um vestido longo, preto, de tecido leve. Seus cabelos estão presos em um coque, alguns fios desgrehados denunciam que ela estava deitada, mas não se preocupou com a aparência quando levantou-se. Seus olhos estão avermelhados e as olheiras profundas denunciam que esteve chorando. Sinto-me péssimo, sei que sou o motivo e isso me torna o pior dos homens.

Ioana se retira em silêncio, com discrição. Estamos a sós e eu não sei o que dizer a ela. Sei que ouviu o que e falei a respeito de me alimentar. Não quero mentir, não vou fazê-lo. Contudo, este é o meu pior lado e eu não pretendia mostrá-lo a ela.

— Já que não conseguiu com que Petru e eu nos envolvêssemos para procriar os descendentes da sua querida Alexandra, vai descontar sua frustração matando pessoas?

Seu tom amargo me machuca. Sei que mereço ser tratado com desprezo, mas saber e vivenciar é algo diferente.

— Não justificarei o injustificável — digo, secamente. — Hoje você ouviu da boca de Petru e Ioana tudo o que diria a você, se me deixasse. Eu não vou dissuadi-la a me perdoar, porque sei que não sou digno do seu perdão.

— Não respondeu minha pergunta.

Caminho até o frigobar, pois percebo que minha garrafa está vazia.

Viktória permanece estática, na entrada da sala vermelha.

— Nem irei responder. Você conheceu Vlad Drakulya, mas nunca conhecerá o Conde Drácula. Acredite em mim, é melhor que assim o seja.

Depois de um tempo em silêncio, ouço mais uma pergunta:

— Você pode me transformar? Fazer com que eu seja imortal, assim como você é?

Sua pergunta me pega de surpresa, viro-me para encará-la e percebo que está alguns passos mais próxima de mim.

Por que não consigo acompanhar seus passos? Será que comecei a ficar bêbado?

Talvez, depois da quinta garrafa, eu tenha ficado sob o efeito do álcool, afinal.

— Não posso. Eu não tenho esse poder.

— Você é o único da sua espécie. — Não é uma pergunta.

Decido parar de beber. Abandono a garrafa e o copo em cima do balcão, antes de me virar para ela novamente.

— Drácula não é uma espécie, é um Legado.

— E não há como passar esse Legado adiante? — Viktória tem as perguntas na ponta da língua.

Solto uma lufada de ar.

O que ela deseja com essas perguntas?

— Eu entregaria minha imortalidade para outra pessoa, porém não posso obrigar ninguém a aceitá-la. O Legado de Drácula é um presente, não um fardo a ser suportado. O homem que me substituisse teria que desejar isso tanto quanto eu desejei um dia.

Ela pestanejou.

— E você não deseja mais ser Drácula?

Dou um passo à frente e, para minha surpresa, ela não recua.

— Há algo que desejo muito mais.

Ela engoliu em seco.

— E o que é?

Quebro a distância entre nós, estamos tão próximos e reúno todas as minhas forças para não a tomar em meus braços e beijá-la como se não houvesse o amanhã.

— Você... — sussurro, olhando-a diretamente dos olhos.

Sua boca se abre em um perfeito “O”.

— Eu te amo, Viktória. Mais do que qualquer outra coisa na vida, eu te amo. Mas, infelizmente, não é possível que eu passe o Legado a outro, porque para isso seria necessário que uma bruxa do clã Mészáros fizesse um ritual de consagração...

Ela anui, com um gesto de cabeça, desviando o seu olhar do meu e se afastando alguns passos.

— E elas não existem mais.

— Exatamente.

— Deixe-me ver sua outra face.

Sou pego de surpresa, mas não demonstro.

— Não.

— Eu quero, Vlad — insiste.

— Isso nunca vai acontecer, não se eu puder evitar — sou categórico.

— Por quê?

— Porque é perverso. Sou um predador.

— Prometo não me assustar. — Seus lábios tremem por uns instantes.

— Não prometa. Você não conseguiria cumprir esta promessa.

Ela franze o cenho e se aproxima de mim, toca meu ombro e eu me afasto. Não estou pronto para tê-la me tocando, se não for para se entregar a mim.

— É tão ruim assim?

Preciso fazê-la entender de uma vez por todas que não irei mostrar a ela o meu pior lado. Nem que para isso eu tenha que agir como um patife.

— Sou um assassino, Viktória. Gostaria de me ver tirando a vida de alguém? Por pior que essa pessoa seja?

Ela pondera minhas palavras e solta uma lufada de ar.

— Não...

— Então é impossível que não se assuste. — Minhas palavras são duras. — Não é como nas séries fofinhas, amorzinho. Eu não sou delicado, não bebo três goles e dou uma lambida para minha saliva curar a pele que maculei. Eu rasgo a carne, rompo artérias, bebo até a última gota, até o último sopro de vida ser sugado!

— Pare! — implora, seus olhos começando a se encher de lágrimas.

Odeio fazê-la chorar, mas é necessário.

— Esse é o preço da minha imortalidade — continuo. — Não me pergunte se sinto remorso pelas vidas que eu tiro para me alimentar, porque você não gostará nem um pouco da resposta, doce Viktória. Então, esteja certa de que você não quer conhecer minha outra face.

— Desculpe... — Eu não esperava que ela se desculpasse, mas que subisse de volta para o seu quarto.

— Sou um vampiro, porra! — grito, tentando assustá-la. — Não tente me consertar! Não me obrigue a lutar contra a minha natureza. É o que eu sou, Viktória. — Sei que estou exagerando, mas é preciso.

— Não era o que eu pretendia... — Ela está desconcertada.

— Mas se houvesse uma maneira de fazê-lo, você tentaria? — pressiono, com cinismo.

Ela não responde de imediato. Aproximo-me e toco seus ombros, fazendo com que ela fixe o seu olhar no meu. Já está decidido: O melhor para ela é ficar longe de mim.

— Não se pode amar uma aberração, não é mesmo?

— Vlad, não fale assim. — Fecha os olhos e as lágrimas finalmente escorrem.

Eu também quero chorar, mas não posso. Não agora, não na frente dela. Afasto-a de mim e viro-me de costas.

— Adeus, Viktória.

— Por favor... — Sua voz é um sussurro.

— Vá embora e seja feliz em sua vida comum. Encontre um homem comum e tenha filhos comuns.

**_ ♥ _*_*_

— Que merda foi essa, Vlad?

Viktória sobe as escadas correndo, seguida por Lana, que acabara de chegar com Petru. Agora tenho que enfrentar meu amigo, quando pensei que tinha resolvido o que precisava.

— Ela tem que ir embora, Petru. Eu não mereço tê-la em minha vida. Sou um homem amaldiçoado.

— Por que isso agora?

— Porque todos que eu amo morrem.

— Prefere vê-la morrer longe de você? Ou aproveitar a vida ao lado dela enquanto lhe for permitido?

Não tenho essa resposta. Se tenho, não quero admitir.

****VIKTÓRIA****

Eu não devia tê-lo confrontado.

Subo as escadas correndo, com Lana seguindo atrás de mim. Tudo o que desejo é me trancar no quarto e ficar sozinha. Estou com tanta raiva dele, mas ainda assim um sentimento conflitante não me deixa esquecer suas palavras.

“Eu te amo, Viktória. Mais do que qualquer outra coisa na vida, eu te amo.”

As lágrimas dominam meus olhos ao ponto de eu não conseguir enxergar o caminho a minha frente. Paro abruptamente no corredor e sento-me no chão acarpetado, escorando-me na parede e fechando os olhos. Estou exausta.

— O que eu fiz pra merecer isso? — Minha pergunta não é direcionada a ninguém. — Por que tinha que acontecer logo comigo? — Altero minha voz. — Eu só queria descobrir de onde vim, mas agora nem sei pra onde vou! Preciso ir embora daqui, logo.

— Viktória, não fale assim...

A voz serena de Lana tentando me acalmar faz com que eu perceba que a garota sentou-se ao meu lado, no chão. Ela me abraça e eu aceito o gesto de carinho, pois, nesse momento, me sinto tão sozinha e perdida.

— Vim para a Transilvânia atrás de respostas, mas não estava preparada para lidar com a realidade que estou vivendo... — lamento, em um sussurro fraco.

— Mas é claro que está. Outra pessoa não saberia como enfrentar essas descobertas, Vik. O conflito no seu coração está relacionado ao que sente por Vlad. Você o ama, afinal.

— Sim...

— Contudo, está magoada, talvez até com raiva.

— É tão obvio assim? — debocho.

— Essa batalha de sentimentos está interferindo nas suas decisões — continua, acariciando minhas costas, confortando-me. — Durma um pouco, tente libertar seus pensamentos de tudo à sua volta. Esqueça Vlad, Mirela e o passado da sua família. Descanse o seu corpo, a sua alma...

Ela parece uma psicanalista querendo realizar uma sessão de hipnose.

— Irei embora amanhã...

— Por favor, Vik, fique. Acabamos de nos conhecer... — Há tristeza em sua voz.

Afasto-me do seu abraço e a encaro.

— Pensei que soubesse.

— Não sabia.

Levanto-me e estendo minha mão para que ela se impulsione a ficar de pé. Voltamos a caminhar pelo corredor.

— Quero ir embora — confesso. — Voltar pra casa e retomar minha rotina é o que preciso para esquecer os dias que passei nesta mansão.

— Você não pode apagar sua história, nem fingir que não aconteceu!

— Eu não deveria ter vindo.

— Está cometendo um grande erro.

Paramos em frente a porta do meu quarto.

— Por que diz isso, Lana?

Ela está realmente chateada.

— Você cresceu longe da sua família e da cultura mística. Mas agora sabe qual é sua origem e está prestes a fugir dela. — Balançou a cabeça. — Minha mãe não quis se iniciar na magia, mas contribui para o nosso clã ajudando na preservação da história. Ela cuida de uma biblioteca voltada ao nosso povo.

Franzo o cenho.

— Não estou entendendo, o que isso tem a ver comigo?

— Apesar de ter passado da idade para ser uma praticante de magia, você poderia se envolver com a parte histórica do seu clã. Os Mészáros foram de grande importância para a cultura mística. Alexandra é famosa entre os nossos, ela foi a única bruxa a ter permissão dos ancestrais para trazer alguém de volta à vida. Outras tentaram depois dela, mas sem sucesso.

Como Lana sabe de tudo isso?

É claro, ela cresceu entre as praticantes de magia. Foi criada para ser uma.

— Por quê?

— A morte é inviolável, Viktória. Por isso Vlad é único, o que torna o clã Mészáros um dos mais poderosos. É uma pena testemunhar o fim do Legado de Alexandra.

Tenho a impressão de que Lana está me chantageando emocionalmente e isso me incomoda.

Abro a porta do meu quarto, querendo me refugiar ali.

— Boa noite, Lana — encerro a conversa.

— Só mais uma coisa, Vik. Acho que precisa saber, antes de ir embora.

Anuo, em silêncio.

— A filha de Alexandra foi a primeira mulher do nosso povo a optar por não se iniciar na magia. Ela também foi a primeira mulher a fazer o que é de responsabilidade dos descendentes masculinos: A preservação histórica. Sabe como ela se chamava?

Nego.

— O nome dela era Viktória.

****CAPÍTULO NOVE****

A tempestade chegou sem aviso. Os trovões ecoavam na escuridão do céu de Bran, os raios partiam árvores ao meio, o vento chacoalhava os galhos com uma força quase sobrenatural e a água caía incessantemente. A energia elétrica foi interrompida quando uma árvore centenária foi derrubada e os fios arrebitados com violência, os cabos telefônicos também foram danificados. Zsigmond estava isolada temporariamente da civilização.

Havia um gerador movido a combustível, no porão da mansão, e não demorou para a eletricidade voltar a iluminar os cômodos da imensa propriedade.

O retorno de Viktória ao Brasil precisou ser adiado.

Poderia ter sido algum tipo de intervenção mística?

Talvez.

Talvez os espíritos ancestrais não quisessem a partida da última descendente de Alexandra Mészáros.

Foi desta maneira que Viktória encarou aquela revolta da natureza.

— Aqui está você, quase não te vejo pela mansão desde que descobriu esta biblioteca.

Lana acabara de entrar na espaçosa e organizada biblioteca do clã Mészáros. Desde que o mau tempo impedira Viktória de partir, há três dias, a descendente de Alexandra passava maior parte do seu tempo naquele cômodo. A neta da governanta trouxera chá, como de costume, para que Viktória fizesse uma pausa em seus estudos e elas pudessem conversar.

— Há tantos livros, sei que não conseguirei ler todos, mas tudo o que tenho visto até agora é surpreendente. Estou maravilhada com a riqueza da cultura mística. É impressionante que o mundo desconheça algo que esteve tão presente há muitos e muitos séculos.

— É melhor que assim seja. Não somos os únicos, o mundo é cheio de segredos, Vik.

— Sabe, estive pensando. — Fechou o livro que estava lendo e aproximou-se de Lana, aceitando a xícara de chá que ela lhe servira. — A chuva cessou e a estrada será liberada ainda hoje, Petru me avisou que os voos em Bucareste já começaram a ser liberados e me perguntou quando pretendo voltar para casa. Mas ficarei para a sua cerimônia de iniciação, quero muito participar deste momento especial para você. Este ritual é parte da cultura na qual eu deveria ter sido criada e provavelmente não terei a oportunidade de vê-lo uma outra vez. Você ainda deseja a minha presença?

— Mas é claro que sim! — comemorou. — Minha mãe estará aqui para o ritual, será você, Petru e ela.

— Vlad não irá? — Pestanejou.

Ela negou.

— O ritual costuma ser feito no horário aproximado do nascimento. Será logo pela manhã, então...

O sol.

De certa forma, Viktória sentiu-se aliviada por não ter que estar no mesmo ambiente que Vlad. Esteve evitando vê-lo durante os dias que se passaram, tentando aplacar a mágoa que ainda sentia. Com tudo o que já passara, era difícil libertar-se das emoções dolorosas. Sua vida inteira foi cheia de momentos desagradáveis e tristes, havia pouco tempo que começara a acreditar que realmente pudesse ser feliz. A decepção que sofrera por culpa dele, ainda era muito presente, e ela, embora não quisesse ser tão rancorosa, não conseguia evitar.

— Ele está sofrendo, Vik. — Percebeu que a amiga estava pensando no vampiro. Torcia para que eles se acertassem e ela desistisse de ir embora, mas parecia que Viktória estava convicta de não perdoá-lo por seus erros.

— Eu também estou.

**_ ♥ _*_*_

Os dias que se passaram a seguir foram silenciosos. A jovem senhorita Mészáros manteve-se reclusa e recebia somente a companhia de Lana, na biblioteca, para alguns minutos de conversa. Quase não dormia, com medo de sonhar com um certo vampiro, mas quando o fazia por exaustão, nada acontecia, seu corpo descansava e sua mente ficava em completa escuridão. Ao menos ele estava lhe dando espaço. Mas ainda assim, de vez enquanto, Viktória questionava o amor que ele disse sentir, pois parecia que Vlad já havia desistido de tentar se aproximar novamente. Era muito contraditório, porque não o queria por perto, mas sentia sua falta.

Na véspera da iniciação de Lana, porém, ela finalmente o viu.

Era tarde e estava deitada em sua cama, o sono conturbado, deixando-a inquieta. Quando Viktória abriu os olhos, segurou um grito de susto, cobrindo a boca com as duas mãos.

— Shhhh... Não fala nada. Só me deixa ficar aqui te olhando. Volte a dormir. — Vlad estava sentado no chão, ao lado da cama, observando-a.

— Por que está fazendo isso?

— Porque me dói ficar longe. — Ele estava pálido, o semblante cansado.

Ela sentiu os olhos lacrimejarem.

— Como vai ser quando eu for embora? Vai aparecer nos meus sonhos todas as noites? — Bastou vê-lo para que percebesse o quanto queria ouvir sua voz.

Ele a fitou por um longo tempo antes de responder:

— Assim que você sair desta propriedade, acabou tudo, Viktória. Eu nunca mais vou te ver, nem você a mim. Então me deixe aproveitar esses últimos momentos.

“Eu nunca mais vou te ver, nem você a mim.”

Nunca é muito tempo, pensou a jovem senhorita Mészáros.

— O que você quer, de verdade? — Ela estava chateada. Ele havia desistido. — Que eu vá embora, siga em frente, conheça um cara e tenha filhos?

O sorriso de Vlad não alcançava os olhos.

— Só quero que seja feliz, amorzinho. Como isso vai acontecer, só depende de você. O que decidir, por mim, está tudo bem.

Ele não estava sendo justo. Viktória queria gritar com ele, dizer que não devia colocar toda a responsabilidade para cima dela. Queria seguir e frente, mas não sabia se conseguiria.

— Ainda estou magoada.

— Eu sei.

— Não queria estar — confessou. — Queria ser capaz de esquecer e tentar de novo.

— Mas não consegue...

Ela balançou a cabeça, em um gesto negativo.

— Eu entendo. Está tudo bem.

Não, não está. Porque eu amo você, embora queria ardentemente te odiar.

— Preciso que me deixe sozinha, Vlad. Amanhã é a iniciação da Lana e a cerimônia acontecerá logo que o sol nascer.

— Fico feliz que tenha ficado para assistir ao ritual. Eu estive na iniciação de Ioana, uma pena que Lana tenha nascido durante o dia. Mas lhe darei os parabéns tão logo o sol se pôr.

Ela não disse nada, pois não queria estender a conversa. Ele entendeu o recado implícito no seu silêncio.

— Boa noite, minha doce Viktória.

— Adeus, Vlad.

**_ ♥ _*_*_

Tão logo o primeiro raio de sol surgiu no horizonte, estavam eles no meio da floresta de pinheiros, dentro dos limites da propriedade Zsigmond. O nome era uma homenagem ao tataravô de Mirela, um famoso arquiteto que desenhara cada detalhe daquela mansão. Após sua morte, Vlad cuidara para que o último projeto de Zsigmond Mészáros fosse eternizado. Levou sessenta

anos para que o palacete ficasse pronto e, com o passar dos anos, as reformas aprimoraram a clássica construção, dando a ela um toque contemporâneo.

A cerimônia levou em torno de duas horas para se completar. Entre cantigas e rituais, Petru, Viktória e Alina — a mãe de Lana — testemunharam um dos momentos mais especiais para uma jovem bruxa. A honra de participar da iniciação de uma praticante de magia, era para poucos. O advogado e a jovem senhorita Mészáros emocionaram-se quando loana finalmente consagrou Lana com a bênção dos espíritos ancestrais. Era a primeira vez que presenciavam um ritual da cultura mística.

Aquilo fora muito diferente de qualquer coisa que Viktória já havia presenciado. Percebeu, naquele instante, que se tivesse crescido conhecedora de sua origem, certamente teria escolhido passar pela iniciação. Pensara sobre isso desde que começou a ler os grimórios de suas ascendentes. Agora ela percebia a importância das praticantes de magia para o equilíbrio natural.

Petru não tinha mais dúvidas: Amava Lana Constantin. Não cabia em si de tanto orgulho. Ela estava tão bonita e demonstrou muita segurança no ritual, apesar de emocionada. Quando seus olhares se cruzaram, ao fim da consagração, ele soube que aquela jovem bruxa era a mulher da sua vida. Estava ansioso para que ela soubesse disso.

— Parabéns, querida! Estou tão orgulhosa de você — disse Viktória, abraçando Lana.

As garotas haviam se aproximado muito nos últimos dias, criando um laço de afinidade quase fraternal. Viktória sentia-se à vontade em compartilhar confidências com Lana, algo que nunca fizera com outra pessoa. Ela era sua primeira amiga de verdade, depois de mãe Margarida. Sentiria falta dela quando retornasse ao Brasil.

— Eu é que estou feliz porque você aceitou ficar para este dia! É muito importante para mim. Obrigada, Vik.

Alina Constantin observava o carinho que uma tinha para com a outra, sentindo-se feliz por elas terem a oportunidade de se conhecer.

— Tudo bem, chega de abraço — brincou Petru, separando as duas, tomando Lana nos braços. — Agora é a minha vez.

Lana sentia-se radiante. Finalmente havia passado pela iniciação, tornando-se uma bruxa adulta. Ter a honra de ser iniciada por sua avó, como grã-mestre, e ainda contar com a presença e testemunho de sua mãe e o homem que amava, era muito mais do que ela havia imaginado. Viktória ter aceito o convite de participar, também foi um grande presente. Ficou triste porque Vlad não pôde comparecer, mas entendia que não era por vontade própria.

— Agora voltamos para a mansão, preparei um banquete delicioso. — loana fez a frente, começando a caminhar pela trilha.

Petru e Lana seguiram logo atrás da governanta, abraçados.

— À noite temos reserva em um restaurante. Preparei uma surpresa para você — sussurrou

o advogado ao pé do ouvido de sua amada.

— Não vejo a hora de anoitecer. — Ela sorriu, fitando-o com ternura. — Obrigada por estar aqui comigo, Petru.

— Eu é que agradeço por você ter surgido em minha vida.

Viktória observava o casal à sua frente. Eles estavam tão felizes, torcia para que permanecessem sempre assim. Não havia passado muito tempo desde que se conheceram, mas para eles não importava que fossem poucos dias, encontraram-se e amaram-se de imediato, não havia por que adiarem o que o coração tinha certeza que era certo.

— Por que está tão triste, menina?

Virando-se para fitar Alina, que caminhava ao seu lado, Viktória arqueou a sobrancelha, sem entender aquela pergunta.

— Por que acha que estou triste?

— Posso não ser uma praticante de magia, mas consigo ver a aura em volta de você. Ela está cinza, e quando está cinza, significa que o seu coração está partido. Há tristeza na sua alma. O que houve para que se sentisse assim?

— Eu me apaixonei por alguém que não deveria — confessou, diminuindo o ritmo das passadas, para que elas ficassem distantes de Petru e Lana.

— Ele é casado? — ousou perguntar.

Aquela pergunta era íntima demais para alguém que acabara de conhecer. Mas Viktória considerou que Alina, sendo filha de Ioana e mãe de Lana, poderia ser tão boa amiga quanto as outras duas eram. Ela sabia que a governanta e sua neta, apesar de compreenderem as razões que a fizeram se afastar de Vlad, também compreendiam as razões que levaram o vampiro a fazer o que fez. Elas o amavam e desejavam que Viktória o perdoasse. Talvez Alina tivesse uma perspectiva diferente.

— Não. Ele é um vampiro.

— Cometeu o mesmo erro que Mirela, apaixonando-se por Vlad. Ele não lhe corresponde os sentimentos, estou certa? Foi assim com sua bisavó.

— Na verdade, ele me ama...

Ela demonstrou surpresa.

— Então, o que há de errado?

Durante o trajeto até a mansão, Viktória compartilhou com Alina o seu breve romance.

— Eu amei um único homem em toda a minha vida. Entreguei-me a ele, e do nosso amor nasceu Lana. Mas o destino não permitiu que ficássemos juntos, ele precisou partir, mesmo dizendo

que me amava.

— Depois dele, a senhora não se apaixonou por mais ninguém?

Alina sorriu com tristeza.

— Mulheres como nós pertencem a um único homem, menina. Você não sabia?

— Do que está falando?

— Amamos uma única vez, Viktória. E quando aquele que nasceu para ser nosso partir, nenhum outro é capaz de substituí-lo. As bruxas não podem se entregar a mais de um homem, por isso, quando se entregam ao primeiro, é porque acreditam que será para sempre. Até que a morte os separe.

— Isso não faz sentido... Vlad não foi o primeiro homem a quem eu me entreguei. — Sentiu seu rosto enrubescer por compartilhar uma informação tão íntima.

— Mas é o único que você amou, estou errada?

Ela negou com um gesto de cabeça.

— Você, Viktória, desconhecia a sua origem mística. Não foi criada em nossos costumes. Entregou seu corpo a um homem sem que o amasse. Esse vínculo não teve valor nenhum — explicou-lhe. — Nós temos algo em comum, não passamos pelo ritual de iniciação. Embora sejamos descendente de bruxas, não somos bruxas. Eu poderia me envolver com outro homem, ter relações de âmbito sexual, mas não uma bruxa iniciada. O ritual de acasalamento é sagrado para os espíritos ancestrais, ele envolve o sentimento mais puro entre um homem e uma mulher: o amor.

— Não sei se entendo... — Seu povo era cheio de princípios diferentes do qual estava acostumada.

— Se uma bruxa iniciada se envolver com mais de um homem, ela perde seus dons. Deixa de ser apta a praticar magia. Você, por exemplo, se ainda tivesse idade para passar pelo ritual de transição, não poderia.

— Quem criou essa regra? — Havia indignação em seu tom de voz.

— Ama-se uma vez só. — Alina ignorou sua pergunta. — Eu amei um homem e, mesmo que não tenhamos ficado juntos por muito tempo, sempre o amarei. Se outro surgisse em minha vida, eu poderia até tentar, mas jamais o amaria com a intensidade que amei o pai de Lana. Aquilo que se tornou uma frase de efeito tem real significado: O primeiro amor a gente nunca esquece. Simplesmente porque nenhum outro que vem depois é tão verdadeiro quanto.

Viktória ponderou as palavras que acabara de ouvir.

Ela amava Vlad, apesar de toda a mágoa, o amava como nunca pensou ser possível amar alguém. Tinha esperanças de que ao se afastar dele, com o tempo poderia esquecê-lo e dar continuidade a sua vida. Talvez conhecer outra pessoa e um dia formar sua própria família. Daria

continuidade ao Legado de Alexandra, faria como Mirela fez ao engravidar...

— Espere! — Teve um lampejo de memória e logo assimilou o que Alina acabara de lhe revelar. — Foi por isso que Mirela não se casou. Ela se envolveu com um homem, mesmo amando Vlad. O fez para poder engravidar, mas, depois disso, permaneceu sozinha. Ela sabia que poderia perder seus dons, não é?

— Provavelmente, mas eu não a conhecia, então não posso afirmar com certeza. Se ela se entregou sem amor a um homem, mas permaneceu uma bruxa, é porque este homem foi o único que possuiu seu corpo.

— Aqui estão vocês! — Lana surgiu às pressas, no hall da mansão, interrompendo a conversa. — Vovó se superou desta vez, ela não mentiu quando mencionou ter preparado um banquete. Vamos lá?

**_ ♡ *_*_

Ao final da tarde, repousando em seu quarto, Viktória não conseguia parar de pensar no que Alina lhe contara.

Isso significa que, por mais que eu tente, jamais o esquecerei. Vlad é o único que amei... Que amo! Como eu posso seguir em frente, sabendo que não conseguirei arrancá-lo do meu coração? Como vou suportar viver amando-o, sem viver este amor? Será que sou forte ou teimosa o bastante para tentar?

A verdade, constatou Viktória, é que não queria. Não conseguiria esquecê-lo, nem viver sem ele, porque no fundo ela não desejava fazê-lo. Por isso o tinha evitado durante os dias que se passaram, porque vê-lo diante de si, sem tocá-lo, sem ter o corpo dele conectado ao seu, era doloroso. Preferia sentir saudade, do que se machucar tendo à sua frente o que tanto desejava, mas que impedia a si mesma de ter.

Vlad a amava, ele estava ali para ela e ela quase desistiu.

Mas, felizmente, acordou a tempo.

****VLAD****

Sinto-me um pouco fraco. A consequência da falta de sangue começando a dar sinais. O fato é que não quero sair da mansão para caçar enquanto Viktória estiver aqui. Ela irá embora dentro de alguns dias e cada minuto de sua presença é preciosa para mim. Mesmo que não perceba que tenho a observado em segredo, esgueirando-me pelos cantos como um fantasma, aproveito qualquer segundo perto dela. Sou um pássaro faminto em busca de qualquer migalha para aplacar minha fome.

O sol está quase se pondo e então poderei sair do sótão. Irei parabenizar Lana pela sua iniciação e então voltarei a fazer o que tenho feito desde que a mulher que eu amo começou a me odiar. Ela tem passado seu tempo na biblioteca, o que para mim é algo bom, pois há como me manter invisível entre todas aquelas prateleiras.

— Vlad...

Não pode ser verdade.

Meus sentidos não estão tão aguçados como de costume, sequer percebi que alguém estava se aproximando. Encaro Viktória diante de mim, enquanto estou sentado no sofá, segurando mais uma inútil garrafa de uísque. Ela está tão bonita, usando o vestido floral que evidencia o seu corpo perfeito. Eu amo quando ela deixa as pernas de fora, eu amo tudo nessa mulher, a bem da verdade.

Será que finalmente fiquei bêbado ao ponto de alucinar que ela veio até aqui, atrás de mim?

— Viktória...

Não me mexo, com medo de que ela desapareça diante de mim e eu me dê conta de que estava apenas imaginando coisas. Ela também continua inerte, mas se eu me concentrar o bastante, posso ouvir seu coração acelerado e a respiração arfante. É como se ela tivesse subido as escadas com muita pressa, então sei que ela é mesmo real.

— Se você quer mesmo que eu seja feliz, nunca mais minta para mim... — Há lágrimas em seus olhos e eu estou na mesma situação. — O amor que eu sinto por você não vai embora. A raiva passou, a mágoa está passando... Mas o amor que você despertou no meu coração, ele está aqui e não diminui, então eu não sei o que fazer.

Levanto-me e jogo deixo a garrafa de lado. Vou até ela e a tomo em meus braços. Eu queria deixá-la livre para seguir seu caminho, mesmo que isso significasse a minha infelicidade. Mas ela está aqui agora e vejo um fio de esperança para nós. Não posso deixar essa chance passar. Preciso que ela me perdoe, ela fique e me deixe amá-la, fazê-la feliz.

— Se pudesse apagar todos os meus erros, eu apagaria — digo, usando o meu polegar para secar a lágrima que escorre pelo seu olho. — Mas eu não posso, Viktória. Tudo o que posso

fazer é passar o resto da minha vida te amando e tentando fazê-la a mulher mais feliz do mundo.

— Comece agora, Vlad...

Ela me surpreende mais uma vez quando me puxa pela nuca e me beija com desespero. Sua língua invade minha boca e retribuo o beijo, deixando que toda a saudade acumulada seja substituída pela sua presença. Solto seu cabelo, deixando a cascata de fios castanhos cair sobre os ombros, para então pendê-la pela nuca, imitando o seu gesto. Com a mão livre, acaricio um dos seios por cima do vestido e a ouço gemer. Imediatamente, as mãos de Viktória percorrem meu corpo e descem para minha cintura, abaixando minha boxer com o intuito de liberar meu pau.

Antes que ela me toque e comece algo que não poderemos parar, seguro sua mão com gentileza e afasto-me do beijo, fitando sua expressão confusa.

— Preciso que me perdoe, Viktória — imploro. — Não vou suportar se, depois que estiver dentro de você, perceba que está cometendo um erro e vá embora. Tenho que saber que este é um recomeço, não uma despedida...

Ela sorri e meu coração volta a bater, sentindo que estamos no caminho certo.

— Te perdoei antes de subir até aqui, Vlad... Agora eu preciso que você me deixe tocá-lo...

— Te amo, minha doce Viktória. — Volto a beijá-la enquanto direciono sua mão até minha ereção.

Ter sua mão envolta do meu pau, é uma doce tortura. Uma doce e deliciosa tortura. Enquanto Viktória me masturba, aproveito para enfiar minha mão entre suas pernas e rasgo sua calcinha. Ela está tão molhada, o que me deixa ainda mais desesperado para tê-la. Nem parece que minutos atrás éramos o reflexo do sofrimento. É até engraçado como a vida pode nos surpreender e mudar de rumo em questão de segundos.

— Entre em mim, Vlad... — geme ao pé do meu ouvido. — Agora! — Guia o meu pau até sua entrada.

— Deixe-me deitá-la na cama. — Preparo-me para pegá-la no colo.

— Não, aqui, do jeito que estamos. — Ergue uma das pernas, apoiando-a em meu quadril.

Volto a beijá-la e impulsiono sua outra perna, fazendo com que ela as envolva em torno de mim. Penetro-a com força, de uma vez só. Nosso grito ecoa pelo sótão e eu não consigo me movimentar. O prazer de estar dentro dela novamente, não vence a fraqueza que sinto por não ter me alimentado há semanas.

— O que houve? — Está preocupada.

— Preciso me sentar — confesso, deixando o orgulho masculino de lado.

— Na mesa. — Aponta para a pequena mesa, próxima ao sofá.

Acato seu pedido e sento-me na mesa de centro, aproveitando para me livrar da boxer. Estou fundo dentro dela e volto a me concentrar no prazer que isso me proporciona. Viktória começa a rebolar em cima de mim e a expressão de seu rosto me deixa extasiado. Ela está completamente entregue. Quer tocar seu corpo, mas o vestido me impede e, num ímpeto de desespero, rasgo o tecido e a deixo toda nua. O movimento do seu quadril deixa-me ainda mais louco e pressiono minhas mãos em sua bunda, ajudando-a a manter o ritmo. Viktória me devora por completo, cavalcando deliciosamente em meu pau.

— Oh, Vlad... Senti tanto a sua falta! — murmura, enquanto acelera o ritmo.

Mordisco o seu mamilo e continuo a espalhar beijos por seu dorso molhado pelo suor, amo o perfume que sua pele exala, quando estamos assim tão próximos e delirantes pelo orgasmo que se aproxima.

De repente, ela para de se mover e, ainda apoiando os braços em meus ombros, afasta o seu rosto para me encarar.

— Deixe-me ver suas presas... — pede, arfante.

Fico tenso de imediato.

Por que ela tem que insistir nisso? Estávamos indo tão bem.

— Não posso fazer isso... Por favor, não me obrigue.

— Somente conhecendo o seu pior eu serei merecedora do seu melhor.

Fecho os olhos e absorvo suas palavras. Quando a encaro novamente, reparo sua expressão surpresa. Minhas pupilas estão completamente dilatadas e meus olhos quase se tornam negros. Sinto meus caninos crescerem, pois permito que minha sede de sangue se manifeste. Entreabro os lábios, apenas para que ela perceba a diferença, e prendo minha respiração, ansioso para saber o que ela está pensando, com medo de que finalmente se afaste e desista de mim.

— Não estou com medo, se é o que você quer saber. — Sorri, e recomeça a se movimentar.

Sorrio, agora quem está surpreso sou eu.

— Minhas presas te deixam excitada? — Não consigo acreditar!

— Muito.

— Você é louca!

— Louca por você, Vlad.

Prendo seus lábios com minha presa e sinto o gosto do sangue. FRANZO O CENHO, ela não tem medo de mim. Não sei se isso me assusta ou me agrada.

— Muito bem, amorzinho. Se você não se impressionou com o meu pior, deixe-me impressioná-la dando o meu melhor para te fazer gozar bem gostoso.

****VIKTÓRIA****

Estamos na banheira, depois de passarmos algumas horas na cama. Meu lábio inferior está inchado, devido a uma pequena escoriação causada pela presa de Vlad. Não foi intencional, mas sei que ele quis testar meus limites. Agora que sei como ele realmente é, sinto que não há mais segredos entre nós.

— Você está tão calada.

Escoro minhas costas em seu peito, encaixando minha cabeça em seu ombro.

— Apenas apreciando o momento — digo a verdade. — Estou feliz.

— Eu também. — Solta uma lufada de ar. — Pensei que nunca mais a teria em meus braços, estava tentando me preparar para lidar com a sua partida.

— Você está tão pálido, Vlad...

— Eu não me alimento tem algumas semanas. Tenho bebido muito uísque, o que eu pensava não ter efeito algum sobre mim, mas a verdade é nunca havia bebido tanto.

— Por que se sabotar desse jeito?

— Porque eu merecia me sentir um merda.

— Não fale assim!

— Fui um canalha prepotente. Não só com você, mas com Petru também.

— Vamos virar a página, sim? Eu não quero ficar relembrando o passado, pra mim já chega. Tudo o que desejo é viver o agora e construir um futuro.

Uma forte trovoadas ecoa pelo céu de Bran.

— Parece que a tempestade está voltando. Vamos nos vestir e providenciar algo para você comer.

— Tudo bem.

Saímos da banheira e Vlad usa uma toalha limpa para me secar. Gosto do cuidado que ele tem comigo e me sinto amada, cuidada. Observo-o enquanto executa sua tarefa com devoção.

— Você disse que deseja construir um futuro — menciona, enquanto seca meus cabelos. — Eu faço parte desse futuro, Viktória?

Pego a toalha que ele oferece e a enrolo na cabeça. De mãos dadas, voltamos para a parte do quarto e eu espero sentada na cama enquanto ele providencia roupas secas.

— Você ainda tem dúvidas sobre eu querer você em minha vida? — questiono.

Aceito a boxer e a camiseta que ele me oferece. Vlad já está vestido com uma calça de moletom preto e uma regata da mesma cor. Começo a me vestir, aguardando sua resposta.

— Eu, mais do que nunca, quero fazer parte da sua vida, amorzinho. — Aproxima-se e retira a toalha da minha cabeça, deixando-a cair no chão. — Mas você sabe o que isso implica, não é mesmo?

— O fato de você ser um vampiro e precisar matar bandidos para sobreviver? Ou a sua imortalidade? — Fito-o diretamente nos olhos. — Acho que posso lidar com isso.

— Também tem o fato de que não posso sair durante o dia e também não posso lhe dar filhos...

— Vlad, eu sei de tudo isso e já tomei minha decisão. Nós vamos ficar bem.

Mais uma trovoadas se faz ouvir e logo o barulho das árvores chacoalhando com a fúria do vento também ganham destaque.

— É o que eu mais quero, amorzinho. — Pega-me pela mão e caminha em direção à porta do sótão. — Que tal irmos lá pra baixo, providenciar nosso jantar? Está tarde e Petru levou Lana para a cidadela, com a tempestade se aproximando, eles devem pernoitar no apartamento dele. Já dispensei loana para que ficasse à vontade com sua filha.

— Vamos. Estou morrendo de fome.

De mãos dadas, caminhando pelo corredor da mansão, assusto-me com o barulho estrondoso do que parecia um raio, caindo muito perto daqui. O barulho se repete até que todas as luzes se apagam. Abraço-me a Vlad, buscando segurança.

— O gerador já vai começar a funcionar — tranquiliza-me.

— Vlad! Socorro!

A voz de Lana, desesperada, nos deixa sobressaltados.

— Vlad!

Ela está chorando, desesperadamente.

As luzes se acendem e sem tempo de me dizer qualquer coisa, Vlad desaparece em segundos.

Algo muito ruim aconteceu.

Algumas horas antes...

Tiro a venda dos olhos de Lana e sorrio ao vê-la se maravilhar com a surpresa que preparei para ela. A estufa aos fundos da propriedade conserva a plantação de rosas vermelhas, a flor preferida de Mirela Mészáros.

Tinha pensado em levá-la para jantar fora, mas verificando a previsão do tempo, observei que uma nova tempestade estava se aproximando e temia ficarmos isolados do lado de fora de Zsigmond. Com a ajuda de Ioana e Alina, preparamos o deque de madeira, ao centro da estufa, com um lindo cenário romântico. Jantar à luz de velas, música lenta, arranjos de rosas vermelhas espalhadas a nossa volta. Hoje será uma noite especial.

A música interpretada pela voz de BeBe Winans, *I Found Love*, traduz exatamente o que sinto por ela.

— Que lindo! — murmura, maravilhada com o cenário a sua volta.

Sorrio e estendo-lhe a mão, convidando-a para dançar.

Quando eu te encontrei... Encontrei alguém que se preocupa

Quando eu te encontrei... Encontrei a minha oração mais íntima

Quando eu te encontrei... Encontrei o sonho de todo coração

Quando eu te encontrei... Encontrei o amor

Quando eu te encontrei... Encontrei o resto da minha vida

Quando eu te encontrei... Eu disse a todos os outros, adeus

Quando eu te encontrei... Eu vi os meus medos voarem como uma pomba

Quando eu te encontrei... Encontrei o amor

Eu sei que o amor verdadeiro parece loucura

Mas valeu a pena esperar

Você é a única ... Unicamente minha

— Nós pulamos a parte do primeiro encontro e fomos logo para a ação. — Beijo sua testa.
— Por isso, queria te proporcionar este momento.

— É perfeito, obrigada. — Seus olhos estão marejados e sinto-me satisfeito por saber que consegui tocá-la no coração, emocionando-a com o meu gesto de amor.

— Eu te amo, Lana — vou direto ao ponto, com medo de que a emoção do momento me faça gaguejar ou não ser claro com os meus sentimentos. — É recente, é intenso, mas é amor. Disso eu tenho certeza.

As lágrimas cedem em seus olhos e eu a abraço, erguendo-a até que seus pés não encostem mais o chão. Caminho até o deque, onde as rosas estão dispostas em lindos arranjos e, somente

então, eu a solto.

— Eu nunca ganhei flores — confessa, ainda emocionada.

— Pois essas são todas suas.

Ela caminha pelo pequeno espaço, observando tudo com demasiada atenção, segura uma rosa entre o peito e inala seu perfume. Deixei os refletores da estufa apagados, apenas as numerosas velas eram responsáveis pela iluminação do ambiente. Lana fica ainda mais linda, na penumbra. Sua silhueta dando um efeito misterioso e místico ao lugar.

Ela para diante de mim e estende a rosa em minha direção, eu a aceito e dou-lhe um beijo singelo.

— Eu também amo você, Petru. Desde o primeiro instante. — Aponta para a pulseira que está sempre usando como adorno, mostrando o pingente de prata, em formato de coração. — Quando era mais nova, fiz este amuleto, nele há um ritual de reconhecimento. Eu queria descobrir o exato momento em que encontraria o homem da minha vida. — Desenrolou a fina tira de couro do seu pulso e abrindo minha mão, colocou-a sobre a palma, fechando-a em seguida. — Aquele dia, assim que você me chamou, de baixo da árvore, meu amuleto queimou sobre minha pele. Foi ali que eu soube que finalmente tinha encontrado o que tanto desejava.

Se fosse outra pessoa que me contasse essa história um tanto maluca, eu não acreditaria. Mas a mulher por quem me apaixonei tinha dons maravilhosos e eu jamais duvidaria da veracidade de suas palavras.

— Quero que fique com ela, porque eu não preciso mais. — Sorri abertamente. — Esse pingente representa meu coração e agora ele pertence a você.

— Então eu vou cuidar dele, com todo o amor que sinto por você — digo, pegando a tira para fazer um nó em sua ponta, pendurando-a em meu pescoço como um colar. — Agora seu coração ficará bem perto do meu.

— É onde ele deve estar, sempre.

— Vamos jantar? — Abraço-a pela cintura, puxando-a para colar seu corpo ao meu.

Seu sorriso malicioso me faz franzir o cenho.

— Que tal pularmos a parte do jantar e irmos logo para a ação? — Roçou seus lábios no meu. — Mais precisamente para a parte onde você me ama sob a luz das velas e o perfume das rosas.

**_ ♡ *_*_

O barulho do vento contra as árvores e as estridentes trovoadas, indicam que a tempestade está chegando. Visto minha roupa apressadamente e apago algumas velas. Recolho a roupa de Lana e me aproximo para acordá-la. Os raios estão ficando frequentes e não quero tê-la em um ambiente vulnerável.

— Lana, meu amor. Acorde.

— Humm...

— Vamos para a mansão, a tempestade está chegando, querida.

Ela finalmente abre os olhos e senta-se, passando as mãos pelo rosto, ainda sonolenta.

— Precisa se vestir.

Assim que ela termina de colocar seu vestido, peço que use o celular para iluminar a estufa e certifico-me de apagar todas as velas. Assim que me viro de costas para ela, um raio cai muito perto de onde estamos e fico nervoso, pois preciso levá-la em segurança para dentro de casa.

Apago a última vela no instante em que ouço vidros se partirem acima de nós. Alguma árvore deve ter desabado em cima da estufa, mas todos os meus pensamentos se voltam para a mulher que amo e assim que avisto a luz emitida pelo aparelho de tele móvel, corro em sua direção, jogando-me para cima dela, a fim de protegê-la dos estilhaços.

— Não! — Ouço o seu grito e de repente, sinto os cortes ferindo minhas costas e rezo para que eu tenha conseguido cobrir todo o seu corpo para que Lana não se machuque.

Minha visão está turva e sinto que estou fraco. Ouço a voz desesperada de Lana chamando pelo meu nome, mas não consigo responder. A última frase que a ouço pronunciar é:

— Mantenha-se acordado, meu amor. Eu vou buscar ajuda.

****CAPÍTULO DEZ****

Não foi preciso que Lana lhe explicasse o que estava acontecendo, pois o cheiro forte de sangue deixou os sentidos de Vlad em alerta.

— Não vá lá fora! — gritou para ela. — Eu trago ele. Chame sua mãe e Ioana, vamos precisar de toda a ajuda possível.

Ao chegar na estufa, o medo de que tivesse perdido seu amigo o dominou. Concentrou-se até que conseguiu ouvir os batimentos cardíacos de Petru, bastante fraco, mas ainda vivo.

— Não, não, não! Você não pode morrer agora, está me ouvindo? — vociferou, tirando os pedaços de vidro de cima do corpo caído no chão. Alguns estavam cravados sobre a pele e ele não os retirou, com medo de causar hemorragia.

Precisava removê-lo dali. A chuva havia começado e ganhava força, deixando Vlad apavorado por não saber como devia proceder para causar o menor dano possível a Petru.

— Lana. Leve a Lana para dentro, cuida dela...

— Ela está bem, Moldoveanu. Está segura. Agora vamos sair daqui.

— Não consigo me mexer, tire essas porcarias das minhas costas... Ah! — urrou ao sentir a dor aguda invadiu-lhe.

O vampiro sentia-se impotente diante da situação. Ele que já esteve em guerras e lidou com muitos soldados feridos, com os quais nunca se preocupou o bastante, como se preocupava com Petru. Calculou o tempo que levaria até a mansão e tomando uma decisão arriscada, começou a se movimentar o mais rápido que conseguia, usando de seus dons sobrenaturais para retirar os vidros. Apoiando Petru em seu ombro, como se o amigo pesasse pouco mais que uma pena, Vlad correu para dentro da mansão, ignorando chuva, trovões e o vento furioso. Parando somente quando entrou no hall do palacete, tudo o que conseguia pensar era que não fosse tarde demais para salvar Petru.

— Oh, meu Deus! — Viktoria assustou-se ao ver Vlad coberto pelo sangue de seu melhor amigo.

— Tragam lençóis limpos e a caixa de primeiros socorros, vou colocá-lo em cima da mesa. — Desapareceu em um vulto, levando Petru para a sala de jantar. A mesa era grande e ali teriam espaço para limpar os ferimentos e, se a emergência chegasse, seria mais fácil removê-lo.

— O telefone está mudo! A rede de telefonia móvel não tem sinal nem para chamada de emergência. — Lana se aproximou da mesa, aos prantos, doía no peito ver o homem que amava coberto de sangue.

De todo o jeito, com a tempestade, seria impossível que os serviços de primeiros socorros chegassem até a propriedade. Zsigmond ficava no alto de uma colina, o acesso estreito. O vento provavelmente já teria derrubado algumas árvores pelo caminho, impedindo a passagem de automóveis.

Ioana e Alina surgiram, trazendo o que Vlad solicitara.

Por mais experiência e a calma que aparentava por fora, a grã-mestre do clã Constantin sabia que o estado de Petru era grave. Enquanto limpava os ferimentos, com o auxílio de sua filha fazendo pressão contra o ferimento maior, tentando estancar o sangue que não parava de correr, Ioana lamentava-se por não poder fazer muito mais pelo menino que vira nascer e ajudou a criar.

Vlad não sabia como ajudar o amigo a sair dessa. Poderia suturar os cortes, após elas terminarem de desinfetar, mas o pedaço de vidro grande que ele tirara das costas de Petru, provavelmente, havia atingido um órgão. O melhor a fazer era tentar estancar o sangue e buscar ajuda, mas todas as probabilidades estavam contra eles.

Viktória tentava acalmar Lana, que chorava enquanto cantarolava algum tipo de mantra, na língua de seus ancestrais.

— Não há nenhum ritual que possa fazer para ajudá-lo no processo de cura?

— Está fora do meu alcance, meu senhor. É grave demais. Precisa de um médico...

Não havia como levá-lo a um hospital, todos ali estavam cientes do fato e temiam o pior.

— Ele não pode morrer! — gritou Lana, afastando-se de Viktória e indo até o homem que amava. — Petru, você não pode morrer depois de dizer que me ama, está me ouvindo?

O advogado mantinha os olhos fechados, mas soltou um gemido para manifestar que ainda se mantinha consciente e ouvira o que sua amada acabara de lhe dizer.

— Vlad, você tem que salvá-lo!

O vampiro encarou a jovem bruxa, confuso. Se houvesse uma maneira de salvar seu amigo com a qual ele pudesse contribuir, certamente não pensaria duas vezes.

— Lana, não há como fazer isso — interveio Ioana. — Vlad não pode transformar um humano em vampiro. É lenda, querida.

Mas a garota estava convicta de que poderia.

— Ele pode! — insistiu.

— Não, eu não posso.

Fitando Vlad como quem implorava pela própria vida, Lana sentenciou:

— Basta que você entregue a ele o Legado de Drácula! Torne-se humano para que Petru ocupe seu lugar. É a única maneira, mas os dois precisam querer.

O coração de Viktória quase parou ao ouvir o que Lana acabara de dizer. Vlad havia revelado a ela a possibilidade de ele se tornar humano, mas infelizmente o ritual de consagração não podia ser feito, pois não havia mais uma bruxa da linhagem Mészáros para realizar a cerimônia.

— Eu não quero morrer, não agora que tenho você na minha vida...

O sussurro quase inaudível de Petru fez Lana desmanchar-se em lágrimas.

— Isso não é justo! — Viktória correu para outro cômodo, sentindo-se sufocar ao ver o amigo naquele estado, sem poder fazer nada para ajudá-lo.

Vlad foi ao seu encontro e a amparou em seus braços, tentando acalmá-la.

— Ei, amorzinho. Olhe pra mim. — Segurou-lhe o rosto entre suas mãos. — Você está proibida de se culpar pelo que aconteceu. Está me ouvindo? Às vezes, a vida foge do nosso controle.

— Ele está morrendo, Vlad...

Ele não queria aceitar aquela verdade.

— Se houvesse um jeito de salvá-lo, faria sem pensar duas vezes — disse a ela. — Jamais permitiria que alguém da minha família partisse, se eu pudesse evitar.

Abraçaram-se, consolando um ao outro, passando solidariedade à tristeza que ambos sentiam e não sabiam como aplacar. De repente, Viktória se afastou dele, fitando-o com os olhos semicerrados.

— Ciprian Meszáros... Como ele morreu?

Vlad levou alguns segundos para assimilar a pergunta repentina de Viktória.

— Ele adoeceu com um dos vírus da época. Os médicos não souberam afirmar com certeza.

— Você poderia ter passado a ele o Legado? Foi por isso que Mirela saiu de Zsigmond, não foi? Seu filho estava morrendo e ela queria que você o salvasse, mas você não aceitou fazer o ritual.

Vlad sabia que mais cedo ou mais tarde teria que contar a verdade a ela. Não que estivesse lhe escondendo os fatos, apenas não tiveram a oportunidade, depois que se reconciliaram.

— Sim.

Ela o encarou, a decepção estampada em seu rosto.

— Como pôde ter sido tão egoísta? A imortalidade é tão importante assim pra você?

Ele deu um passo à frente, mas ela recuou.

— Viktória, não me julgue. Deixe-me explicar — implorou.

Ela negou com um gesto de cabeça.

— Agora não é o momento. Temos que dar suporte à Lana, que está perdendo o homem que ama e que, por acaso, é o seu melhor amigo! — Voltou para a sala de jantar, ignorando-o.

**_ ♡ *_*_

O tempo estava correndo, a tempestade não dava trégua e o sinal da rede telefônica ainda indisponível. Apesar de gravemente ferido e sem nenhum recurso para tornar o seu sofrimento menor, Petru se mantinha acordado, um pouco delirante, mas a voz de Lana o acalmava. Ioana e Alina continuavam a estancar o sangramento.

— Petru está morrendo e você pode evitar isso — a jovem bruxa insistiu mais uma vez, ao ver que Vlad retornara à sala de jantar.

Ele soltou uma lufada de ar. Não queria ser rude com ela, sabia que estava desesperada para salvar seu amado e tentava ser compreensível. Também estava sofrendo.

— Eu faria se pudesse, Lana. Mas é necessária uma bruxa descendente de Alexandra Mészáros para realizar o ritual de consagração. Viktória não é uma bruxa. — Doía ter que encarar a realidade. Não queria mencionar o fato de Viktória não possuir magia, mas Lana estava se descontrolando e ele precisava fazê-la entender que não estava ao seu alcance o que ela insistia ser possível.

— E se eu fizer o mesmo ritual que Alexandra fez com você? Diga-me o que preciso fazer e eu faço, Vlad! Não posso deixar Petru morrer, não posso!

As lágrimas derramadas por aquela garota eram como facadas em seu coração. O vampiro abraçou Lana e, sem conseguir se conter, também chorou.

— Eu sinto muito, Lana. Realmente sinto muito.

— Podemos tentar com uma bruxa de outro clã, Vlad. É nossa última esperança. — Ela não queria desistir.

Vlad sabia que não era possível, porque não bastava a prática de magia. Funcionou porque foi feito nele, que era a pessoa certa no ritual certo. O último cavaleiro da *Ordem do Dragão*.

— Outras bruxas já tentaram, minha querida — interveio Ioana. — Mas somente Alexandra conseguiu, você sabe disso, então aceite. Petru ainda está vivo, tenhamos esperanças de que logo essa chuva irá passar e buscaremos ajuda.

— Ele não vai suportar, vovó... — disse em um fio de voz, exausta demais para continuar argumentando.

— Já chega! — A voz de Alina Constantin ecoou no ambiente, fazendo com que todos voltassem sua atenção para ela.

— Sua filha está sofrendo, Alina — defendeu Viktória.

Mas a filha de Ioana tinha uma importante revelação a fazer.

— Lana pode fazer o ritual de consagração, se Vlad aceitar passar o Legado adiante e Petru aceitar recebê-lo.

Um brilho de esperança se acendeu no olhar de Lana, que fitava a mãe com expectativa. Ioana encarava Alina sem entender por que ela estava mentindo para a própria filha. Talvez quisesse tranquilizar Lana até que Petru finalmente partisse. Porém, Vlad não estava disposto a mentir para a jovem bruxa, mesmo que isso a fizesse sofrer.

— Acabei de mencionar que a única que pode fazer o ritual é uma bruxa descendente de Alexandra Mészáros.

— Lana é uma Mészáros!

— O quê? — O grito de surpresa foi de Ioana. — Como isso é possível?

Ela novamente detinha a atenção de todos à sua volta.

— Valeriu Mészáros é o pai de minha filha — afirmou Alina, com toda a confiança que conseguira reunir. — Lana e Viktória são irmãs. Portanto, descendentes de Alexandra. Lana pode realizar o ritual para salvar a vida do homem que ama. — Virando-se para o vampiro, ela foi direta: — Você está pronto para abdicar do Legado Drácula, Vlad?

Ele nem titubeou.

— Sim, eu estou.

**_ ♥ _*_*_

Viktória ainda estava assimilando a novidade de que Lana, a garota por quem tinha imenso carinho e já considerava uma grande amiga, era, na verdade, sua meia-irmã caçula. Sempre sonhou em ter uma família grande, mas nunca teve a oportunidade de ser adotada enquanto vivia no orfanato. Constanta não permitia. Tudo o que conseguia pensar no momento era: agora que encontrara a única família de sangue que possuía, não a deixaria ir embora.

Encaminhando-se para o quarto de sua antepassado, em busca do diário onde sua bisavó escrevera o ritual de consagração em forma de poema, Viktória tentava entender o que motivou Vlad a não passar o Legado para Ciprian, causando o afastamento de Mirela e reforçando o ódio de Constanta para com ele.

Egoísmo? Poderia ser, mas se assim o fosse, Vlad não faria o que estava prestes a fazer por Petru.

Entrando no quarto de Mirela, foi direto na gaveta da cômoda onde deixava a caixa de madeira guardada. Com pressa, pegou o diário e logo virou-se para retornar à sala de jantar. Assustou-se ao ver Vlad parado na porta, os braços cruzados, o corpo impedindo sua passagem.

— Mirela e Constanta me imploraram parapassar o Legado a Ciprian, elas sabiam como realizar o ritual e tinham as palavras-chave. Tudo o que precisavam era que aceitássemos fazê-lo.

Ela o fitou com atenção, sabia que ele lhe faria alguma revelação importante.

— O que te impediu?

Ele sorriu com tristeza.

— Eu não me recusei a passar o Legado adiante. Foi Ciprian que não quis recebê-lo.

Quem recusaria a imortalidade?, pensou ela. Mas apesar de não compreender os motivos de seu avô, acreditava que Vlad estava falando a verdade.

— Por que não?

Vlad entrou no quarto e se aproximou de Viktória, sem desviar o olhar.

— Constanta não tinha mais idade para ter filhos, já não haveria descendentes de sua parte. Ciprian não queria jogar a responsabilidade para cima de Valeriu. Ele perdeu a única mulher que amou, quando ela deu à luz seu filho. Seu avô não queria ser Drácula. Não queria viver para presenciar a partida de Mirela, Constanta e Valeriu, para morrer sozinho quando já não houvesse descendentes. Uma longa expectativa de vida, apesar de ser almejada pelo homem, nem sempre significa ser uma bênção. O ciclo natural da vida é nascer, crescer, envelhecer e morrer. Velhas vidas se vão para que novas possam surgir. Nem todo mundo está disposto a se sacrificar pela imortalidade, Ciprian era uma dessas pessoas. Mas esqueceu-se de revelar a Valeriu sobre o perigo de se envolver com mulheres sem magia. Devia tê-lo avisado, assim seu pai estaria ciente das consequências. De todo o modo, Valeriu teve duas filhas. Infelizmente, Ekatherina pagou o preço por não ser uma bruxa. Mas o meu egoísmo me impede de lamentar, porque se não fosse por ela, você não teria nascido.

— Mirela e Constanta não sabiam. — Não foi uma pergunta. — Você fez com que elas acreditassem que era você quem não desejava passar o Legado adiante. Fez com que Constanta te odiasse e Mirela se afastasse de você, indo viver naquela casa de repouso.

— Fiz uma escolha e assumi as consequências.

Quebrando a distância entre eles, Viktória abraçou Vlad com toda a força que possuía.

— Me perdoe. Eu te acusei de ser egoísta, quando na verdade tudo o que fez foi para proteger aqueles a quem você amava de um sofrimento maior.

— Isso já não tem importância. — Beijou-lhe o topo da cabeça, afastando-se para olhá-la nos olhos. — Vamos, está na hora de salvar Petru.

**_ ♥ _*_*_

— Este não é o ritual correto. — Ioana estava com o diário de Mirela, constatando após ler as palavras, que aquele poema não condizia com o ritual de transição do Legado.

— Trata-se do original, o que Alexandra usou para trazer Vlad de volta à vida. É necessário um segundo ritual onde Lana consagra Petru com seu sangue e passa a ele o Legado Drácula.

— Estamos ficando sem tempo — choramingou a jovem bruxa. — Petru concordou em receber o Legado, mas ele está cada vez mais debilitado, perdeu muito sangue e precisa estar vivo para o começo da cerimônia.

— Tem certeza que não há outro diário? — perguntou Vlad a sua amada. — Essas palavras não me são estranhas, mas tenho a impressão de já ter ouvido algo semelhante...

— Não há outro diário, não que eu tenha conhecimento. Estive na biblioteca e também não li nada que se parecesse com este poema.

— Lana...

Petru sentia que sua vida estava por um fio, mas tentava resistir, por Lana. Queria ter forças para esmurrar o destino sacana que brincava com a sua felicidade. Mas tudo o que conseguia fazer era murmurar o nome da mulher que tanto amava e com a qual não tivera chance de passar mais tempo.

— Petru, não me deixe... — As lágrimas escorriam incessantemente, o desespero ganhando forças e a esperança quase se esvaindo. Era injusto que, agora que descobrira ser uma Mészáros e a única capaz de realizar o ritual que salvaria a vida dele, não encontrassem as palavras-chave para a cerimônia de consagração.

Acariciando o rosto de seu amado, Lana fechou os olhos e disse a ele o quanto o amava, mas Petru não lhe respondeu. Vlad observava a cena com pesar, lamentando pelo amigo que tanto bem estimava.

De repente, ouviu o sussurro de uma voz conhecida repetir o que lhe dissera em um sonho: “No momento oportuno, entregue estas palavras à menina Mészáros.”

Lana era a menina Mészáros a quem Mirela se referia.

‘Nesta terra consagrada com o sangue dos meus ancestrais

Eu te consagro com o meu sangue.

Pelo sangue do dragão que a ti entrego

Eu rogo aos ancestrais que lhe concedam uma nova vida.

Grata aos espíritos ascendentes que iluminam minha trajetória

Peço que iluminem a sua quando despertares para o seu Legado.

Assim como eu sou serva da minha natureza mágica

Serás servo da sua natureza imortal.

O sangue de um injusto selará o seu destino

O sangue dos injustos será o seu alimento.

Despertaste do sono da morte durante a noite

E a ela agora você pertence.

A estrela da manhã irradia a luz da vida

*Mas esta vida não é mais a sua.
Serás fiel aos meus descendentes
Protegerá o meu Legado, pois este é o seu
Não serás ferido, nem sua vida será ceifada
Porque o sangue do último dragão corre em tuas veias.
E enquanto meu sangue existir nesta Terra
Você também existirá.
Bem-vindo de volta, Drácula'..."*

**_ ♥ *_*_

Estava tudo pronto para o ritual, Ioana auxiliava sua neta para que ela soubesse como proceder durante a cerimônia. Viktória e Alina se afastaram, mas observavam ao longe, rezando para que tudo desse certo e acabasse bem. Vlad prostrou-se ao lado de Petru, pronto para cumprir sua parte quando fosse o momento.

Contudo, ainda faltava o último detalhe.

— Alexandra usou o sangue de cinco injustos, no ritual. E a cantiga diz claramente: “O sangue de um injusto selará o seu destino. O sangue dos injustos será o seu alimento” — observou Vlad.

— Não é preciso que sejam cinco — explicou Ioana. — Você estava morto, meu senhor. Alexandra usou mais sangue porque precisava te trazer de volta à vida e o preço do sacrifício foi mais alto porque ela estava ressuscitando o último filho do dragão. Petru ainda está vivo, tudo o que precisamos fazer é uma troca.

— Que tipo de troca? — Viktória quebrou seu silêncio, preocupada que houvesse consequências irreversíveis.

— Tenho que dar a ele o meu sangue — explicou Vlad, evitando encará-la. — Sou o último cavaleiro da *Ordem do Dragão*. Venho de uma linhagem de guerreiros que lutavam para que a cultura mística não fosse extinta. Por isso nenhuma outra bruxa conseguiu realizar esta cerimônia, não bastava que fizessem o ritual corretamente, o único que tem o sangue do dragão correndo em suas veias, sou eu.

— Petru precisa morrer com o sangue do dragão em seu organismo, para que o seu corpo se torne o novo hospedeiro. Mas quando acordar, será preciso que beba o sangue de um injusto para completar o ritual — informou a grã-mestre do clã Constantin.

— Onde encontraremos um injusto a esta hora da noite, com essa tempestade lá fora? — Lana estava preocupada, pois Petru não estava reagindo mais à sua voz, embora Vlad afirmasse que ainda estava vivo.

— Torna-se um injusto aquele que ceifa a vida de uma pessoa inocente... — Viktória citou uma das frases que leu em um livro na biblioteca das praticantes de magia.

— Precisamos encontrar um assassino e dar ao Petru o sangue dele? — perguntou Alina.

— Vou atrás disso. — Vlad estava se encaminhando para sair da mansão.

Petru não aguentaria muito tempo, eles estavam demorando demais. Ele se odiaria pelo resto da vida se não conseguisse salvar seu amigo, agora que havia uma forma de passar seu Legado adiante.

— Eu faço — Viktória proclamou.

— Como é que você vai atrás de um assassino? — Alina não entendeu aonde Viktória estava querendo chegar.

A jovem senhorita Mészáros balançou a cabeça, em negativa.

— Petru precisa morrer com o sangue do dragão em seu organismo. Então eu o mato e me torno uma injusta, quando acordar, ele bebe o meu sangue. — Tentou mostrar firmeza em suas palavras, mas a verdade é que estava morrendo de medo.

— Definitivamente, não! — Vlad manifestou-se, impaciente.

— Essa decisão não é sua, Vlad! Além disso, quem garante que você chegará a tempo de salvá-lo?

— Ele pode matá-la! — Não salvaria o amigo se para isso tivesse que colocar a vida da mulher que amava em perigo.

— Não se tirarmos o sangue dela — interveio Ioana. — Ele não precisa beber direto da fonte.

Vlad lembrara-se de que não fora ele quem matou os cinco homens, mas Alexandra. Ioana estava certa.

— É perigoso — reforçou o seu desgosto.

— Vale o risco! — insistiu Viktória, convicta.

— Se você morrer, eu também morro. — Travaram uma batalha com os olhares fixos um no outro.

— Ninguém vai morrer esta noite, escutaram? — Lana recobrou seu equilíbrio emocional. — Ninguém! Vamos começar o ritual.

**_ ♥ _*_*_

Lana Constantin estava exausta. Nunca se esforçara tanto em um ritual como nos últimos cinco dias. Ser uma bruxa recém-iniciada significava que seus poderes ainda estavam se desenvolvendo, mas ela superou todas as expectativas, surpreendendo a grã-mestre do seu clã e a todos os presentes na cerimônia. Dependia dela a sobrevivência de seu amado, e grata por ter a oportunidade de salvá-lo, jamais se permitiria fracassar.

Não fracassou.

No momento em que os olhos de Petru se abriram novamente, exibindo as pupilas extremamente dilatadas, quase cobrindo o azul de suas íris, a jovem bruxa não cabia em si de felicidade.

A ideia de Viktória de se tornar uma injusta deu certo. Embora não houvesse má intenção quando usou um travesseiro para sufocar Petru, após ele ter bebido o sangue de Vlad, a meia-irmã de Lana tirou a vida de uma pessoa inocente. Foi necessário que o fizesse e, por mais difícil que tenha sido, ela foi bastante corajosa.

Para Vlad, a parte mais difícil foi ver o sangue de Viktória sendo retirado através de um corte no pulso. Ele, que vivera mais de quinhentos anos se alimentando do sangue humano, não suportava olhar para a cena. A mulher que amava sentia a necessidade de ser útil naquele processo de salvação, pois a culpa por não ser uma praticante de magia a corroía.

Ioana e Alina estavam orgulhosas de Lana. Em uma conversa, Alina contou à mãe e à filha como conhecera Valeriu e o porquê de sua decisão de não revelar a descendência de Lana, a não ser que fosse extremamente necessário. Alina conhecia a história dos Mészáros com o vampiro. Não queria a responsabilidade em cima de Lana, de ter que gerar descendentes pela obrigação de dar continuidade à linhagem de Alexandra. Valeriu não fazia ideia do seu histórico familiar, mas ela, sendo filha de uma bruxa que servia ao Conde Drácula, crescera ouvindo as histórias. Optou por manter segredo, criou Lana como a ajuda de Ioana e decidiu por não se iniciar na magia, contudo, nunca impediu sua menina de escolher o caminho que quisesse seguir.

A preocupação de Viktória não implicava o fato de ela ter se tornado uma injusta. Se pudesse voltar no tempo, não teria tomado outra decisão diferente da que escolhera. Ajudou a salvar Petru e sentia-se importante por tal feito. Cresceu sem saber que poderia seguir um caminho voltado a magia. Foi lhe tirado muito mais do que uma família, mas ela descobriu que não era tarde demais para se conectar com sua origem. Encontrou na Transilvânia a verdade sobre o seu passado, conheceu o homem da sua vida e ganhara uma meia-irmã e alguns amigos. Apesar das muitas perdas, os ganhos tornaram-se grandes recompensas.

O medo da jovem senhorita Mészáros estava voltado para Vlad. Não sabia como seria a transição dele. O ritual falava sobre o homem que receberia o Legado Drácula, mas não revelava nada sobre aquele que entregaria o Legado ao homem. Entre um ser sobrenatural que não podia ser morto a um ser humano comum com vida finita, havia uma grande diferença. Mas quando Petru retornou dos mortos, Vlad ainda permaneceu vivo, o que para ela foi um grande alívio e o fim dos seus piores temores.

A mansão Zsigmond nunca mais seria a mesma.

****O FIM É APENAS O COMEÇO****

O sol irradiava luz e reinava soberano no céu sem nuvens, por toda Bran. No sótão da mansão Zsigmond, Petru Moldoveanu refugiava-se em sua nova morada, observando Lana dormir. A garota que conhecera há poucas semanas havia transformado sua vida. Pensar que se não fosse por ela, Vlad e Viktória ele não estaria ali para zelar o sono da mulher que amava. Devia-lhes a vida e faria o que estivesse ao seu alcance para protegê-los e aos seus descendentes.

Ainda estava se acostumando com sua nova condição. Sentidos aguçados, força sobre-humana, velocidade... imortalidade. Não sentia mais fome, nem sede, nem sono. Não ficaria mais doente, nem envelheceria. Estava privado da luz solar e precisaria beber sangue humano para saciar as necessidades de sua nova biologia.

Lana remexeu-se na cama, abrindo os olhos devagar e ao vê-lo do seu lado, sorriu apaixonadamente.

— Bom dia, meu amor...

O abraço de Petru, carregado de carinho, a enchia de ternura. Não queria mais pensar que quase o perdera, viveria todos os dias de sua vida grata aos espíritos ancestrais por terem permitido que seu amor sobrevivesse.

— Bom dia. — Afastou-se para fitá-la nos olhos. — Pedi que sua avó preparasse o desjejum e enviasse pelo elevador.

— Estou morrendo de fome! — Passou as mãos pelo rosto e começou a pentear os cabelos com os dedos.

— Precisa se alimentar bem, você come por dois, agora.

A jovem bruxa franziu o cenho e o fitou intrigada.

— Você pode comer por si mesmo, Petru. — Piscou para ele. — Embora a comida não satisfaça a sua fome de verdade.

O vampiro sorriu abertamente. Desde que percebera o estado de sua namorada, esteve pensando em uma maneira de contar a ela. O destino mais uma vez havia preparado uma surpresa para o casal.

— Não estou falando de mim, Lana. — Segurou o rosto da amada entre suas mãos. — Você, minha querida, carrega no seu ventre um filho meu.

A garota assimilou as palavras que acabara de ouvir, calculando mentalmente se era possível que fosse verdade. Não havia completado um mês que se conheciam.

— Como você sabe? Estamos juntos há tão pouco tempo, eu não sinto nada de diferente no meu corpo.

— Não sei explicar como posso fazer isso, mas é verdade, consigo sentir que você está grávida.

— Isso é uma bênção, Petru! — Sorriu emocionada. — Um filho seu, nosso! Estou tão feliz.

Ele a beijou, acariciando sua barriga com carinho.

— Eu te amo, Lana Constantin. E esse é o começo de nossa vida, juntos. Não poderei te dar mais filhos, mas darei o melhor de mim para que nossa pequena família seja feliz.

— Eu também te amo, Petru. E sei que seremos muito felizes.

**_ ♥ _*_*_

— Está preparado?

— Sim, pode abrir.

Viktória estava de pé, diante da janela de seu quarto, segurando a cortina que impedia a claridade de entrar. Seria a primeira vez que Vlad iria se expor à luz do sol, desde que voltara a ser humano.

Ele se levantou da cama e caminhou até sua amada, abraçando-a pela cintura. Queria estar com ela naquele momento, havia mais de quinhentos anos que não via a luz do sol. Assim que Viktória afastou a cortina, o quarto foi iluminando-se com a claridade vinda da rua e ele fechou os olhos, sentindo o calor penetrar sua pele.

— E então? Como se sente?

— Humano.

— E isso é bom?

— É maravilhoso. — Mordiscou-lhe o lóbulo da orelha. — Não vejo a hora de caminhar pelo jardim de Zsigmond, durante o dia. Na verdade, há tantas coisas que eu desejo fazer, agora que sou um homem comum.

Viktória virou-se para ficar de frente para ele.

— Você se tornou humano, mas não é um homem comum, Vlad Drakulya. Pode não ser mais o Conde Drácula, mas é um homem extraordinário.

— Ainda sou um Conde, se quer saber. — Sorriu. — O título de nobreza não pertence ao Legado, mas a mim. Porém, como não posso me apresentar ao século XXI como um nobre da antiga província da Valáquia, permitirei que Petru fique com meu condado.

— Tenho uma dúvida, Vlad.

— Que dúvida, doce Viktória?

— Minha herança é mesmo real?

Vlad a pegou pela mão e juntos voltaram para a cama. Acariciando o rosto da mulher que amava, ele não conseguia parar de sorrir ao admirá-la.

— Sim. Cada centavo. Acumulei muita fortuna durante minha existência. O clã Mészáros soube administrar muito bem os negócios, e Petru também é um competente investidor.

— É muito dinheiro, Vlad. E não me pertence.

Ele deu de ombros.

— Não diga bobagens. Você é herdeira legítima de Mirela Mészáros, portanto, é tudo seu agora.

— Isso significa que posso fazer o que eu quiser, não é mesmo?

— O que pretende fazer? — respondeu com outra pergunta.

— Quero dividir com Lana. Se por ser filha de Valeriu Mészáros eu me tornei a herdeira, ela tem o mesmo direito.

— É justo. Vamos providenciar. — Beijou-lhe o nariz, indo em seguida para o queixo e começando a descer pelo torso. — E você, sabe o que eu pretendo fazer? — Sua mão ousada começou a traçar o caminho entre as pernas de Viktória, fazendo-a se contorcer entre os lençóis.

— Acho que tenho algumas sugestões, meu doce Vlad...

Ele começou a gargalhar, pairando sobre ela.

— Esqueça isso de “doce Vlad”, minha doce Viktória. Porque eu sou ardente, muito ardente.

Foi a vez de Viktória cair na risada.

— Isso eu não posso afirmar, querido. — Percorreu sua mão pelo corpo dele, até encontrar a ereção sob a cueca boxer. Apalpou com cuidado, sentindo-a enrijecer-se ainda mais. — Não tive a chance de provar o seu sabor, ao contrário de você, que já degustou meu corpo inteiro.

Saindo de cima dela, Vlad jogou-se para o lado, ficando de costas para o colchão. Tirou a cueca e começou a acariciar seu pau, enquanto Viktória se desfazia da camisola de seda e da minúscula calcinha de renda.

— Venha aqui, amorzinho. Deixe-me te apresentar o menu do dia.

— Que ótimo. — Sentou-se por cima dele e molhou os lábios com a língua, fitando-o com os olhos cheio de tesão. — Estou morrendo de fome.

**_ ♡ *_*_

Sete meses depois...

— São gêmeas! Duas menininhas Mészáros.

De volta à Transilvânia, depois de alguns meses no Brasil, Viktória contava as novidades para sua irmã, que já estava com a barriga protuberante, também grávida de uma menina.

— Isso é maravilhoso, Vik! — comemorou, abraçando-a. — O clã Mészáros está se fortalecendo. Daqui a alguns anos, estaremos na cerimônia de iniciação das nossas garotinhas.

— É verdade. Vlad está radiante, ele pensou que nunca teríamos filhos e, veja só, duas de uma única vez. Mãe Margarida e ele não param de comprar roupinhas e sapatinhos e ursinhos. Eles estão me enlouquecendo!

Desde que contara para Vlad sobre a gravidez, Viktória conheceu um outro lado do homem por quem havia se apaixonado. Ela que pensava já ter conhecido o seu melhor, surpreendia-se a cada dia, descobrindo o quanto ele era maravilhoso. Margarida amou o genro desde o instante em que o conheceu, e com a gravidez, o zelo que os dois tinham para com ela, era em proporções estratosféricas. Mas Viktória não podia mentir, amava aquela superproteção toda. Finalmente fazia parte de uma grande e feliz família.

— Já escolheram os nomes? — Lana quis saber.

— Sim. Vlad escolheu Margarida e eu escolhi Ekatherina.

Era uma forma de homenagear a mulher que lhe deu a vida, e a outra que a salvou.

— Não poderiam ter feito escolha melhor, Vik.

As irmãs caminhavam pelo jardim de Zsigmond, no final da tarde de uma sexta-feira.

Vlad e Viktória, acompanhados de Margarida, foram à Transilvânia para a cerimônia de matrimônio. Queriam que esta fosse realizada conforme a tradição das praticantes de magia. Petru e Lana haviam se casado dias depois do ritual de consagração, mas Vlad fez questão de pedir a mão de sua amada para a mãe adotiva. Naquele mesmo dia, tão logo o sol se escondesse no horizonte, seriam finalmente marido e mulher, com a bênção dos espíritos ancestrais.

— E Mikhaela, como está?

Lana acariciou a barriga com carinho, ao ouvir o nome de sua filha. Petru também escolheu homenagear a mãe, dando à sua menina o nome dela.

— Louca para conhecer o mundo aqui fora.

Pararam sob uma árvore e sentaram-se no banco de madeira, que fora colocado ali por ordem de Petru, sabendo que era o lugar preferido de Lana para ler os grimórios e escrever seu diário.

Em silêncio, as descendentes da linhagem de Alexandra Mészáros fitavam a imponente mansão Zsigmond, a propriedade que um dia foi abandonada por seus donos e servia de refúgio para um vampiro solitário e cheio de remorsos, mas que agora era o lar de uma grande família feliz, que não parava de crescer.

Em uma tenda, no jardim de Zsigmond, a grã-mestre do Clã Constantin abençoava o casal recém-casado. Enrolando em volta deles uma grande tira de rosas vermelhas, Ioana recitava o ritual que havia criado especialmente para Vlad e Viktória.

“Dois corpos, um só coração.

Duas almas que se encontraram e fundiram-se no mais puro e verdadeiro amor.

Duas vidas que o tempo foi capaz de reunir.

Dois caminhos que o destino encarregou-se de cruzar.

O filho do dragão.

A filha da natureza.

Abençoados pelos ancestrais.

Que seja pleno o seu futuro e o de seus descendentes.”

— Eu te amo, minha doce Viktória — Ela leu nos lábios de seu esposo, a frase que ele dizia todos os dias, assim que ela acordava, e todas as noites, antes de ela dormir.

****EPÍLOGO****

Anos depois...

Ela sentiu a ereção roçando em sua bunda, tentando-a ao pecado logo pela manhã. Ainda de olhos fechados, fingiu que continuava dormindo e inclinou-se ainda mais contra ele, ouvindo o gemido de tesão escapar-lhe dos lábios.

— Minha doce Viktória, a quem você quer enganar? Eu sei que está acordada.

— Não estou. Meus olhos ainda não se abriram...

Quando a mão atrevida de Vlad alcançou sua abertura entre as pernas, foi a vez de Viktória soltar seu gemido de excitação.

— Estava tendo um sonho erótico com o seu marido? — ele sussurrou ao pé de seu ouvido, mordiscando em seguida o lóbulo da sua orelha. — Tão molhada, logo cedo...

— A culpa é sua, e do seu pau.

Os dedos de Vlad começaram a explorar e a senhora Mészáros Drakulya movimentou seu quadril, em sintonia com a mão de seu esposo, que a torturava com os dedos. Ela amava ser acordada daquela maneira, não havia nada melhor que um orgasmo matinal para lhe dar energia e assim enfrentar seu dia.

— Mais forte, Vlad...

— Não, não, não... Eu não estou te recompensando. Você está sendo castigada, minha amada esposa.

Viktória estava quase gozando, precisava que ele pressionasse um pouco mais, no lugar exato, e assim ela se desmancharia por completo.

— O que eu fiz? — murmurou, ainda de olhos fechados.

— Você dormiu e me deixou na vontade. Tentei te acordar, mas sem sucesso. Fui dormir de pau duro.

Ele não parava de penetrá-la com dois dedos, conhecendo o seu corpo, sabia onde não devia tocar para lhe retardar o orgasmo.

Saber que estava sendo privada do seu êxtase deixava Viktória ainda mais entorpecida. Era difícil manter um diálogo quando estava louca para gozar.

— Eu me sentia exausta, Vlad. As garotas estavam eufóricas com os preparativos para a iniciação da prima.

Vlad parou com os movimentos, retirando os dedos de dentro dela. Pairou sobre o corpo da

esposa, prendendo suas mãos ao lado da cabeça. Estava nu, seu pau roçando a pélvis dela, por cima da camisola de seda, amarrotada sobre a barriga. Viktória sempre dormia sem calcinha e ele adorava que tivesse passe livre para deliciar-se com a boceta da esposa, quando tinha a oportunidade.

— Daqui a alguns meses será a vez delas, então imagino que estejam ansiosas.

— Além disso, ser mãe de um garotinho de dez anos que insiste que será um bruxo é bem desgastante.

Fitaram-se com cumplicidade, sorrindo um para o outro.

— Eu te amo, minha doce Viktória.

Ela sabia, não lhe restava a menor dúvida. Vlad passara mais de vinte e um anos lhe provando isso.

— Se você me ama de verdade, vai me deixar gozar cavalcando no seu pau. Eu mereço isso. Sou uma mãe quarentona que te presenteou com quatro lindos filhos. — Sorriu com malícia.

— Acho que a mamãe quarentona não sabe fazer cálculos... — zombou.

— Tudo bem, o quarto filho ou filha, eu ainda não sei se será lindo como os outros. Mas observando a genética da nossa prole, podemos apostar que será mais uma beldade Mészáros Drakulya.

— Você está grávida?

Viktória caiu na gargalhada ao ver a expressão de surpresa do marido.

— Acho que o papai de quinhentos e cinquenta e oito anos está mais lento do que eu, quando percebi que você era um vampiro!

— É por isso que está tão radiante nas últimas semanas. Você sempre fica mais linda quando está esperando um filho meu. — Sorriu abertamente, sentindo-se o homem mais feliz do mundo. — E sonolenta, muito sonolenta.

— E morrendo de tesão quando acordo pela manhã.

— Disso eu bem me lembro, amorzinho. — Soltou sua esposa e deitou-se de costas para o colchão, ao lado dela. — Venha aqui, vem.

E ela foi, sentou-se em cima de sua ereção, sentindo a glândula roçando em sua entrada molhada. Adorava aquela sensação que precedia o ato. Segurando o rosto de Vlad entre suas mãos, Viktória inclinou-se para beijá-lo.

— Você é o amor da minha vida. Eu amo você e a família linda que nós construímos juntos — disse entre as lágrimas emocionadas, ao encerrarem o beijo.

Vlad se sentou no colchão, mantendo Viktória sobre ele. Segurando-a com firmeza pela

cintura, acariciou seu rosto, usando a mão livre.

— Nada é mais importante para mim do que nossa família. Agora entendo por que vivi muitos séculos, sem me prender a uma mulher, foi porque eu estava esperando você nascer pra mim.

Fechou os olhos assim que Viktória começou a se abaixar, encaixando sua boceta no pau que pulsava de tanta excitação. Ele mal conseguira dormir à noite, observando a esposa dormir com aquela camisola sexy, e nada pôde fazer a respeito. Recusou-se a se masturbar, queria guardar toda aquela vontade para usufruir com ela, afinal, era Viktória que despertara nele o desejo insano, e ela também merecia desfrutar do momento de entrega e alívio. A senhora Mészáros Drakulya podia não ser uma praticante de magia, mas ela conseguia enfeitiçá-lo, e, juntos, praticavam o ritual mais sagrado e satisfatório que conheciam: O do acasalamento.

**_ ♡ *_*_

Quando Lana implorara a Vlad que passasse o Legado Drácula a Petru, sabia que, assim que o homem por quem estava perdidamente apaixonada se tornasse um vampiro, a vida deles mudaria por completo. No momento, não passou por sua mente que ele não poderia ter filhos, e que um dos seus maiores sonhos era ser mãe. Mas quando o destino quase lhe tirou aquele que nascera para ser o seu homem, Lana teve consciência de que alguns sacrifícios precisavam ser feitos. A sua felicidade tinha um preço muito alto, mas ela estava disposta a pagar e não se arrependeu nem um pouco.

Contudo, o mesmo destino que quase destruiu o seu mundo tinha planos para a jovem bruxa, recém-iniciada. Quando Petru tornou-se um vampiro, Lana já carregava em seu ventre uma filha: Mikhaela Moldoveanu Constantin. A criança que tinha em seu sangue a descendência de Alexandra Mészáros.

Os anos se passaram e a linda garotinha de cabelos dourados e olhos azuis, herança genética do pai, tornou-se uma jovem ainda mais bonita e dona de uma personalidade muito forte. Criada dentro dos costumes da cultura mística, a jovem bruxa estava pronta para o seu ritual de iniciação.

Lana acordou cedo e não encontrou Petru ao seu lado na cama. A mansão Zsigmond havia passado por uma grande reforma desde que ele havia assumido o Legado que antes pertencera a Vlad Drakulya. O mesmo sistema de blindagem nas janelas do sótão foi instalado em todos os cômodos da propriedade. Petru tinha liberdade para transitar pela mansão durante qualquer hora do dia.

A senhora Moldoveanu Constantin levantou-se e foi ao toalete para sua sessão de higiene matinal. Já no banho, deliciava-se com a água morna, quando sentiu um corpo másculo pressionar-se contra o dela. O abraço possessivo e carinhoso de seu esposo a fez sorrir. Amava quando ele lhe surpreendia daquele jeito.

— Bom dia, meu amor.

A voz de Petru, rouca e cheia de lascívia, denunciava o que ela já sabia ao sentir o membro roçando em seu quadril: Ele desejava possuir seu corpo. Virando-se de frente para Petru, Lana mordeu-o no queixo, já que era mais baixa e precisava levantar os pés para tentar alcançar os lábios do marido.

— Bom dia. Onde você estava? — Deslizou sua mão para baixo, até alcançar seu objeto de desejo. Começando a acariciá-lo, observava as expressões faciais de Petru se alterarem.

Sorriu, satisfeita. Amava a forma como ele reagia ao seu toque. O poderoso e imortal Petru Moldoveanu desmanchava-se nas mãos de uma ousada bruxa.

— Fui acudir Ioana na cozinha. Sua avó insiste em preparar o desjejum e recusa a ajuda das copeiras. Mas nem mesmo ela, a grã-mestre do clã Constantin, aguenta três bruxinhas adolescentes tagarelando sem parar, enchendo-lhe de perguntas sobre o ritual de iniciação.

— Tão cedo e elas já estão acordadas? O dia será muito agitado! — Mordiscou-lhe o mamilo, ainda focada na masturbação.

Petru soltou um gemido e começou a retribuir a carícia íntima de sua esposa. Sempre gentil ao explorá-la com os dedos, não via a hora de deixá-la pronta para recebê-lo dentro dela.

— Eu acho que elas nem dormiram.

— Não quero ninguém bocejando durante o ritual de iniciação. Sou capaz de dar um chá sonífero para elas dormirem até o pôr do sol!

Petru começou a rir.

— Não se preocupe com isso, amor. Sua avó já cuidou de tudo. — Retirou os dedos de dentro dela e afastou-se um pouco, o suficiente para desligar o chuveiro. — Vamos voltar para a cama!

Pegando-a no colo, Petru carregou sua esposa até a cama de dossel, jogando-a com delicadeza. Lana abriu as pernas e começou a se tocar, provocando o marido. Sabia que ele adorava vê-la se dando prazer, e ela adorava observá-lo se masturbando enquanto bancava o voyeur.

— Nunca me canso de te olhar brincando com sua boceta. Fico tão louco...

— Venha aqui, Petru. Eu não quero mais brincar sozinha.

O convite foi recebido de bom grado, o vampiro se movimentou com uma rapidez sobre-humana, deitando-se sobre ela, sugou-lhe um dos mamilos enquanto verificava o quanto estava úmida entre as pernas.

— Minha garota está sempre pronta para mim...

— Eu já não sou mais uma garota — murmurou ela, deliciando-se com o toque dos dedos que lhe penetravam. — Mas você continua exatamente igual a quando nos conhecemos.

Aquela era uma questão delicada. Eles já haviam conversado sobre o assunto e decidiram não pensar tão longe, para aproveitarem o tempo juntos, um dia de cada vez.

Afundando dois dedos dentro dela, buscando atingir o seu ponto de ebulição, Petru fitou Lana nos olhos, mostrando a ela o fundo da sua alma refletido em suas íris.

— Você está mais linda, mais gostosa e mais sábia. E eu, minha cara esposa, estou muito mais apaixonado por você. Embora pareça o mesmo por fora, tenha certeza que por dentro eu mudei. Sou pai, marido, sou um homem feliz porque encontrei a minha felicidade em você.

— Quero que me diga isso daqui a vinte anos... — gemeu.

— Eu direi todos os dias, se for necessário. — Retirou seus dedos de dentro dela, chupando-os de forma explícita. — Ioana está com noventa e quatro anos, Lana. E ela parece uma senhora de setenta. Eu achava incrível o fato de Mirela ter vivido até os cento e dois anos, mas agora eu sei que isso se dá ao fato de vocês serem praticantes de magia. É como um presente dos ancestrais. Além disso, você não aparenta ter mais de quarenta anos e sabe disso. Parece irmã da sua própria filha.

— Tenho medo de envelhecer... — confessou.

Medo ele tinha era de perdê-la.

— Eu vou meter meu pau fundo em você, senhora Moldoveano Constantin. Vou expulsar esse medo — mudou de assunto. — Não vamos quebrar o clima nos precipitando com um futuro que ainda está longe. Nós prometemos, lembra?

— Desculpe. Tudo vai ficar bem.

Sem dizer nada, Petru beijou Lana com paixão, fazendo-a esquecer o próprio nome. Logo o tema delicado daquela conversa foi esquecido, e o fogo do desejo que ardia em torno deles tomou conta de todo o quarto. Pertenciam um ao outro, para sempre. O sempre, um dia, acabaria para ela, mas ele a levaria em seu coração enquanto este batesse dentro do seu peito.

— Eu amo você, Lana.

— E eu amo você, Petru.

Era tudo o que importava.

*****PETRU MOLDOVEANU****

100 ANOS DEPOIS...

As reformas na mansão Zsigmond estavam concluídas e os preparativos para mais um ritual de iniciação, indo de vento em popa. Para o Conde Drácula, um motivo de orgulho. O clã estava fortalecido e as garotas ansiosas para a consagração.

Os homens do clã reuniram-se na biblioteca, para admirarem o trabalho iniciado por Viktória Mészáros, a primeira descendente a informatizar toda a história dos ancestrais. Graças a ela, o banco de dados da cultura mística era o mais completo. Em um sistema de última geração, todos os clãs tinham acesso aos documentos uns dos outros e a comunicação entre as famílias tornou-se um grande vínculo. Uma cultura milenar havia se reerguido secretamente e continuava sua missão pela Terra. Apesar de o mundo estar diferente, eles ainda se mantinham firmes para que o equilíbrio se estabelecesse. Faziam a sua parte no ciclo natural.

Alexandra se aproximou do bisavô, que fitava com admiração a bela pintura pendurada em um quadro, no imenso corredor da mansão. Sabia que o Conde tinha saudades, aquela mulher havia sido a mais importante para ele.

— Ela deve estar muito orgulhosa do meu senhor. — Abraçou o homem, que sabia que ela estava ali, sem mesmo tirar os olhos da pintura.

— Sua bisavó era maravilhosa.

— E linda!

Ele sorriu para a bisneta.

— A beleza de Lana todas vocês herdaram, meu amor. Assim como suas primas herdaram a beleza de Viktória.

Alexandra Moldoveanu Constantin era a atual grã-mestre do clã Constantin. Mesmo sendo descendente de uma Mészáros, assim como sua bisavó, Lana Moldoveanu Constantin, o sobrenome do Conde Drácula e o da família materna de Lana eram os predominantes. A filha bastarda de Valeriu Mészáros nunca conheceu o pai, mas sentia-se honrada por ter o sangue de Alexandra Mészáros nas veias, pois foi esse sangue que salvou o homem que amava da morte prematura. Nenhuma descendente de Petru e Lana mudou o sobrenome após se casarem, era uma homenagem ao casal que tanto admiravam. O vampiro mantinha-se imortal enquanto os descendentes de Alexandra Mészáros vivessem, e agora havia duas famílias com o sangue da ancestral.

— Aqui estão vocês! — a voz delicada de Mirela ecoou pelo corredor.

Petru e Alexandra voltaram-se na direção da grã-mestre do clã Mészáros. A senhora de cabelos grisalhos e sorriso amistoso era imagem e semelhança de sua antepassada. Petru

lembrava-se muito bem e, às vezes, sentia como se elas fossem a mesma pessoa. Mirela Mészáros Drakulya tinha muitas semelhanças com sua melhor amiga.

As primas se abraçaram, cumprimentando-se. Desde crianças, eram muito ligadas uma à outra. Foi assim que os dois clãs prosperaram desde o início. Lana e Viktória, tornaram-se grandes amigas mesmo antes de descobrirem serem irmãs. Criaram suas filhas juntas, para que crescessem tão amigas quanto elas e os pais, Petru e Vlad, eram. E assim, os filhos delas fizeram, e os netos, e os bisnetos, e agora os tataranetos que começavam a formar suas famílias.

— Seja bem-vinda de volta a Zsigmond, Mirela — cumprimentou o vampiro, abrindo os braços para sua sobrinha.

— Meu senhor, preciso que me passe o nome do creme antirrugas que está usando! — brincou a senhora, abraçando o tio, que mais parecia ser um sobrinho seu. — Cada vez que nos encontramos, tenho a sensação de que está mais jovem e bonito.

— Confesso que andei passando por alguns procedimentos estéticos, desde que soube que minha propriedade estaria abarrotada de lindas mulheres!

Os três caíram na gargalhada e abraçaram-se enquanto ainda riam.

Era isso que deixava o vampiro feliz. Ver que sua família era unida e amorosa uns para com os outros. A cada ritual de iniciação, todos os Moldoveanu Constantin e Mészáros Drakulya reuniam-se em Zsigmond. Eram os quinze dias mais felizes da vida de Petru. Apesar de os anos se passarem e ele testemunhar a partida de uns, também tinha o privilégio de presenciar o nascimento de outros. Todas as descendentes pariam seus filhos em Zsigmond, e todas as jovens bruxas da família passavam pelo ritual de iniciação também na propriedade.

Petru caminhava pelo corredor, abraçando Mirela e Alexandra, uma de cada lado. Pararam diante dos quadros de Vlad e Viktória, admirando a beleza do casal ancestral.

— Eu amo olhar para os dois — confessou Mirela, com os olhos marejados. — Lucius está tão parecido com Vlad.

— Pois saiba que o seu filho tem o mesmo bom humor que o tataravô dele.

— Obrigada, meu senhor.

Ele não entendeu, ela o estava agradecendo por chamar seu filho de mal-humorado?

— Pelo que, Mirela?

— Por proteger o Legado de Alexandra Mészáros e por honrar o Legado Drácula.

Sorrindo, ele sentenciou:

— Há muito tempo que os dois Legados tornaram-se um só.

**_ ♥ _*_*_ **FIM** _*_*_ ♥ _*_*_

A AUTORA

Tara Lynn O'Brian é uma paranaense de vinte e oito anos, apaixonada por leitura. Recentemente aventurou-se na escrita e publicou no Wattpad seu primeiro romance, intitulado “Indecente, imoral e perigoso”, que se tornou um sucesso na plataforma.

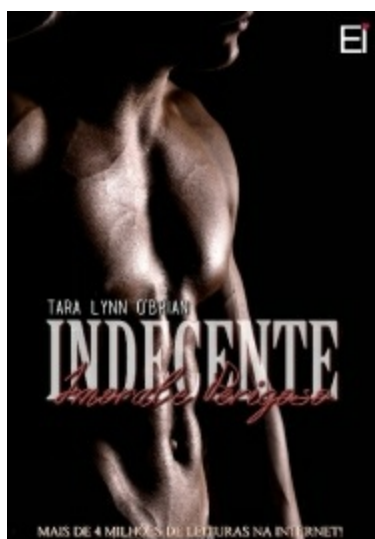
Do signo de Libra, Tara Lynn gosta de tranquilidade e estar perto da família lhe faz muito bem. Residente na cidade de Castro-PR, ela vive com o marido e um cachorro. Gosta de manter a vida pessoal reservada, mas dedica boa parte do seu tempo comunicando-se com os leitores que conquistou na internet.

Facebook: /taralynnbr

Wattpad: / TaraLynnObrian

Instagram: /taralynnbr

OUTRAS OBRAS DA AUTORA



INDECENTE IMORAL E PERIGOSO

Ela era proibida, mas tudo o que é proibido é mais gostoso. Não é o que diz o ditado? Lucas Marinho adorava encontrar uma brecha para justificar suas ações.

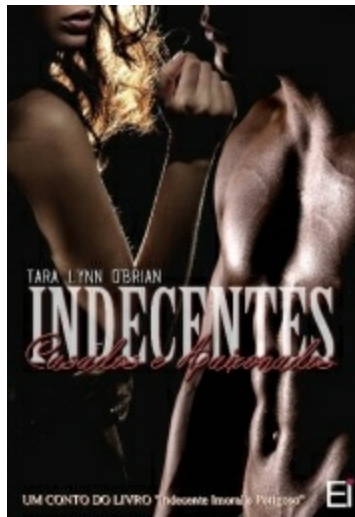
— Não é uma questão de escolha, mas uma questão de tempo. No momento em que eu determinar, você será minha.

Lucas Marinho está acostumado a ter suas vontades realizadas. Filho único, aos vinte e oito anos, é herdeiro de uma franquia milionária de oficinas mecânicas para carros de luxo, ele ama velocidade e é apaixonado pelas mulheres. Dedicado nos negócios e insaciável na cama, jamais aceita um não como resposta.

Nora é uma garota simples, filha de pai solteiro, um gentil jardineiro que trabalha há anos na mansão da família Marinho. Após concluir o ensino médio em um colégio de freiras, ela vai morar com o pai em uma casa aos fundos da mansão imponente. Sem condições para pagar a faculdade, tudo o que Nora deseja é arrumar um emprego e juntar dinheiro para custear seus estudos. Ao conhecer Nora, Lucas viu-se obcecado pela garota. O fato de ela ter dezessete anos não o impediu de desejá-la. Ele não conseguia impedir que sua mente e corpo inflamassem cada vez que a encontrava.

Nora sabia que Lucas era problema, ele não fazia questão de dizer o contrário. Ao mesmo tempo em que os sentimentos que começava a sentir por ele a assustavam, ela não conseguia ficar longe.

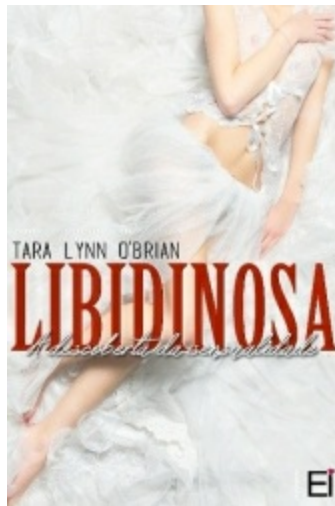
Indecente, imoral e perigoso, traz a história de duas pessoas completamente opostas, mas dispostas a driblar suas diferenças para viver uma paixão irrefreável.



INDECENTES CASADOS E APAIXONADOS

Um conto do livro "Indecente, imoral e perigoso".

Nora Sampaio e Lucas Marinhos irão, finalmente se casar!



LIBIDINOSA – A DESCOBERTA DA SENSUALIDADE

Explorar seus desejos mais secretos e desinibir sua sensualidade, não estava nos planos de Samanta quando chegou a casa de seu pai, para uma semana de férias. Paco, o vizinho de sorriso sedutor e olhos negros carregados de cobiça, lhe recepcionou de uma maneira inesquecível.

— *O que pretende fazer agora que sabe que sou solteiro e moro sozinho, Samy?*

— *Por que a pergunta, Paco? Você gostaria que eu fizesse algo a respeito?*

— *Eu gostaria sim, gostaria muito. Muito mesmo.*

Um conto inédito, por Tara Lynn O'Brian